

AUTORA DE ESTRANHA PERFEIÇÃO

ABBI GLINES

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman is on the left, leaning towards the man on the right. They are both looking at each other with soft expressions. The background is softly blurred, showing what appears to be a window with light coming through.

Simple
PERFEIÇÃO

Você abriria mão da sua felicidade
pelo amor da sua vida?



Simple
PERFEIÇÃO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ABBI GLINES

Simple
PERFEIÇÃO



Título original: *Simple Perfection*

Copyright © 2013 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon revisão: Renata Dib e Melissa Lopes diagramação: Adriana Moreno capa: Rodrigo Rodrigues imagem de capa: Jon Feingersh/Alamy/Latinstock eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476s

Glines, Abbi

Simple perfeição [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Simple perfection Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-358-8 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia.

II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

14-

17426

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para o meu marido, Keith.
Obrigada por ser o meu porto seguro.*

Woods

Minha mãe não trocou uma palavra comigo durante o funeral. Eu estava lá para confortá-la, mas ela me deu as costas e se afastou de mim. Havia muitas coisas que eu esperava na vida, mas essa não era uma delas. Nunca. Nada do que fiz afetara a vida da minha mãe. No entanto, ela ajudou o meu pai quando ele tentou destruir a minha.

Vê-lo deitado no caixão não me abalou da forma como eu imaginara. Ele magoou Della e eu jamais o perdoaria por isso. Mesmo morto, eu nunca me esqueceria do que ele havia lhe feito. Ela era o centro do meu mundo agora.

Minha mãe notou a falta de emoção nos meus olhos. Eu não sabia fingir. Não mais. Uma semana antes, eu havia me afastado da vida deles sem um pinga de remorso. Foi fácil deixar tudo para trás. Meu foco era outro desde que Della Sloane entrara na minha vida e mudara tudo. Ela havia se tornado o meu vício. Fiquei completamente apaixonado por Della e sua estranha perfeição. Uma vida sem ela não fazia sentido. Muitas vezes me perguntava como as pessoas que não a conheciam conseguiam ser felizes.

Com a morte repentina do meu pai, a vida para a qual eu acabara de lavar as mãos estava sendo depositada completamente sobre os meus ombros. Della ficou ao meu lado desde o instante em que pus os pés de volta em Rosemary Beach. Sem que eu tivesse que dizer uma palavra, ela sabia quanto eu precisava dela. Apenas o toque de sua mão já me dava forças para fazer o que era necessário. Só que, naquele momento, ela não estava comigo. Estava segura na minha casa, longe da minha mãe.

Minha mãe pode ter tentado fingir que eu não existia, mas agora eu era o dono de tudo na sua vida, incluindo a casa e o country club. Meu avô se certificara de que ficassem para mim.

Em nenhum momento meu pai mencionou esse detalhe enquanto estava vivo. Ele mantinha o discurso de que controlava a minha vida. Se eu quisesse viver naquele mundo, teria que me submeter às vontades dele. A verdade era que, de um jeito ou de outro, tudo acabaria sendo meu quando eu completasse 25 anos ou na ocasião da morte do meu pai.

O que viesse primeiro.

Pensei em ser educado e bater à porta da casa dos meus pais, mas mudei de ideia. Minha mãe precisava parar de agir como criança. Eu era a família dela agora e, em breve, Della também seria, assim que eu comprasse a aliança e a pedisse em casamento. Com o meu mundo se

transformando completamente, queria a segurança de saber que Della estaria lá quando eu voltasse para casa.

Estava prestes a pegar a maçaneta quando a porta se abriu e vi Angelina Greystone com um sorriso inocente nos lábios. O brilho maldoso no seu olhar, no entanto, não podia ser mascarado. Eu quase havia me casado com aquela mulher para ficar com o country club. Meu pai me persuadiu de que era o único caminho para ter direito à promoção e ao futuro que eu aguardava.

E o plano dele daria certo se não fosse por Della, que entrou na minha vida e me mostrou que eu merecia mais do que um casamento sem amor com uma vaca sem coração.

– Estávamos esperando por você. A sua mãe está na sala de estar bebendo o chá de camomila que preparei. Vocês precisam conversar, Woods. Que bom que levou os sentimentos dela em consideração e não trouxe *aquela garota*.

Embora fingisse que não, a bruxa conhecia o nome de Della. Eu sabia que Angelina estava apenas sendo maldosa. O que eu não sabia era o que ela estava fazendo na casa da minha mãe.

Passei por ela sem responder e entrei na casa. Não precisava de ajuda para encontrar a minha mãe. A sala de estar era o lugar aonde ela sempre ia para ficar sozinha. Sentava-se na *chaise lounge* de veludo branco que fora da minha avó, apreciando a vista através das imensas janelas da sala.

Ignorei o barulho dos saltos de Angelina atrás de mim. Tudo a respeito dela me dava nos nervos. O fato de ela estar ali, no meio de um problema familiar no dia do funeral do meu pai, só piorou a minha irritação. O que achava que iria conseguir? Eu era dono de tudo agora. Eu, não o meu pai. E certamente não a minha mãe. Eu era o Kerrington no controle.

– Mãe – chamei, entrando na sala de estar sem bater.

Não lhe daria a chance de me mandar embora. Por mais que estivesse errada, ela era a minha mãe. Embora sempre tenha ficado do lado do meu pai, e nunca tenha pensado em mim, isso não fazia com que eu a amasse menos.

Ela não se preocupou em virar o rosto e continuou a fitar o golfo.

– Woods, eu já estava esperando por você.

Nenhuma palavra de apoio ou conforto. Isso doeu. Eu também tinha acabado de perder alguém importante, mas ela não via a situação dessa maneira. Jamais veria.

Eu me aproximei para ficar em seu campo de visão.

– Precisamos conversar.

Ela voltou os olhos para mim.

– Sim, precisamos.

Eu poderia deixá-la assumir o controle, mas estava na hora de eu estabelecer alguns limites. Especialmente agora que tinha Della comigo e estávamos de volta a Rosemary.

– Pelo menos ele veio sozinho. – A voz de Angelina veio da porta e eu a fuzilei com os olhos pela intromissão.

– Isso não lhe diz respeito. Pode ir embora – retruquei com frieza.

Ela se encolheu.

– Diz respeito, sim – disse minha mãe. – Ela vai morar comigo. Preciso de alguém para me fazer companhia e Angelina entende isso. Ela é uma boa menina. Teria sido uma excelente nora.

Eu sabia que a dor da minha mãe era bem recente, mas não a deixaria controlar a situação. Estava na hora de eu deixar algumas coisas muito claras.

– Ela teria sido uma nora egoísta e mimada. Eu tive sorte de me dar conta disso antes que fosse tarde demais e estragasse minha vida. – Ouvi as duas suspirarem, mas não pretendia deixá-las falar. – Estou no controle de tudo agora, mãe. Eu vou cuidar de você e garantir que nada lhe falte. No entanto, não vou aceitar nem reconhecer Angelina na minha vida. Mais importante ainda, não vou permitir que nenhuma das duas machuque Della. Ela é a minha perfeição. Tem o meu coração nas mãos. Quando ela sofre, eu sofro. Não há como explicar para você como me sinto. Apenas compreenda que não vou permitir que mais ninguém a magoe. Eu perco um pedaço da alma quando a vejo sofrer.

A expressão da minha mãe era a única resposta de que eu precisava. Ela não estava aceitando aquilo. Não era o dia de tentar convencê-la dos meus sentimentos por Della. Ela estava em luto e eu ainda estava com raiva do homem pela qual ela estava enlutada.

– Se precisar de qualquer coisa, me ligue. Quando estiver pronta para conversar comigo sem ressentimentos, me procure. Você é minha mãe e eu a amo, mas não vou permitir que se aproxime de Della. Entenda que, se me fizer escolher, vou escolhê-la sem pensar duas vezes.

Dei um beijo na testa da minha mãe e passei por Angelina sem dizer uma palavra. Estava na hora de ir para casa. Della me esperava e eu sempre ficava ansioso quando a deixava sozinha.

DELLA

Eu me preocupava com o fato de Woods não ter derramado nem uma lágrima. Ele precisava extravasar suas emoções em vez de contê-las por minha causa. O pai o havia traído ao me mandar embora, mas eu conhecia a expressão de Woods quando olhava para o Sr. Kerrington em busca de aprovação. Ele o amava. Precisava lamentar a sua perda.

– Della?

O olhar de Woods varreu a sala antes de me encontrar de pé na varanda. A determinação no seu rosto não me tranquilizava.

– E aí, como foi? – perguntei, enquanto ele me puxava para os seus braços, um gesto bem frequente durante a última semana.

– Minha mãe está sofrendo. Vamos conversar de novo depois que ela tiver tempo de processar tudo. Eu senti a sua falta, sabia?

Sorri com tristeza e me afastei um pouco para poder olhar para ele.

– Você ficou apenas uma hora fora. Não teve muito tempo para sentir a minha falta.

Woods passou a mão pelos meus cabelos, tirando-os da frente do meu rosto.

– Eu senti a sua falta desde o instante em que saí por aquela porta. Quero você comigo o tempo todo.

Sorrindo, beijei a sua mão.

– Eu não posso estar sempre com você.

– Mas eu quero você comigo. – Ele passou um dos braços pela minha cintura, me apertando contra ele. – Não consigo me concentrar quando não estou perto o bastante para tocá-la.

– Quando você me toca, temos a tendência de nos empolgarmos – lembrei-o com um sorriso.

Woods passou a mão por baixo da minha blusa e eu estremeci quando ele se aproximou do meu peito.

– Quero me empolgar agora mesmo.

Eu também queria isso. Eu sempre queria isso, mas ele estava precisando conversar. Woods precisava dizer alguma coisa.

O celular dele tocou, nos interrompendo. Seu rosto ficou tenso. Relutante, ele tirou a mão de debaixo da minha blusa e atendeu a ligação.

– Alô? – disse ele com o seu tom de voz profissional. Olhou para mim com ar de desculpas. –

Sim, estarei lá em cinco minutos. Diga a ele para se encontrar comigo na sala do meu... na minha sala.

Era difícil chamar a sala do pai de “dele”. Era apenas mais um sinal da dor que ele estava ignorando.

– Era o Vince. Os membros da diretoria estão na cidade e querem se reunir comigo em uma hora. Gary, o assessor do meu pai e seu melhor amigo, quer me passar um *briefing* antes. Sinto muito.

– Não tem por quê. Se eu puder fazer alguma coisa para ajudar, basta me dizer.

Woods riu.

– Se eu conseguisse pensar em um jeito de manter você na minha sala o dia todo, eu faria isso.

– Hummm... acho que você não trabalharia muito.

– Eu sei.

– Vá lá. Mostre à diretoria que você está pronto.

Woods deu um beijo na minha testa.

– E o que você pretende fazer? – perguntou ele.

Eu queria trabalhar de novo. Sentia falta de ver todo mundo e de ter alguma coisa para fazer. Ficar deitada na praia todos os dias não fazia muito o meu estilo.

– Posso ter o meu emprego de volta? – perguntei.

Woods franziu a testa.

– Não. Eu não quero você trabalhando no salão do restaurante.

Eu não estava preparada para ouvir isso.

– Tudo bem. Então vou procurar emprego em outro lugar. Eu preciso de alguma coisa para fazer. Especialmente agora, com você tão ocupado.

– E se você precisar de mim, Della? Onde pretende trabalhar? E se eu não conseguir chegar até você? Isso não vai dar certo. Eu não posso protegê-la se você não estiver perto de mim.

Eu só o estava deixando mais estressado. Ele precisava de tempo para se adaptar. Eu daria esse tempo para Woods mesmo que, para isso, tivesse que encontrar outra forma de passar os dias.

– Tudo bem. Vamos esperar umas duas semanas antes de voltar a esse assunto – respondi com um sorriso, esperando tranquilizá-lo.

Ele pareceu aliviado. Era o que eu queria.

– Ligo para você assim que a reunião terminar. Vamos jantar juntos. Não vou deixá-la aqui sozinha por muito tempo, prometo.

Woods me puxou para perto dele e me beijou. Foi um beijo possessivo. Naquele momento, ele precisava que eu estivesse ali. Por ora, era o que eu pretendia fazer.

– Eu amo você – sussurrou ele contra os meus lábios, dando um último beijo.

– Também amo você.



Quando Woods saiu, fui para a varanda olhar o golfo. Eu havia perdido muito da vida e por muito tempo. Agora estava aprendendo que viver também envolvia sacrifícios, principalmente quando amamos alguém.

O toque do meu celular interrompeu a minha divagação. Ao checar quem era, vi que se tratava de um número desconhecido. Só poderia ser uma pessoa: Tripp.

– Oi – atendi, me sentando na espreguiçadeira.

– Como estão as coisas?

– Tudo bem. O Woods está se habituando.

Tripp soltou um suspiro cansado.

– Eu devia ter comparecido ao funeral. Eu só... não consegui.

Eu não sabia o que havia em Rosemary que assombrava Tripp. Desde que foi embora, ele me ligou duas vezes. Em ambas, de um número desconhecido e soando estranho, quase deprimido.

– Jace disse que tentou entrar em contato com você e não conseguiu. Mudou o número do celular?

– Mudei. Eu precisava de um tempo sozinho.

– Ele sente a sua falta.

Tripp não disse nada e não achei que fosse a pessoa mais adequada a forçá-lo a responder.

– Vou ligar para ele. Vou dizer que não há por que se preocupar. Eu não devia ter ficado tanto tempo em Rosemary. Isso mexe com a minha cabeça. Tem coisas... muitas coisas que eu prefiro não enfrentar.

Disso eu já sabia. Só não fazia ideia do que eram essas coisas.

– Você voltou a trabalhar? – perguntou Tripp.

– Não. Woods não me quer trabalhando por enquanto. Precisa que eu esteja disponível para ele. Sou o único apoio que ele tem. A mãe dele... bem... você sabe como ela é.

Tripp fez uma pausa e eu me perguntei no que estava pensando. Eu realmente não queria que ele dissesse alguma coisa negativa sobre o Woods.

– Bem, ele precisa de você. Eu entendo isso. Mas, Della, você começou a sua viagem para viver a vida. Não se esqueça disso. Você deixou uma prisão. Não se enfie em outra.

As palavras de Tripp foram dolorosas para mim. Woods não tinha nada a ver com a minha mãe. De um dia para o outro, ele perdeu o pai e foi obrigado a assumir uma posição para a qual não estava preparado. Ele não estava tentando me controlar. Eu era o seu apoio.

– É diferente. Eu estou escolhendo ficar ao lado do Woods. Eu o amo e vou estar aqui para tudo o que ele precisar. Assim que essa fase passar, ele não vai se importar de eu voltar a

trabalhar.

Tripp não respondeu e ficamos alguns minutos em silêncio. Imaginei se ele discordava de mim ou não sabia ao certo o que dizer.

– Da próxima vez que eu ligar, não vou bloquear o meu número. Quero que você o tenha, caso precise. Só não o passe para o Jace, por favor.

– Certo. Se cuida, Tripp – respondi antes de encerrar a ligação.

Não queria mais ouvir as suas dúvidas e preocupações. Ele estava errado. Ia ficar tudo bem entre mim e Woods.

Ele estava muito errado.

Um mês depois

Woods

Pensei em ligar para Della. Fazia cinco horas desde que conversamos pela última vez. Minha manhã tinha sido repleta de reuniões e audioconferências. Ela nunca reclamava, mas isso me incomodava. Ela devia reclamar. Afinal, eu estava falhando. Como eu poderia administrar o country club Kerrington e, ao mesmo tempo, cuidar de Della? Qualquer outra mulher estaria na minha sala tendo um chique.

Mas Della era diferente.

Uma batida rápida em minha porta me impediu de pegar o celular.

– Pode entrar – falei, enquanto começava a procurar os relatórios que Vince trouxera para eu assinar.

– Como o Vince não estava ali fora, eu bati. – A voz de Angelina não era a que eu esperava ouvir.

– Do que a minha mãe precisa? – perguntei sem olhar para ela.

Era o único motivo para Angelina estar ali. No começo, eu me irritava com a presença dela, mas, para o bem ou para o mal, ela estava ajudando a minha mãe. Mais do que eu queria ou poderia.

– Ela sente a sua falta. Já faz mais de uma semana desde que você a procurou.

Angelina era tão boa em inculcar culpa quanto a minha mãe. As duas se pareciam muito.

– Vou ligar para ela mais tarde. Preciso trabalhar. Se for apenas isso, por favor, pode se retirar.

– Você não precisa me tratar com tanta frieza. Eu estou ajudando do único modo que sei. Cada dia que passo com a sua mãe é por sua causa. Eu amo você, Woods, mas não posso competir pelo seu coração porque você não me deixa entrar. E ela? O que *ela* está fazendo por você? Eu não a vejo ajudando...

– Já chega. Nunca se coloque no mesmo nível da Della. Eu não pedi que cuidasse da minha mãe. Eu posso contratar alguém, se precisar. Quanto a Della, ela é o que me faz sair da cama todas as manhãs, então não subestime a sua importância.

Angelina ficou tensa e abriu a boca para dizer mais alguma coisa. Baixei o olhar furioso para os contratos diante de mim. Considerava a conversa encerrada.

– Pode sair.

O barulho dos saltos dela nas tábuas do piso do escritório foi o som mais bem-vindo que ouvi o dia inteiro.

Quando Angelina fechou a porta, peguei o celular e liguei para Della.

– Alô.

– Eu preciso de você.

– Acabei de almoçar com a Blaire e a Bethy. Já estou indo praí.

– Quando chegar é só entrar.

– Está bem.



Dez minutos depois, minha porta se abriu e Della entrou na sala. Estava com os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo. O vestido leve e curto que usava realçava suas curvas mais do que eu gostaria.

– Oi – disse ela com um sorriso tímido.

– Oi – respondi antes de pousar as mãos em seus quadris e pressionar os lábios contra os dela, sempre carnudos e macios. O leve sabor de cereja do gloss que ela estava usando ficou na minha boca.

Era disso que eu precisava. Era o que me fazia enfrentar cada dia.

Della interrompeu o beijo e segurou o meu rosto.

– Você está bem? – perguntou ela baixinho.

– Agora estou.

Della me examinava cuidadosamente. Então, deu um passo para trás e se direcionou para a porta. Antes que eu pudesse perguntar o que estava fazendo, ouvi o barulho da tranca.

– Tire a roupa – pediu ela, começando a baixar as alças do vestido.

Fiquei sem saber o que dizer por um instante, mas obedeci. Não conseguia tirar os olhos de Della. Quando o vestido caiu aos seus pés, me deparei com a mais bela visão: ela apenas de calcinha de renda cor-de-rosa e um sutiã combinando. Minhas mãos começaram a tremer. Eu nunca me cansava de vê-la assim.

– Ainda não fizemos amor aqui – observou ela, sorrindo enquanto abria o sutiã e o deixava cair despreocupadamente no chão.

– Não, ainda não.

Quando ela enganchou os dedos nas laterais da calcinha e começou a tirá-la, cheguei ao meu limite. Peguei-a no colo, com suas pernas enroscadas firmemente na minha cintura. Não dava para classificar como um beijo o que as nossas bocas faziam. Era selvagem demais. Estávamos devorando um ao outro. Foi a melhor descrição em que pude pensar.

Eu queria comê-la em cima da minha mesa, mas não consegui esperar. Precisava entrar nela antes que explodisse.

Então a virei de frente para a parede.

– Prepare-se – sussurrei no seu ouvido.

Della se inclinou e apoiou as mãos na parede. Olhei para o seu corpo arqueado e senti meu coração bater cada vez mais forte. Ela era linda, perfeita. Agarrando-a pelos quadris, a penetrei. Seu grito de prazer foi tão alto que eu tive certeza de que Vince pôde escutar do lado de fora da sala.

– Tão bom, é sempre tão bom – sussurrei no ouvido dela.

Senti o seu corpo se arrepiar, o que me fez sorrir.

– Com mais força – suspirou Della, apertando aquela bundinha linda e redonda contra mim.

Em retribuição ao seu pedido, enfiei com mais força e me inclinei para a frente, acariciando seus seios.

– Você me deixa louco, gata.

Em resposta, Della apenas gemeu, rebolando mais.

– Tão apertadinha... Você é o paraíso. Eu quero ficar aqui para sempre!

A boceta de Della engolia e apertava o meu pau. Que porra era aquela? Era como se ela o bombeasse.

– Puta merda – gemi. – Gata, você vai me fazer gozar. Della, pare de fazer isso. Eu vou explodir. Não estou conseguindo me segurar.

Ela empinou o traseiro e as paredes de sua bocetinha sedosa me apertaram ainda mais. Senti como se não me controlasse mais, como se estivesse entrando em erupção. Gritei o nome de Della e o meu corpo estremeceu incontrolavelmente junto ao dela.

– Isso! Ah, meu Deus, isso! – gritou Della e o seu corpo ficou rígido nos meus braços. Abracei-a e a segurei enquanto nos recuperávamos do clímax que ela havia provocado.

– O que você fez? – perguntei, segurando-a perto de mim. Um sorriso agora tomava conta dos seus lábios.

– Um excelente trabalho – respondeu ela.

Eu não estava esperando por essa resposta. Gargalhando, eu a peguei no colo, levando-a até a poltrona mais próxima, e afundei com ela ali nos meus braços.

– Foi incrível – disse antes de dar um beijo no seu pescoço.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou ela.

– Depende – respondi.

– Do quê?

– Se eu disser “não”, você fica comigo o dia todo?

– Você precisa trabalhar – respondeu ela.

– Hummm, mas eu fico mais concentrado quando você está comigo. Concentrado na missão

de tirar a sua roupa e fazer você gemer gostoso.

Della atirou a cabeça para trás e deu risada. O som dessa risada fez todo o meu mundo entrar nos eixos.

DELLA

O telefone em cima da mesa de Woods tocou.

– Sr. Kerrington, a Srta. Greystone está aqui para vê-lo – anunciou uma voz pelo intercomunicador.

Woods fechou os olhos e apoiou a cabeça no espaldar da poltrona em que estávamos sentados.

– Merda. O que ela quer agora?

Agora? Ela o procurava com frequência? Lutei contra o ciúme que crescia dentro de mim. É claro que eles se viam bastante. Angelina estava morando com a mãe de Woods e a ajudava a lidar com a perda do marido. Essa atitude, por sinal, demonstrava apoio a Woods. Ao contrário de mim, que não o ajudava nem sabia o que fazer.

Comecei a me levantar, mas suas mãos me seguraram.

– Nós precisamos nos vestir.

– Não me deixe aqui com ela.

Eu me inclinei e beijei a ponta do seu nariz.

– Eu não vou a lugar algum, mas prefiro estar vestida quando ela entrar.

Woods soltou um suspiro e me soltou.

– Vista-se você também. Não me importo com o que ela já tenha visto, mas não quero que veja de novo.

Ficamos sorrindo um para o outro enquanto nos vestíamos. Eu gostava da ideia de ver Angelina entrando na sala e descobrindo o que tínhamos acabado de fazer. Era uma atitude boba da minha parte, mas era como eu me sentia.

– Peça para ela entrar – disse Woods pelo intercomunicador, olhando para mim de trás da mesa enquanto eu arrumava os meus cabelos, bagunçados pelo nosso sexo selvagem. Decidi prendê-los em um rabo de cavalo. A porta se abriu e Angelina marchou sala adentro, como se estivesse em casa.

– Não sei por que você... – A voz dela desapareceu quando pôs os olhos em mim.

Terminei de arrumar o meu rabo de cavalo e pus as mãos na cintura.

– Vocês realmente acabaram de...?

– Por que você voltou? – Woods interrompeu a pergunta.

Angelina parecia ter levado um tapa. Fiquei apreciando aquele momento enquanto ela se esforçava para se recompor. Woods não havia se dado ao trabalho de ajeitar os cabelos que eu havia bagunçado. Segurei um sorriso ao olhar para a aparência adequadamente desmazelada dele.

– Voltei para dizer que a sua mãe quer que você vá jantar na casa dela – disse Angelina, tensa.

– A menos que Della esteja convidada, infelizmente não poderei comparecer.

Angelina soltou um suspiro frustrado e me lançou um olhar irritado.

– É a sua mãe, Woods. Ela acabou de perder o marido e está sofrendo. Você é tudo o que lhe resta na vida. Não entende isso? Não se importa? – perguntou ela.

Ela tinha razão. A mãe de Woods talvez nunca fosse gostar de mim, mas precisava dele mais do que nunca.

– Você precisa ir, Woods – falei antes que ele pudesse responder qualquer coisa.

Angelina olhou para mim e franziu a testa.

– Por favor – pedi mais uma vez, esperando que ele não discutisse comigo na frente dela.

Woods passou a mão pelos cabelos e eu sorri por conta do quanto eles ainda estavam bagunçados. Ele ficava uma graça daquele jeito.

– Tudo bem. Mas apenas por uma hora. E também vai ser a última vez. Da próxima vez que eu for jantar com a minha mãe, Della irá comigo.

A expressão irritada de Angelina se transformou em um sorriso satisfeito. Ela o teria esta noite também, sem que eu estivesse por perto. Eu detestava pensar nisso, mas não podia manter Woods afastado da própria mãe.

– Que bom que você está pensando com algo além do seu pau – comentou Angelina antes de dar meia-volta e sair da sala.

– Ela é uma vaca. Ignore-a – disse Woods, vindo na minha direção.

– Eu sei – respondi.

Mas, no fundo, eu me preocupava que ela pudesse ter um pouco de razão.



Eles estão na porta, Della. Não os deixe entrar! Eles vão nos machucar. Tudo o que querem é nos machucar. Precisamos manter o seu irmão a salvo. Eles já tentaram matá-lo uma vez. Desta vez, vão nos matar. Não os deixe entrar! Shhhh. Pare com esse choro, sua fedelha! Você precisa ficar em silêncio. Completamente em silêncio, para eles irem embora.

Cobri a boca com as mãos para conter os gritos apavorados que eu não conseguia controlar. Detestava quando isso acontecia. A mamãe sempre ficava brava quando batiam à

nossa porta. Era um dos momentos em que ela conversava com o meu irmão. Ele não estava lá, mas ela o via. Isso também me assustava.

– Levante-se! Eles foram embora. Vá até a porta e pegue o pacote que deixaram e cuide para que não vejam você.

Eu não queria abrir a porta. Eu não sabia o que estava lá fora e por que queria me pegar, mas eu não queria abrir a porta. A mamãe vinha me obrigando a fazer isso desde o meu aniversário de 6 anos. Sentia muita dor na cabeça quando ela me puxava pelo rabo de cavalo para que eu ficasse de pé. Eu não podia deixar que ela me ouvisse chorar ou tudo ficava ainda pior.

– Vá! – gritou ela naquela voz que fazia o meu corpo inteiro se arrepiar.

Com um empurrão forte, tropecei de dentro do armário para o corredor. Ela continuaria lá até eu voltar com o pacote.

Olhei para a minha mãe e, em vez de olhos loucos e distantes, vi sangue. O sangue jorrava do quarto para o corredor. Não... não era para haver sangue.

Um berro agudo de terror saiu de dentro do quatinho.



O grito ainda ecoava ao redor quando acordei. Era o meu próprio grito. O grito era sempre meu, nunca da minha mãe.

Eu estava sozinha. Olhando ao redor da sala, respirei fundo e devagar. Meu coração batia forte. Levantei as pernas e segurei os joelhos contra o peito. Cair no sono sem o Woods não era algo que eu costumava fazer. Tê-lo por perto enquanto eu dormia quase sempre evitava que eu tivesse terrores noturnos.

Eram nove da noite, de acordo com o relógio em cima da geladeira. Woods já devia ter chegado em casa uma hora atrás. Será que ele ficou até mais tarde com a mãe? Peguei o meu celular em cima da mesa de centro e vi que havia duas chamadas perdidas e uma mensagem de texto. Todas do Woods.

Abri a mensagem de texto.

Por favor, atenda. Estou preocupado com você e a mamãe desmaiou durante o jantar. Acho que ela não tem se alimentado direito.

Liga pra mim!

Ele tinha mandado a mensagem dez minutos antes. Dei um salto do sofá e comecei a digitar o número dele quando a porta da frente se abriu e Woods entrou correndo.

– Graças a Deus – disse ele, esbaforido. – Que merda, gata, você me assustou.

– Sinto muito. Eu acabei de acordar. Cochilei no sofá. Como está a sua mãe?

Woods me puxou contra ele e me envolveu em seus braços.

– Ela estava fraca demais para ficar de pé, então chamei uma ambulância. A Angelina achava que podia ser um derrame e foi na ambulância com a minha mãe para que eu pudesse vir aqui ver como você estava.

– O quê? Woods, vá para o hospital. Não, espere, deixe eu pegar os meus sapatos para ir com você.

– Tem certeza? Se estiver cansada, não quero arrastá-la até o hospital. Podemos ter que passar a noite toda lá.

Coloquei um par de tênis e tentei ajeitar o cabelo da melhor maneira possível.

– Quero estar ao seu lado.

Woods sorriu e estendeu a mão para mim.

– Que bom. Eu não vou conseguir me concentrar se estiver preocupado com você aqui sozinha. Se precisar dormir, posso emprestar o meu colo.

Tentei não pensar no fato de que Angelina o estava ajudando a cuidar da mãe. Ela estava lá agora, sendo útil. E eu, para que servia? Uma menina fraca e carente. Era só mais uma coisa para stressá-lo. Não ajudava em nada.

– Não fique com essa carinha de preocupada. Minha mãe vai ficar bem. Os paramédicos disseram que ela deve estar com baixo nível de potássio. Eles descartaram a ideia de ser um derrame, mas alegaram que ela precisava ser internada para examinarem a frequência cardíaca.

Assenti enquanto ele enroscava os seus dedos nos meus. Eu ia encontrar uma maneira de ser útil. Ele precisava de alguém em quem se apoiar agora e eu iria ser essa pessoa.

– Você dormiu bem sem mim? – perguntou ele quando saímos.

– Sim. Dormi muito bem – menti, porque dizer a verdade apenas o deixaria mais preocupado.

Woods

Della finalmente deixou o sono chegar e se aninhou em mim. Em poucos minutos, estava dormindo. Passavam das três da manhã e minha mãe continuava em observação no quarto. Angelina estava com ela. Melhor assim.

Eu não era burro. Sabia que Angelina não ajudava a minha mãe por altruísmo. Ela nunca teve bondade no coração. Estava fazendo isso para me atingir. Minha mãe não precisava de uma enfermeira. Ela precisava apenas de uma amiga e era esse o papel que Angelina desempenhava no momento.

Della parecia não se importar, mas eu me importava. Caso sentisse que ela estava incomodada de alguma forma com a situação, encerraria qualquer ligação com a minha mãe até Angelina sumir. A vaca eventualmente desistirá quando se der conta de que eu não a quero e que nada que faça irá mudar isso. Della era a minha dona. Para sempre.

Della começou a choramingar no sono. Puxei-a para o meu colo, afastei os seus cabelos do rosto e sussurrei no seu ouvido. Isso sempre a acalmava. Ela raramente tinha pesadelos agora. Eu percebia quando eles começavam e os interrompia antes que pudessem dominá-la.

– Estou com você. Estou bem aqui. Você está nos meus braços e nada pode feri-la. Nada, gata. Não vou deixar – garanti enquanto a respiração dela voltava ao normal e o seu corpo retornava a um sono tranquilo.

Sorrindo, dei um beijo na sua testa. Eu gostava de saber que era capaz de combater seu medo. Era, ao mesmo tempo, bom e complicado saber que eu era tudo de que ela precisava.

– Você não fica cansado às vezes? Cuidar todos os dias de uma criança indefesa e carente...
– A voz fria de Angelina me irritou. Não olhei para ela. Preferia manter o foco na mulher em meus braços.

– Como está a minha mãe? – perguntei.

– Está dormindo. Ela não vinha se alimentando direito e nada que eu fizesse ou pedisse mudava isso. Não sou enfermeira, Woods. Se você a visitasse com mais frequência, ela comeria mais. Sente a sua falta.

Minha mãe nunca sentiu a minha falta. Era a marionete do meu pai. Ela me queria por perto apenas quando ele desejava, apenas quando achava que eu ia me casar com Angelina.

– Você está trocando a sua mãe por ela e isso é simplesmente decepcionante, Woods.

Levantei os olhos do rosto tranquilo de Della.

– Não. A minha mãe está escolhendo a porra dos desejos dela acima dos meus. Eu não vou viver a minha vida da forma como ela quer que eu viva. Eu vou amar a pessoa que eu quiser amar. Ela nunca vai controlar isso – respondi com frieza.

– Você tem que administrar o country club Kerrington e cuidar da sua mãe, Woods. Precisa de alguém que possa ficar ao seu lado e ajudá-lo. Essa garota é um peso para você! Como pretende ser um homem bem-sucedido aguentando um fardo como ela?

Segurei Della perto do peito.

– O que vocês não estão entendendo é que eu não consigo viver sem Della. Eu não consigo respirar nem me concentrar. Preciso dela. Só dela. Eu posso fazer qualquer coisa se a tiver comigo. Então guarde os seus comentários e o seu desprezo e me deixe em paz, caralho! Eu sei do que eu preciso e nunca será de você. Está me ouvindo? A ficha está caindo desta vez? Nunca. Vou. Precisar. De. Você.

Angelina abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. O tom vermelho do seu rosto dizia tudo. Finalmente consegui me fazer entender. Ela estava furiosa, o que era bom. Estava na hora. Não a vi sair. Baixei o olhar de novo para Della. O simples ato de olhar para ela me acalmava.

Quatro horas depois, o médico apareceu para avisar que a minha mãe estava bem e queria me ver. Enquanto Della esfregava os olhos, ainda acordando, notei os olhares do médico para ela. Não gostava quando homens notavam Della dessa maneira, mas não fazia sentido ficar bravo. Ela era linda e sensual para caralho. Eu só precisava me lembrar que ela era minha.

– Vou comprar café para a gente – disse ela com a voz sonolenta. – Entre e converse com a sua mãe.

Dei um beijo demorado em Della. Além de querer sentir o gosto dos seus lábios, queria que o médico visse exatamente a quem ela pertencia. Ela imediatamente respondeu ao meu beijo enroscando os braços ao redor do meu pescoço.

– Amo você – falei em um sussurro ao encerrar o beijo.

– Também amo você – respondeu Della.

Ela vestia um short de moletom e um dos meus agasalhos, que eu pegara na caminhonete algumas horas antes quando ela sentiu frio na sala de espera.

– A mulher que estava no quarto com a sua mãe é a sua irmã? – perguntou o médico.

Encarei-o por um momento. Ele não era jovem demais para ser médico?

– Não – respondi, passando por ele a caminho do quarto da minha mãe.

Angelina estava folheando uma revista, sentada numa poltrona ao lado da cama. Ela havia passado a noite toda ali. Mesmo depois de tudo que eu tinha dito. Ou ela era louca ou realmente gostava da minha mãe.

– Oi, mãe – disse, fechando a porta atrás de mim.

– Olá – respondeu ela. – A Angelina disse que você ficou a noite toda aqui. Não precisava

fazer isso.

Fui até a cama, me abaixei e lhe dei um beijo na testa.

– Precisava sim – respondi.

– Você mandou aquela garota para casa? – Não pude deixar de notar o desgosto em sua voz.

– Ela foi pegar café – respondi. Não ia brigar com ela por causa de Della. – Você precisa se alimentar melhor, mãe.

Ela suspirou.

– Eu sei, mas simplesmente não tenho mais apetite. Sinto falta dele.

Ele era um idiota. Tentava me controlar e mentia para mim. Ele também havia prejudicado Della e ela sabia disso. Perdoar essas coisas era difícil. O fato de ele ter magoado Della fazia com que fosse quase impossível. Eu não pude dizer nada. Não tinha nada a dizer.

– Preciso ir para o trabalho. Quando você tiver alta, me ligue que eu venho buscá-la. – Era melhor eu sair dali. Ela era minha mãe e eu a amava, mas havia muita coisa entre nós que precisava ser perdoada.

– Eu a levarei para casa. Pode trabalhar sossegado. Você vai estar exausto por não ter dormido a noite toda. – Angelina pareceu muito sincera. Não sabia o quanto poderia confiar nela.

– Está certo. Bem, ligue se precisar de mim – falei para a minha mãe e saí do quarto.

Della estava parada do lado de fora da porta com dois copos de café. A preocupação nos olhos dela foi a coisa mais sincera que eu vira naquela manhã.

– Ela está bem? – perguntou Della ao me passar o café horrível do hospital.

– Está ótima. Vamos embora – respondi.

– Não prefere ficar? É a sua mãe, Woods. Posso muito bem ir para casa sozinha – Della começou a falar, mas eu balancei a cabeça e a interrompi.

– Ela está ótima. Só precisa comer melhor. Quero ir embora com você.

Della soltou um suspiro cansado, então concordou com a cabeça.

– Está bem. Se é o que você quer.

DELLA

A fogueira iluminava a escuridão da praia e eu estava sentada vendo todo mundo beber, dançar e se divertir. Woods tinha acabado de sair para tratar de um problema com funcionários. Ele estava acumulando funções nos últimos meses, já que ainda não encontrara a pessoa certa para assumir o seu antigo cargo.

Mais trabalho, mais cansaço.

Olhei para o grupo de amigos do Woods. Bethy não parava de rir, consequência de ter exagerado um pouco na bebida. Eu sabia que era bem-vinda entre eles, mas precisava de um tempo para pensar. Não conseguia fingir que estava tudo bem. Algumas horas antes, quando entrei na sala de Woods, deparei com ele ao telefone com Angelina. Os dois conversavam amigavelmente sobre a saúde da mãe dele. Ela o estava ajudando muito e eu queria conseguir gostar dela. Ser grata a ela. Só que era impossível.

Desisti da festa e caminhei em direção ao estacionamento. Não havia ninguém ali e eu podia esperar Woods voltar. Precisava ficar mais animada antes que ele voltasse. Ainda me sentia um estorvo e essa sensação só piorava a cada dia.

Se eu pudesse simplesmente melhorar e parar de ter pesadelos... Se eu conseguisse esquecer o meu passado e seguir em frente... Se o medo de que eu pudesse enlouquecer não me assombrasse todos os dias... Então talvez eu conseguisse ajudá-lo, talvez eu pudesse ser um apoio para Woods.

– Della. – A voz de Angelina me surpreendeu.

Eu me virei e a vi parada atrás do prédio, onde ficavam os banheiros. A pouca luz do luar mal a iluminava.

– Sim – respondi, sem saber se eu devia estar preocupada por estar sozinha com ela ou se estava apenas sendo boba.

– Onde está o Woods? – perguntou ela.

– Ele teve um problema com a equipe e está cuidando disso.

Angelina parecia irritada.

– Ele tem tantas coisas para resolver e você só piora tudo com esse jeito indefeso e ferrado.

Por quanto tempo acha que ele vai querer ficar com você? O que vai acontecer quando a loucura dos seus genes assumir o controle? Você vai ser internada. Eu sei que ele não quer ter filhos com você. Deve estar com medo de que as crianças fiquem loucas como a mãe. Imagina a decepção dele.

Ouvir os meus próprios medos saindo dos lábios cruéis de Angelina me deixou sem fôlego. Ela tinha razão. Woods e eu fingíamos que um futuro juntos era possível, mas estávamos nos enganando. Eu jamais seria o futuro dele. Eu não ia melhorar.

– O que você quer? – perguntei.

– Quero que você o deixe em paz. Ele merece muito mais – disparou ela.

Ele merecia mesmo. Eu concordava com ela.

– Mas você não é o melhor para ele – retruquei, furiosa com Angelina.

Mesmo que não conseguisse me ver na escuridão, eu esperava que ela sentisse o ódio nas minhas palavras.

Ela se aproximou de mim e eu lutei contra o instinto de me afastar. Eu não tinha medo dela. Podia me garantir.

– Você é louca, sua putinha! Você não sabe de nada. Ele adorava quando eu chupava o pau dele. Gritava o meu nome e segurava minha cabeça como se eu tivesse a chave do céu na minha boca!

– Cala a boca! – gritei. Não queria pensar em Woods e Angelina juntos.

– Um dia ele me confessou que achava as minhas coxas mágicas. Ele adorava ficar entre elas.

– Cala a boca! – repeti, recuando.

Seus lábios maldosos se abriram em um sorriso satisfeito.

– Sabia que eu ainda deixo Woods de pau duro? Basta esfregar a minha mão na sua virilha e falar sacanagens no seu ouvido e ele fica duro feito pedra.

Eu me virei e comecei a me afastar antes que vomitasse. Minha cabeça voou para trás e gritei de dor quando Angelina puxou os meus cabelos com força.

– Você não vai a lugar nenhum, sua louca – grunhiu ela enquanto eu tropeçava na escuridão. Longe do estacionamento, onde alguém poderia nos ver.

– Eu engolia a porra dele. Você faz isso por ele? Vai até a sala dele só para chupar o pau dele e fazê-lo gritar de prazer? Ele diz para você o quanto a sua boca é incrível? Hein?

Lágrimas começaram a arder nos meus olhos. A dor na minha cabeça não era nada em comparação com a dor provocada pelas palavras dela. Eu não queria pensar em Woods com ela. Doía demais.

Angelina me atirou no gramado e pude ver a expressão de loucura nos seus olhos. Era assustador. Qual era o problema dela? Por que estávamos ali? Fiz um enorme esforço para me levantar, mas ela chutou as minhas costelas e me empurrou de volta para o chão.

– Por que Woods continua com você? Eu que faço tudo por ele! Eu! É de mim que ele

precisa. Eu fui criada para ser a mulher dele. Eu combino com os lugares onde ele circula. Posso ser a companheira perfeita para ele, mas Woods prefere *você*! Por quê?! – berrava ela, agarrando os meus cabelos de novo e, desta vez, arrancando um punhado. – Morta, você não vai estar no meu caminho. Eu posso diminuir a dor dele. Woods vai se esquecer de você e voltar a me comer em cima da mesa da sala dele. Não você! Eu!

Ela agarrou o meu braço e me atirou de costas. Senti quando puxou os meus cabelos pela terceira vez. Eu estava prestes a desmaiar. A escuridão ia tomar conta de mim e eu estaria perdida em mim mesma. Ela ia me matar. Se eu não mantivesse o foco, não conseguiria lutar contra ela.

– Eu posso estrangular você agora e ninguém nunca vai saber – disse Angelina com ódio na voz. – Você o tirou de mim. Fez com que ele me traísse. Foi por sua causa que Woods rompeu o nosso noivado. Agora eu vou consertar isso.

Eu conhecia bem o que era a loucura. Convivi com ela a minha vida toda. E naquele momento eu tinha certeza de que ela não estava brincando. Angelina não fazia ameaças vazias. Ela ia me matar. Eu precisava reagir. Sentindo a lateral do meu corpo latejar, eu não sabia se conseguiria me defender. Eu ia implorar, depois a pegaria desprevenida e lhe daria uma joelhada nas costelas.

– Não, por favor. Fale com o Woods. Eu não fiz nada, juro. Não! Ai, meu Deus!

– Cansei de falar com o Woods. Você pegou o que era meu. Ele escolheu você. Ótimo. Ele pode ficar com você, sua louca nojenta. Mas primeiro você vai pagar por ter pegado o que era meu.

Ela deu um tapa tão forte no meu rosto que a minha visão ficou totalmente embaçada.

– Está doendo, não está, sua vaca? Você é uma louca. Não sei por que Woods acha que você pode fazê-lo feliz. Ele vai aprender. Vai aprender a não brincar comigo – rugiu ela, dando mais um chute nas minhas costelas doloridas e me deixando sem fôlego.

Eu precisava revidar. Se ela continuasse assim, eu morreria.

Comecei a me levantar, mas ela agarrou os meus cabelos de novo e me levantou para me dar mais um tapa. Não consegui evitar o grito de dor. Eu precisava me concentrar em me salvar, mas a dor tomava conta de mim. Minha visão estava embaçando e usei toda a minha força de vontade para não ser dominada. Eu não podia apagar.

– Solte-a! – Ouvi a voz de Blaire na escuridão como a de um anjo vingador e chorei de alívio.

Então me virei e a vi parada com uma arma apontada para Angelina. Puta merda. Ela tinha uma arma?

– Que porra é essa? – perguntou Angelina.

Ela agarrou os meus cabelos com mais força ainda. Eu devia ter feito alguma coisa para reagir, mas naquele momento estava com mais medo da arma nas mãos de Blaire do que das

agressões da Angelina. Ela sabia usar aquela coisa?

– Solte os cabelos dela e se afaste – ordenou Blaire em um tom de voz firme. Eu estava impressionada e apavorada.

Angelina riu. Era isso. A garota estava louca. Tinha uma arma apontada para ela e ria. Eu estava com medo até de respirar.

– Esta arma nem sequer é verdadeira. Não sou burra. Vá cuidar da sua vida e pare de brincar de *As Panteras* – disse Angelina.

A arma de Blaire fez um barulho que eu sabia que significava que ela estava pronta para atirar. Já tinha ouvido aquele som antes, na televisão.

– Escute aqui, sua vaca, se eu quisesse, poderia furar suas duas orelhas daqui, sem desarrumar seu cabelo. Vamos lá, experimente.

A expressão de Blaire podia ser apenas para assustar Angelina, mas eu notei que o que ela estava dizendo era verdade e fui tomada por uma sensação de alívio. Ela realmente sabia usar aquela coisa.

Angelina me soltou e eu me afastei rapidamente dela enquanto tinha chance. Se Blaire sabia mesmo atirar, eu não queria estar perto do alvo.

– Você faz ideia de quem eu sou? Posso acabar com você. Vai passar um bom tempo na cadeia por isso – ameaçou Angelina, mas não deixei de notar o medo em sua voz. E duvidava que Blaire também não o tivesse notado.

– Nós estamos no escuro e somos três. Você não tem um arranhão. Della está ferida e sangrando. Vai ser a nossa palavra contra a sua. E não me importo com quem você seja. A situação não está boa para você.

Angelina recuou, como se estivesse se preparando para fugir.

– Meu pai vai ficar sabendo disso. Ele vai acreditar em mim – disse ela com a voz trêmula.

– Que bom. Meu marido também vai ficar sabendo disso e ele certamente vai acreditar em mim – respondeu Blaire.

Angelina riu.

– Meu pai pode comprar esta cidade. Você mexeu com a mulher errada.

– É mesmo? Então pode vir, porque neste momento você está olhando para uma mulher armada capaz de atirar em um alvo em movimento. Então, por favor... Pode. Vir – ameaçou Blaire, cheia de si.

Eu queria ser como ela. Queria ser durona.

Levantei as pernas, abracei os joelhos e rezei para que tudo terminasse sem que Blaire precisasse usar aquela arma.

– Quem é você? – perguntou Angelina.

Eu não havia me dado conta de que Angelina não sabia quem era a mulher de Rush Finlay. Ele era uma celebridade por causa do pai. Eu achava que todo mundo sabia quem era Blaire.

– Blaire Finlay – respondeu ela.

– Merda. Rush Finlay se casou com uma caipira armada. É até difícil de acreditar – debochou Angelina em seu tom prepotente. Ela realmente achava que estava acima de todo mundo.

– Eu a levaria a sério. Ela está com uma arma, porra. – A voz de Rush veio de trás de Blaire. Soltei o ar que estava segurando. Graças a Deus ele estava ali.

– Vocês estão brincando? Esta cidade é maluca. Vocês todos são – disse Angelina, quase berrando.

– Era você que estava no escuro, batendo em uma mulher inocente por causa de um homem. É você que parece maluca aqui.

– Tudo bem. Acabou. Acabou tudo! – gritou Angelina, caminhando na direção do estacionamento.

Fiquei ali sentada em choque enquanto Blaire baixava a arma e travava o gatilho antes de entregá-la a Rush. Ela então correu até mim. Fiquei espantada, com os olhos arregalados para ela. Blaire havia acabado de apontar uma arma para outra mulher por mim. Não estava conseguindo entender tudo o que havia acontecido. Senti a escuridão começar a se aproximar. Precisava combater o ataque de pânico que estava próximo de acontecer.

– Você apontou mesmo uma arma para ela? – perguntei, tentando me concentrar no presente.

– Ela estava batendo em você – respondeu Blaire.

– Deus do céu! Ela é maluca. Eu juro que estava começando a achar que ela ia me bater até eu desmaiar. Ficava pensando que ia apagar e que ela acabaria me machucando de verdade... Obrigada.

“Obrigada” não era suficiente para expressar a minha gratidão, mas era tudo o que eu podia dizer naquele momento. A escuridão se aproximava cada vez mais.

Blaire estendeu a mão para mim.

– Consegue se levantar? Ou quer ficar aqui esperando enquanto eu chamo Woods?

Eu precisava combater aquilo.

– Quero me levantar. Preciso me levantar – disse a ela.

Não queria dizer que estava prestes a perder o controle. Era uma fraqueza da qual eu me envergonhava. Ela me ver daquele jeito seria humilhante. Rush ficaria sabendo que Woods estava apaixonado por uma louca. Não era justo com ele.

Blaire me ajudou a levantar e perguntou:

– Você tem um telefone?

Eu não conseguia responder. Precisava me manter focada. Dei o celular para Blaire.

Ela ia ligar para o Woods. Eu sabia disso. Eu queria isso. Se ele me abraçasse, eu conseguiria vencer a escuridão. Blaire me passou o celular.

– Gata? – Ouvi a voz dele do outro lado da linha e o meu medo diminuiu.

– Oi – respondi.

– Você está bem? – perguntou ele. Percebi que estava caminhando enquanto falava. Desejei que estivesse vindo para onde estávamos.

– Na verdade, não. Tive um incidente com Angelina – expliquei.

– Ela disse alguma coisa que incomodou você? Ela ainda está aí? Ponha essa vaca no telefone! – Ouvi o barulho da ignição da caminhonete dele. Ele já estava a caminho.

– Não... não... ela foi embora. Hã, Blaire apareceu e... hã, colocou-a para correr – tentei explicar, embora não soubesse muito bem como.

– Ela a colocou para correr? Que merda Angelina fez com você? Você está sozinha? – O pânico na voz dele não era nada em comparação com o que ele ia sentir quando descobrisse o que realmente havia acontecido.

– Blaire ainda está aqui e o marido dela também.

– O Rush está aí? Que bom. Fique com eles. Onde vocês estão?

– Atrás do prédio do estacionamento.

– Estou quase aí. Eu amo você, fique comigo. Estou chegando.

– Está bem. Também amo você – respondi. Ele sabia que eu estava perto de me perder nos monstros da minha mente.

– Ele está a caminho – respondi a Blaire, desligando o celular.

– Que bom. Vamos esperar com você – disse ela, enquanto abria a bolsa e tirava um lenço umedecido de dentro. – Quer limpar o sangue da sua boca antes que ele chegue aqui e vá atrás da Angelina?

Eu não havia me dado conta de que estava sangrando. Aceitei o lenço. Blaire e Rush não pronunciaram uma palavra enquanto eu me limpava.

– Obrigada.

O barulho da caminhonete de Woods quebrou o silêncio e eu tive vontade de chorar. Ele havia chegado. A porta se abriu e ele veio correndo na minha direção. Senti como se estivesse desmontando de alívio. Ele estava ali e eu estava bem.

– Caramba! – rugiu ele, furioso, olhando para o meu rosto. Woods me puxou para os seus braços. Sua respiração estava arfante e ele parecia irritado. – Meu Deus, gata, eu sinto muito. Ela vai pagar por isso.

Woods passava as mãos pelo meu corpo para conferir se eu estava bem. Eu não estava bem, mas ia ficar.

– Está tudo bem. Acho que a Blaire a assustou.

– O que foi que a Blaire fez? – perguntou ele.

– Apontou uma arma para Angelina e ameaçou furar as orelhas dela com tiros – contei a ele. Woods levantou uma sobrancelha.

– Então a moça do Alabama sacou a arma de novo? Obrigada, Blaire – disse ele, antes de beijar a minha cabeça e sussurrar no meu ouvido: – Eu amo você. Estou aqui e você vai ficar

bem. Fique comigo. Estou com você.

Ele não queria que os outros soubessem quanto eu estava perto de perder a cabeça.

– Ainda bem que eu as encontrei. Você precisa fazer alguma coisa a respeito daquela mulher.

Ela é louca – comentou Blaire, voltando para perto de Rush.

– Obrigada! – gritei. Ela havia literalmente salvado a minha vida.

– De nada – respondeu ela com um sorriso doce.

Blaire não parecia alguém que havia acabado de apontar uma arma e ameaçar furar as orelhas de alguém com balas. Eu agora sabia que, por baixo daquele exterior lindo e de aparência inocente, Blaire Finlay era durona.

Eu queria ser igual a ela.

Woods

Liguei o chuveiro e fui chamar Della. Traços de sangue eram visíveis no seu rosto. Ela havia tentado limpar, mas deixara parte da prova do crime. Um hematoma se formara na sua bochecha e os cabelos emaranhados estavam cheios de grama.

Della não me deixou chamar a polícia. Chorou e implorou para que eu não chamasse. Então eu mesmo ia matar Angelina. Ela havia machucado a coisa mais preciosa da minha vida e eu iria me certificar de que ela pagasse por isso. Por ora, meu dever era manter Della lúcida.

Comecei a tirar sua blusa quando ela gritou de dor.

– O que houve, gata?

– Minhas costelas... – respondeu ela, em um sussurro tenso.

Porra. Eu me obriguei a ficar calmo. A minha raiva só piorava. A regata que ela vestia estava destruída, com manchas de sangue e grama.

Rasguei a blusa em um movimento rápido e os meus olhos encontraram a pele ferida. Foi um choque. Ver toda a lateral do corpo de Della marcada por hematomas acabou comigo. Eu deixei que aquilo acontecesse com ela. Eu a havia deixado sozinha e permitido que aquela mulher entrasse nas nossas vidas. Era tudo culpa minha.

Meus joelhos cederam e eu caí diante dela. Saber que ela estava sofrendo era demais. O choro que ecoou pelo banheiro foi o meu.

– Woods, por favor, não chore – implorou Della com sua voz doce.

Suas mãos acariciaram a minha cabeça, em uma tentativa de me confortar. Não era eu quem havia sido atacado. Ela estava coberta de ferimentos e sangue, mas era eu quem estava caído de joelhos, chorando.

– Está tudo bem, eu estou bem – disse, tentando me tranquilizar.

Embora sentisse dor, ela ainda se preocupava comigo. Eu era um homem, caramba. Não podia desmoronar. Era o meu papel cuidar dela, não o contrário. Eu me forcei a levantar e me concentrei na tarefa de limpar Della. Precisava fazer a sua dor sumir.

– Woods? – perguntou ela com a voz suave e insegura.

Eu sabia que as lágrimas ainda escorriam silenciosamente pelo meu rosto. Não conseguia fazê-las parar. Estava tentando, mas elas não iam embora.

– Preciso limpar você – falei, finalmente levantando os olhos para encará-la.

Ela não ia mais me deixar. A expressão vidrada que eu vira nos seus olhos, mais cedo, não estava mais lá. Ela estava comigo de novo.

– Está bem – concordou ela, entrando no chuveiro.

Eu a despi e entrei com ela no box. Ela não estava embaixo da água morna.

– Deixe eu lavar os seus cabelos – falei, me aproximando do seu corpo e passando as mãos pelos seus braços.

– Cuidado com a minha cabeça, por favor.

Que porra Angelina havia feito com a cabeça dela?

– O que ela fez com a sua cabeça, gata?

Ela baixou os olhos e encarou fixamente o piso de mármore.

– Ela puxou e arrancou os meus cabelos. Está ardendo – respondeu ela tão baixinho que quase não escutei.

Meu corpo estremeceu. Puta merda.

– Eu vou tomar cuidado. Mas nós precisamos lavá-los. Confia em mim? – perguntei enquanto ela olhava aflita para a água. Della concordou com a cabeça.

Coloquei-a embaixo da água e dei beijos em seus lábios sussurrando palavras de conforto enquanto ela se encolhia de dor. Lavei gentilmente os seus cabelos e fui descendo pelo seu corpo com delicadeza. Della recuava quando eu tocava nos pontos feridos. Cada vez que isso acontecia, eu sentia um aperto no peito. Com o banho tomado, enrolei uma toalha no seu corpo e a levei para a cama. Precisava abraçá-la, mas antes queria que alguém a examinasse.

– Vou ligar para um amigo. Ele virá examiná-la. Preciso me certificar de que você está bem. Pode ter quebrado alguma costela.

Ela começou a negar com a cabeça, mas eu não ia ceder.

– Della, eu preciso fazer isso. Não poderei ter certeza se você está bem de outra maneira. Por favor, gata. Ele é especialista em medicina esportiva e trabalha para o clube durante os torneios de tênis. É um velho amigo meu. Pode confiar nele.

– Está bem – concordou ela, por fim.

Eu não estava a fim de deixá-la ali sozinha, mas precisava conversar com Martin sem que ela me ouvisse. Não queria assustá-la.

– Alô? – atendeu Martin logo depois do primeiro toque. Eu tinha o seu número para emergências. Ele trabalhava para o clube havia mais de vinte anos.

– Martin, é o Woods. Preciso que você faça um atendimento domiciliar. Minha namorada levou uma surra esta noite da louca da minha ex-noiva. Estou preocupado que ela possa estar com alguma costela quebrada ou hemorragia interna. Não acho que Angelina seja forte o suficiente para isso, mas preciso que Della seja examinada mesmo assim. Ela não quer ir ao hospital.

Martin soltou um assovio.

- Caramba, Woods. Que situação, hein?
- Pois é. Você pode dar uma olhada nela esta noite?
- Estou a caminho. Chego aí em vinte minutos. Vocês estão na sua casa?
- Sim. Obrigado, cara. Até daqui a pouco.



Della não ficou muito feliz em ser examinada por Martin, mas eu segurei sua mão durante o processo. Estava machucada, mas não era tão grave quanto eu pensava. Ele deixou alguns comprimidos para a dor, que a derrubaram em trinta minutos. Eu, no entanto, não ia conseguir dormir. Tinha algo que precisava fazer.

Jace chegou dez minutos depois que liguei. Não fez nenhuma pergunta. Apenas concordou em observar Della e me ligar caso ela acordasse. Ele pareceu compreender que eu não estava pronto para falar sobre o assunto.

Parti para a casa da minha mãe.

– Não faça nada impulsivo. Cuidado com a forma como vai lidar com a situação. Embora você tenha motivos para se vingar, não agrida a putinha. Não quero ver você na cadeia. Só... tome cuidado. Use a cabeça.

Rush devia ter contado tudo para ele. Apenas concordei com a cabeça, abri a porta e saí. Nem olhei para trás. Eu ia garantir que Angelina compreendesse que esse seria o seu último aviso. Ela teria uma hora para subir em um avião e nunca mais voltar. Eu não podia dar uma surra dos infernos em uma mulher, mas podia fazê-la desejar que jamais tivesse nascido. Ela havia ultrapassado os limites.

Quando cheguei à casa da minha mãe, o carro de Angelina não estava lá. Ou ela se escondeu, ou ainda não havia voltado para casa. Subi a escada da entrada de dois em dois degraus e bati uma vez na porta antes de abri-la com a minha chave.

Quando entrei, encontrei a minha mãe de roupão descendo a escada.

- Woods? O que está fazendo aqui tão tarde? Você me assustou!
- Onde ela está? – perguntei, tentando controlar a raiva na minha voz.
- Angelina? Ela foi embora. O que você fez?

Dei uma risada dura.

– O que *eu* fiz? Eu acabei de ficar ao lado de Della enquanto um médico examinava a possibilidade de ela estar com hemorragia interna ou costelas quebradas, já que Angelina deu uma surra horrível nela. Se Blaire Finlay não tivesse aparecido e apontado uma arma para aquela louca varrida, ela teria matado Della. Então me conte, por favor, onde ela está?

Minha mãe cobriu a boca com as duas mãos, arregalando os olhos de surpresa.

- O quê? Isso... isso é ridículo. Angelina é um doce de menina. Jamais faria algo tão terrível.

Della mentiu para você.

– Não, mãe. Rush e Blaire a encontraram e detiveram Angelina. Eu tenho testemunhas. Ela não é doce, ela está usando a senhora para ficar perto de mim. Ela é a porra de uma psicopata!

– Meça as suas palavras quando estiver na minha casa. Eu não vou ficar ouvindo isso. A pobrezinha saiu daqui aos prantos dizendo que você a magoou vezes demais. Ela queria ficar comigo, mas resolveu ir para a casa dos pais e recomeçar a vida.

Minha mãe se recusava a acreditar em mim. Por que eu me surpreendia? Ela sempre escolheu o meu pai em vez de mim. Agora estava escolhendo Angelina, porque ela era a escolha do meu pai para mim. O que importava era que Angelina tinha ido embora.

Era bom que nunca mais voltasse.

– Se a encontrar, diga que, se ela voltar a pôr os pés em Rosemary, vou mandar prendê-la. Tenho testemunhas e vou prestar queixa na polícia. Estou cagando para quem o pai dela é.

Não esperei pela resposta da minha mãe. Dei meia-volta e saí da casa, batendo a porta com força.

DELLA

Woods tinha um country club para administrar, mas já havia me ligado quatro vezes perguntando como eu estava. Foi assim a semana inteira. Desde que Angelina me atacou, ele sentia medo de me deixar. Mencionei que queria voltar a trabalhar e ele entrou em pânico, implorando que eu não procurasse um emprego porque não conseguiria se concentrar se estivesse preocupado comigo.

A atitude dele não era saudável e sua natureza protetora estava começando a me sufocar. Eu o amava demais para reclamar disso e magoá-lo, mas já previa maus momentos. Woods precisava compreender e aceitar que não poderia estar sempre presente para mim. Como nosso relacionamento funcionaria dessa maneira?

Eu queria que a nossa história durasse para sempre, mas Woods merecia muito mais. Eu o estava prejudicando. Nosso amor iria destruí-lo. Eu iria destruí-lo. Fiquei enjoada só de pensar nisso. Eu tinha provocado aquilo. Deixei que acontecesse. Eu me permiti ficar perdidamente apaixonada por ele e acreditar que Woods conseguiria me fazer melhorar. Que, juntos, faríamos com que eu melhorasse. Mas isso não estava acontecendo.

Meu celular tocou e vi o número do Tripp. Fazia duas semanas que havíamos conversado. Pensei em contar para Woods que, umas duas vezes por mês, Tripp me ligava para saber como eu estava. Mas Woods parecia sentir ciúme de Tripp. Não tinha motivo para isso, mas ele sentia. Eu não queria lhe dar mais um motivo para se preocupar.

– Alô? – atendi, esticando as pernas à minha frente sobre a areia da praia.

– Como estão as coisas?

– Bem, eu acho – respondi.

– Você *acha*? Isso não me soou muito bem.

– Angelina me deu uma surra e Blaire Finlay apontou uma arma para ela e me salvou. Woods está mais superprotetor do que nunca e sempre preocupado comigo.

Tripp ficou em silêncio por um instante. Deixei que ele digerisse as minhas palavras.

– Puta merda. Blaire tem uma arma?

Não consegui evitar a risada. *Essa* foi a reação dele ao que eu havia acabado de contar?

– Desculpe, mas não consigo imaginar aquela loirinha linda com uma arma. Caramba!

– É, foi um choque – respondi, sorrindo para as ondas arrebatando na praia.

– Jace chegou a mencionar que ela era do Alabama. Talvez eu esteja procurando por mulheres nos estados errados. Acho que preciso dar uma chance para o bom e velho Alabama.

Tripp sempre conseguia me fazer dar risada. E, naquele instante, me fez esquecer por que meu peito estava prestes a explodir de dor.

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Por me animar – respondi.

– Sempre às ordens.

Ficamos alguns instantes em silêncio.

– Onde você está agora? – perguntei, sabendo que ele estava na estrada.

– Estou na Carolina do Sul, em um lugar chamado Myrtle Beach. Bela cidade.

– Você gosta de lugares com praias, não é?

– De certa forma, eu me sinto em casa.

– Você pretende voltar para cá algum dia?

Tripp não respondeu imediatamente. O que fez eu me perguntar de novo o que o mantinha afastado. Havia segredos que ele não dividia comigo.

– Duvido – respondeu ele.

– Também não acho que eu possa ficar – comentei em voz alta pela primeira vez.

– Como assim? Por quê?

– Porque não está funcionando. Eu o estou atrapalhando e não estou ficando melhor. O que eu tenho nunca vai passar e ele merece mais, entende? Alguém forte para ficar ao lado dele.

– Ele quer você, Della.

– Às vezes o que queremos não é o melhor para nós – contra-argUMENTEI.

– É... eu sei disso – sussurrou Tripp. – Mas ele vai desmoronar se você o deixar.

Isso acabaria comigo, mas eu o amava demais para destruir o futuro dele.

– Ele vai melhorar com o tempo. E, então, a mulher certa vai surgir na vida dele e Woods vai agradecer por não ter cometido o erro de ficar comigo.

– Não diga isso. Você não é um erro. Está subestimando o seu valor. Você o faz feliz. Woods nunca foi tão feliz.

– Por ora, sim – respondi.

Tripp suspirou. Eu o estava deixando frustrado, mas ele sabia que eu tinha razão.

– Quando chegar a hora e você achar que precisa ir embora, liga para mim. Não vá embora sozinha.

– Está bem – respondi.

E eu ligaria. Tripp não estava preso a mim. Eu não controlava as suas ações e os seus pensamentos. Eu poderia viajar com ele sem destruir o seu futuro. Pelo menos até eu estar estável o suficiente para viver sozinha.

- Acho que primeiro você precisa conversar com o Woods sobre isso.
- Eu não sabia se isso seria possível. Ele jamais me escutaria.
- Está bem – respondi.



Saí do carro e acenei para Bethy quando ela passou por mim no carrinho de golfe, a caminho do buraco quinze. Foi trabalhando no country club Kerrington que ela conheceu Jace.

Os dois já haviam discutido várias vezes sobre ela pedir demissão. Ele detestava ver os homens dando em cima dela. Bethy, por sua vez, se recusava a mudar de emprego apenas por causa disso.

No fundo, acho que ele respeitava a decisão dela.

Depois de encerrar a conversa com Tripp, fiquei sentada pensando por um bom tempo. Woods precisava de ajuda e tudo o que eu fazia era reclamar sobre não ter um emprego e ser um estorvo. Eu era mais forte do que isso. Por que eu não podia ajudá-lo? Eu estaria por perto e teria um objetivo.

Então voltei para dentro de casa, me vesti e fui até o escritório de Woods. Ia me candidatar a um emprego como assistente dele. Eu poderia fazer as tarefas que lhe davam dor de cabeça. Eu podia cuidar das equipes. Sei que enfrento alguns problemas, mas não sou inútil. Se eu puder provar a mim mesma que sou capaz de fazer isso, provarei a Woods e ao resto do mundo que estou me curando.

Vince sorriu ao me ver.

- Pode entrar, Srta. Sloane – disse ele antes de retornar ao trabalho.

Woods já havia avisado a ele que eu nunca precisava de permissão para entrar, que eu tinha liberdade de entrar e sair quando quisesse.

Bati, então abri a porta.

- Eu entendo, mas faça acontecer. Preciso dos pedidos aqui amanhã, não na segunda-feira. Vou trocar de fornecedores se isso não acontecer.

- Sim, Sr. Kerrington, não se preocupe – disse a voz do outro lado do viva-voz.

- Ótimo – respondeu Woods, encerrando a chamada antes de se levantar e vir na minha direção. – Della, que surpresa boa!

Sorrindo, ele me puxou para os seus braços, mas estendi as mãos para impedir que ele me beijasse. Se eu o deixasse me beijar, acabaria me esquecendo do motivo de eu estar ali.

- Estou aqui para me candidatar à função de sua assistente.

Isso o fez parar. Ele olhou para mim, confuso, e usei a oportunidade para vender a minha ideia.

- Você precisa de alguém para administrar as equipes e fazer as compras. E tem coisas

maiores com que se preocupar. Eu posso fazer isso. Posso resolver os pequenos incêndios e deixar os maiores para você. Não posso continuar em casa sozinha e perdida. Prefiro ficar aqui, perto de você, ajudando-o todos os dias.

Ele não havia se mexido, mas eu tinha atraído a sua atenção. Ele deu um passo para trás e avaliou o meu visual, o mais profissional possível para a ocasião: saia lápis, sapatos de salto e uma blusa bonita. Até tinha prendido os cabelos em um coque. Os lábios dele pronunciaram um sorriso.

– Essa é a roupa que pretende usar como assistente?

Respondi que sim.

– Você quer me ajudar... com esse visual?

Assenti com a cabeça. Então ele deu uma risada e sacudiu a cabeça.

– Gata, eu não duvido que você possa me ajudar, mas se pretende ficar andando por aqui vestida assim, eu vou acabar comendo você a cada hora ou ficar pensando em comer você a cada minuto.

Senti um aperto no estômago ao ouvi-lo dizer que ia me comer. Eu precisava continuar focada.

– Posso vestir alguma coisa diferente – sugeri.

Woods me observou por um instante.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Ele não ia me dizer não. Contive o meu entusiasmo.

– Sim, por favor. Eu quero fazer alguma coisa. Você sabe que eu quero um emprego, mas, mais do que isso, eu quero ajudar você.

– Você vai entrar com um processo de assédio sexual contra mim se eu tentar alguma coisa?

Sacudi a cabeça. Desta vez, com um sorriso.

– Não, mas não é para isso que eu estou aqui. Quero diminuir um pouco do seu estresse.

– Ah, mas isso diminuiria o meu estresse – disse ele, pondo a mão no meu quadril e me puxando contra ele. – Está contratada. Mas no instante em que achar que é demais, você me diz.

Dei um gritinho e agarrei seu rosto para lhe dar um grande beijo na boca.

– Obrigada, chefe. Juro que vou fazer um bom trabalho. Você só precisa jurar que vai me dar coisas para fazer.

– Você pode começar tirando as minhas roupas – pediu ele antes de fazer um caminho de beijos pelo meu pescoço. Sua língua percorreu a minha pele, me fazendo estremecer. – Pode começar a trabalhar para mim depois que eu transar com você nesta roupinha sexy. Daí você precisará se trocar porque eu não vou conseguir me concentrar com você vestida assim. Tudo o que eu consigo pensar é no quanto quero meter fundo na minha nova assistente.

Ele deslizou a mão por baixo da minha saia, enfiando os dedos para dentro da calcinha.

– Toda molhada... – exclamou ele antes de deslizar um dedo para dentro de mim.

– Ah – gritei e sua boca ficou mais faminta.

– Abra a blusa.

Eu fiz o que ele pediu. Woods admirava os meus seios e continuava a me foder com o dedo.

– Na minha mesa – ordenou ele.

Ele me colocou sentada na mesa, levantou a minha saia e abaixou a minha calcinha. Então, se ajoelhou e abriu as minhas pernas, apoiando meus pés nas beiradas da mesa.

– Porra, como você cheira bem – disse ele antes de começar a fazer círculos com a língua em volta do meu clitóris, em seguida mergulhando dentro de mim. Tudo o que eu conseguia fazer era me remexer e implorar. Ele continuou com a tortura até eu gemer: – Por favor, Woods, por favor...

Finalmente, ele passou a língua em meu clitóris, me fazendo gozar enlouquecidamente. Quando me dei conta, Woods estava dentro de mim. Eu amava senti-lo me preenchendo.

– Paraíso. Este é o meu paraíso. É tudo o que eu preciso para respirar – dizia ele enquanto mexia os quadris, entrando e saindo de mim.

Empurrei papéis para fora do caminho e me recostei nos braços para me firmar. Woods ainda estava de camisa, mas eu desejava que não estivesse. Adorava ver os músculos dos seus braços flexionando enquanto ele me penetrava.

– Você não abriu a sua camisa – susurrei, deixando escapar um gemido de prazer.

Ele sorriu.

– Você me queria sem camisa?

Assenti com a cabeça e levantei as pernas para enroscá-las em torno da cintura dele.

– Da próxima vez, gata. Agora eu não posso parar – grunhiu ele.

Rocei suas costas com as pernas e ele gemeu, atirando a cabeça para trás. Então o senti crescendo dentro de mim e seu gozo se espalhando. Ofegante, me apoiei nos cotovelos e suspirei. Woods deixou a cabeça cair sobre o meu peito e respirou fundo diversas vezes.

– Melhor entrevista de emprego que já fiz – sussurrou ele.

Soltei uma risadinha que o fez gargalhar contra a minha pele. Eu ia me tornar merecedora daquele homem.

Woods

Fiquei escondido enquanto Della acalmava uma discussão entre cozinheiros. Eu queria lidar com a situação. Detestava vê-la se interpor entre dois homens gritando um com o outro, mas eu não podia interferir. Ela estava muito contente com o novo emprego.

No começo, eu não queria lhe dar muitas funções, mas ela pôs as mãos na cintura e teve um ataque no dia em que me viu tratando de um problema entre funcionários. Desde então, me dei conta de que aquele trabalho realmente a fazia feliz e deixei mais responsabilidades nas suas mãos.

E ela era boa. Durante toda a semana, não teve uma crise sequer. Eu a observava de perto e pedi que outras pessoas a observassem também, para garantir que ela não precisava de mim. Fiquei mais produtivo e tranquilo, sabendo que Della estava por perto. Além disso, estávamos fazendo muito sexo no horário de trabalho, o que me deixava muito feliz. Vince não estava muito empolgado com a situação, mas não era de reclamar.

– Como estão as coisas com a sua nova assistente? – perguntou Jace em um tom divertido. Ele estava vestido para jogar golfe.

– Ela é muito boa no que faz – respondi.

Jace riu e olhou por cima do meu ombro para checar a confusão na cozinha. Os olhos dos dois cozinheiros estavam focados em uma Della agitada e com o rosto vermelho. Era difícil não admirá-la, mas o novo garçom seria demitido em breve se não parasse de olhar para ela como se quisesse um pedaço.

– Quer almoçar? Estava pensando em comer alguma coisa antes do jogo.

Eu ia convidar Della para almoçar comigo, mas ela tinha várias coisas para fazer e eu sabia que ela não aceitaria. Estava realmente empenhada no trabalho.

– Claro. Boa ideia.

Demos a volta até a entrada e a recepcionista sorriu para a gente enquanto seguíamos em direção à minha mesa. Reparei quando Della entrou no restaurante, conversou com ela e, depois, seguiu para trocar algumas palavras com Jimmy. Ele era um dos melhores amigos de Della desde que ela começou a trabalhar aqui, como garçomete. Eu não me importava com isso nem tinha ciúme de Jimmy. Sabia que ele tinha mais interesse em mim do que nela.

– Ela é tããã... profissional – disse Jace com a fala arrastada.

Eu sabia que ele estava olhando para a saia, os saltos e o maldito coque nos cabelos de Della. Isso me levava à loucura. Ela dizia que precisava se vestir assim para parecer profissional, mas, para mim, parecia uma fantasia sexual ambulante.

– Não olhe para ela – resmunguei.

Jace riu.

– Relaxa, cara. Não estou interessado na sua mulher. Tenho a minha.

Eu sabia disso, mas me sentia possessivo vendo-a andar de um lado para outro vestida daquele jeito, atraindo atenção para si. Ela não parava de escrever no seu bloquinho de notas. Jimmy provavelmente estava passando para ela a lista de coisas de que os garçons e as garçonetes precisavam. Ele era o garçom-chefe. Della pôs a ponta da caneta na boca e ficou mordendo enquanto prestava atenção em Jimmy.

– Alguma novidade da louca? – perguntou Jace.

Angelina havia desaparecido e eu queria que continuasse dessa maneira. Por outro lado, precisava conversar com a minha mãe e isso era um saco, porque ela estava brava comigo. Para ela, Angelina era inocente e eu era o cretino que a havia expulsado.

– Não. E se Angelina sabe o que é bom para ela, nunca mais vai chegar perto de mim ou de Della.

O novo garçom, que olhava para Della de modo inadequado, se aproximou e disse alguma coisa que a fez sorrir. Ela assentiu com a cabeça e virou o rosto para mim, por cima do ombro dele. Abriu ainda mais o sorriso quando nossos olhos se encontraram, mas voltou a conversar com o sujeito. A expressão irritada no rosto de Jimmy me preocupava. Ele acenou com a cabeça na minha direção e mandou o rapaz nos atender.

Bom homem.

– Olá, Sr. Kerrington, o que desejam beber? – perguntou o garçom enquanto enchia os nossos copos de água.

– Della é minha. Mantenha distância. Se precisar de alguma coisa, peça ao Jimmy. É ele quem diz a Della o que está faltando, não você – falei, sem me importar se o meu tom soaria mais como o de um namorado irritado do que de um chefe.

Ele arregalou os olhos e concordou.

– Sim, senhor.

– Eu quero um chá gelado – disse Jace.

– Café – pedi ao rapaz.

Voltei a minha atenção para Della, que estava parada um pouco atrás, esperando para falar comigo. Ela parecia preocupada.

– Oi, gata – disse, me levantando.

Ela sorriu para mim, mas olhou de novo para o atendente, que havia acabado de se afastar.

– O que você disse ao Ken? – perguntou ela.

– Que ele não precisa olhar nem falar com você. Ele precisa trabalhar.

Ela apertou os lábios.

– Tudo bem. Mas ele é novo. Você o contratou na semana passada.

Passei o braço pela cintura dela.

– Sim, ele é novo e eu compreendo isso. Também compreendo que ele devia estar preocupado com o fato de que o chefe dele havia acabado de sentar e precisava de atenção. Não com a mulher incrivelmente gostosa que estava conversando com Jimmy.

Della sacudiu a cabeça e deu uma risada.

– Está certo, tudo bem. Mas ele é bom. E o Jimmy precisa de ajuda.

– Almoce conosco.

– Não posso. Preciso fazer um pedido de aventais novos e tem um problema com o botão de chá na máquina. Preciso chamar o cara da manutenção para consertar.

– Você também precisa almoçar – lembrei-a.

– Vou almoçar mais tarde com a Blaire. Agora me deixe trabalhar, chefe.

Baixei a cabeça até a orelha dela.

– Se me chamar de chefe de novo, vamos acabar em um armário de produtos de limpeza rapidinho.

Della se afastou de mim gargalhando.

Como eu amo essa garota.

DELLA

Blaire tinha me convidado para almoçar naquele dia, o que era ótimo. Embora a visse com Rush pelo clube, eu ainda não havia tido a oportunidade de conversar com ela desde o incidente com Angelina. Não sabia como explicar, mas senti nascer uma ligação entre a gente depois daquela noite. Ela foi a minha heroína e me fez querer ser mais durona.

Por causa de Blaire, eu desejava ter mais atitude.

Encontrei com ela ao sair da antiga sala do Woods, na qual ele havia me instalado e me dito para decorar como eu quisesse.

– Você tem até uma sala agora! – exclamou Blaire, sorrindo.

Eu precisava admitir que adorava ter uma sala. Especificamente aquela. Tinha muitas boas lembranças dali. Não pretendia mudar nada nela.

– Sim, estou me sentindo muito em casa.

– Que bom. Fico feliz que o Woods tenha você. É perfeita para ele.

Eu não concordava com Blaire. Ele poderia conseguir alguém melhor, mas eu estava me esforçando para ser o suficiente. Forte o suficiente. Durona o suficiente.

– Pronta para almoçar? – perguntei, querendo mudar de assunto.

– Estou faminta. Nate é um bebê maravilhoso, mas não está mais dormindo tanto e me mantém ocupada. Quase não tenho tempo para mim. Felizmente, Rush me ajuda muito quando está em casa. Só assim posso sair um pouco.

Nate era uma mistura adorável dos pais. Eu normalmente não achava caras com piercings e aquela aparência de astro de rock atraentes, mas Rush Finlay segurando um bebê nos braços era uma visão muito agradável aos olhos.

– Rush está com o Nate agora? – perguntei quando entramos no salão do restaurante.

– Está. Os dois foram pescar. Na prática, Nate vai ficar sentado em cima de um cobertor e comer areia, isso se conseguir chegar até a borda do cobertor, e Rush vai pescar por uns cinco minutos até se dar conta de que é impossível pescar e cuidar do Nate ao mesmo tempo. Daí os dois ficarão sentados na beira da água, molhando os pés.

A felicidade na voz de Blaire era inconfundível. Rush Finlay a fazia feliz. Ela o fazia feliz. Era o que eu tinha com o Woods, mas diferente. Rush podia deixá-la sozinha com o bebê e não se preocupar se ela se perderia dentro da própria cabeça. Ele podia amá-la sem cogitar a hipótese

de o filho deles herdar uma doença mental. O amor dos dois era fácil. Era o tipo de amor que duraria para sempre.

Algo que Woods e eu não teríamos.

Toda vez que eu via Rush com o filho no colo, desejava essa experiência para Woods. A expressão orgulhosa nos seus olhos e a alegria no seu rosto. Eu não poderia oferecer isso a ele.

– Você está bem? – A voz de Blaire interrompeu os meus pensamentos e forcei um sorriso.

– Sinto muito. Estava só pensando. Prometo ser uma boa companhia de almoço – garanti a ela.

– Desde que seja o trabalho que esteja causando essa expressão preocupada... – respondeu Blaire, parecendo não acreditar em mim.

Eu ainda não havia tido coragem suficiente para falar com a minha melhor amiga, Braden, sobre isso. Ela me amava profundamente e, por isso, achava que eu não tinha um problema. Considerava que eu poderia me tornar mãe e esposa. Braden vivia em um conto de fadas que eu não me permitia invadir. Será que Blaire seria igual ou veria o meu lado e compreenderia os meus temores?

A recepcionista ficou alerta quando me viu e nos levou até a mesa de Woods. Ele já tinha informado aos funcionários do restaurante que a mesa dele deveria ficar disponível para mim.

– Ah, nós vamos ficar na mesa boa! – disse Blaire, sorrindo, enquanto nos sentávamos. – Acho que você é a chefe agora também.

– Woods fez questão que eu me sentasse no lugar reservado.

Senti o meu rosto corar e Blaire riu.

– Que fofo – disse ela.

Não soube direito como reagir. Era, sim, fofo. Woods era sempre fofo. Era impossível ficar brava com ele, mesmo quando merecia. Como quando fez o novo atendente, Ken, quase mijar nas calças por conversar comigo, por exemplo.

Jimmy saiu marchando da cozinha, sorrindo para nós.

– Parece que vamos receber atendimento especial também – brinquei, acenando com a cabeça na direção de Jimmy.

– Ora, olá, minhas lindas. Eu não sabia que ia ter tanta sorte hoje – disse Jimmy com o sotaque sulista que fazia a maioria das mulheres babarem por ele.

– Olá, Jimmy – cumprimentou Blaire.

– Estou vendo que você se liberou das obrigações com o bebê...

– Nunca é uma obrigação – respondeu ela.

– Chá gelado para as duas? – perguntou ele.

– Água com gás para mim – pediu Blaire.

Ele levantou as sobrancelhas e deu risada.

– Nossa, olha só a Alabama ficando toda sofisticada com o seu pedido... Caramba, menina,

eu me lembro de quando você bebia água da torneira.

Blaire deu risada.

– É melhor para o bebê, seu chato. Só isso.

– Sei... Logo, logo, vai pedir escargot – brincou ele, sacudindo o dedo para ela. Então piscou um olho na nossa direção e voltou para a cozinha.

– Ele é maluco... – comentou Blaire, com um carinho sincero na voz.

– Concordo, mas administra a cozinha muito bem. Não sei o que faríamos sem ele.

Blaire se recostou na cadeira e cruzou as pernas.

– Vocês implorariam para ele voltar. É o que fariam.

Ela sabia o quanto ele era importante porque havia trabalhado como atendente ali. Jimmy fora seu primeiro amigo em Rosemary. Bethy me contou que ela chegou à cidade procurando pelo pai e, no lugar, encontrou Rush Finlay. Rush, por sua vez, não gostava do pai de Blaire e não foi muito legal com ela inicialmente, mas deixou que morasse no quarto da empregada enquanto o pai dela e a mãe dele voltavam de viagem.

Rush a tratava mal, mas, no fim, o amor venceu e eles acabaram se apaixonando. Tiveram algumas dificuldades para ficarem juntos e uma mentira os afastou por um tempo. Mas, vendo-os agora, era difícil imaginá-los separados.

– E a bruxa má? Sumiu de vez por causa da minha arma? Ou foi obra do Woods? – perguntou Blaire.

– Ambos, eu acho. Ela foi embora naquela noite e não a vimos nem ouvimos falar nela desde então. A Sra. Kerrington não está muito feliz com o Woods em relação à coisa toda. Ela o culpa por Angelina ter ido embora.

– É só dizer que a culpa foi toda minha – sugeriu Blaire com um sorriso.

– Obrigada, mas não acho que vá fazer diferença. Ela não me aprova. Prefere que Woods fique com Angelina.

Blaire suspirou.

– Eu entendo isso. Minha sogra me odeia tanto que ainda não conheceu o próprio neto.

Blaire era equilibrada e linda. Não lidava com uma doença mental. Assim, seria de imaginar que sua sogra deveria amá-la. Mas ela representava para a mãe de Rush algo que jamais desapareceria. Parte do passado sombrio que ela compartilhava com o pai de Blaire.

– Fiquei sabendo que o pai do Rush esteve na cidade na semana passada visitando o Nate – disse, lembrando como todo o clube ficou falando sem parar sobre o baterista do Slacker Demon estar na cidade. – Ele é uma lenda do rock.

– E um avô maravilhoso. É um pouco surreal vê-lo ninando Nate no colo e cantando para ele. Nate o adora. Gosto de ficar observando o rosto de Rush enquanto ele testemunha o pai com o filho. Fico com lágrimas nos olhos todas as vezes.

– Imagino que seja especial mesmo.

Eu não tinha pais que fossem ver qualquer filho que eu pudesse vir a ter. Isso se eu algum dia me sentisse segura o bastante para ter um filho.

Woods

Minha mãe me levava à loucura. Sem Angelina, ela passava a maior parte do tempo sozinha. Eu a tinha visto no clube jogando tênis com algumas amigas no começo da semana. Fez uma excelente cena para elas, me pintando como o filho do qual sentia orgulho. Mas eu sabia que ainda estava brava comigo. Durante toda a minha vida participei dos teatrinhos dela.

Pedi para Della organizar alguns arquivos na minha sala. O pedido era menos uma necessidade e mais uma estratégia para mantê-la em segurança, fora do caminho enquanto a minha mãe estivesse lá. Não sabia ao certo se o fingimento de minha mãe se estenderia a Della. E eu não admitiria que ela fosse magoada ou humilhada.

O resto da equipe adorava Della. Quando a viam chegando, todo mundo ficava mais feliz e mais gentil. Ninguém queria decepcioná-la. O que quer que estivesse errado no instante anterior, todos se dispunham a consertar. Isso me ajudava absurdamente. Meu ciúme diante do fato de que os homens da equipe faziam de tudo para arrancar um sorriso dela era complicado, mas quem não iria querer deixar Della feliz? Eu não podia ficar bravo com eles por isso. Bastava que mantivessem as mãos longe dela.

– Onde está a Della? – perguntou Marco, nosso instrutor de golfe, ao entrar na sede do clube.

– Por que você precisa dela? – perguntei, lembrando a mim mesmo que o sujeito era casado.

– Ela estava tentando conseguir um substituto para mim na semana que vem. Vão induzir o parto da Jill na segunda-feira e eu quero ficar com ela e o bebê durante a primeira semana.

– Ela está terminando uma tarefa para mim, mas vou garantir que consiga um substituto para você.

– Obrigado, Sr. Kerrington – agradeceu ele.

A porta dos fundos se abriu e Vince ficou ali parado, com os olhos arregalados.

– Sr. Kerrington, o senhor precisa vir rápido.

Era Della. Eu conhecia aquele olhar. Ela estava tendo uma de suas crises. *Merda!*

Corri para a porta.

– Onde ela está? – perguntei a ele.

– Na sua sala. Ela esperava pelo senhor, daí a sua mãe apareceu. Tentei ligar para o seu celular, mas caiu na caixa postal. Depois que sua mãe saiu, ouvi Della chorando. Eu bati, senhor, mas, como ela não abriu, eu entrei.

– Já chega. Eu sei do resto. Não conte a ninguém a respeito disso, entendeu?

Esperei até ele concordar antes de sair correndo até o prédio da administração. *A minha mãe está à solta. Porra! Eu não devia ter deixado Della sozinha por tanto tempo.*

Várias pessoas chamaram o meu nome enquanto eu corria para as escadas. Não tinha tempo para esperar pelo maldito elevador. Subindo dois degraus por vez, cheguei ao terceiro andar em menos de um minuto. Graças a Vince, a porta ainda estava fechada.

Entrei na sala e encontrei Della no canto, sentada contra a parede e com os braços em volta das pernas, chorando e se balançando para a frente e para trás. Detestava vê-la assim. Os terrores noturnos diminuíram. Ela não havia tido nenhum episódio em um mês, pelo menos.

– Della...

Eu a chamei enquanto me aproximava, esperando que a minha voz a tirasse do transe. Então me abaixei ao seu lado e a puxei para os meus braços. Ela estava tensa e gelada.

– Não, não, não, não, não – repetia ela, sem parar.

– Estou com você, querida. Você está nos meus braços. Estou com você, Della. Shhh, está tudo bem. Volta para mim, gata. Por favor, volta para mim. Eu estou bem aqui e estou com você.

Sussurrei no ouvido dela o quanto a amava. Eu não a soltaria enquanto o seu corpo não começasse a relaxar. Lentamente, seus braços se afrouxaram e se enroscaram em mim, então ela enterrou o rosto no meu pescoço. Ela estava de volta. Continuei lembrando o quanto ela era maravilhosa e que eu tomaria conta dela. Que ela estava comigo. Tranquilizá-la também me tranquilizava.

Eu a deixara assumir muitas responsabilidades, porque era muito boa no trabalho. Comecei a deixar que ela trabalhasse demais e passava menos tempo com ela. Aquilo era culpa minha. A minha mãe jamais teria chegado a ela se eu estivesse por perto.

– Eu sinto muito – disse Della em uma voz chorosa contra o meu peito.

– Não diga isso – retruquei, passando a mão pelos seus cabelos e pelas suas costas. – Por favor, gata, não diga isso. Eu detesto que você pense que precisa dizer isso.

Ela fungou.

– Eu preciso ser mais forte. Eu quero ser mais forte.

Ela não percebia o quanto era forte? Viveu uma história de terror por dezesseis anos que se encerrou de um modo ainda mais terrível. E ela ainda encontrava motivos para sorrir. Era corajosa o suficiente para viver a vida, mesmo depois de enfrentar os monstros que a aterrorizavam em seu quarto de criança. E não eram monstros de faz de conta. Ela havia enfrentado monstros de verdade e sobrevivido. Não havia ninguém tão forte quanto aquela mulher.

– Della, você é mais incrível do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Só porque precisa se proteger às vezes e se afastar de mim isso não faz de você uma pessoa fraca. Você é uma sobrevivente. Você é a minha inspiração e eu amo você. Não importa o que aconteça, eu amo

você.

Della me abraçou com mais força. Minha mãe a havia perturbado. Eu precisava ter uma conversa séria com ela. Não a deixaria se aproximar de Della novamente, nem que para isso eu precisasse bani-la do clube. Isso iria parar. Estava cansando da minha família prejudicando o que era meu.

Ficamos sentados em silêncio. Della deixou que eu a abraçasse com a força que eu precisava abraçá-la. Ela me permitiu beijar seu rosto e suas mãos, para demonstrar que estava tudo bem.

A batida na porta encerrou nossa paz e tranquilidade. Della começou a sair do meu colo, mas a segurei comigo. Eu ia ignorar quem quer que fosse. Vince já devia estar lá fora a esta altura.

– Está tudo bem, Sr. Kerrington? – perguntou Vince do outro lado da porta.

– Sim, estamos bem – respondi.

Della levantou a cabeça para olhar para mim.

– Ele me viu?

Assenti. Não queria mentir para ela, embora soubesse que ela detestava que as pessoas a vissem quando estava desse jeito.

– Ele vai achar que eu sou louca – disse ela com um suspiro derrotado.

Segurei o seu queixo e a fiz olhar para mim.

– Não, não vai. Você não é louca. Você é inteligente, adorável e linda. Você viveu no inferno e venceu, Della. A maioria das pessoas não consegue superar algo como o que você superou. Jamais pense que você é algo menos do que incrível.

Um sorrisinho entortou os lábios dela.

– Você diz isso porque me ama.

– Mais do que a vida – respondi antes de apertar os meus lábios contra os dela.

DELLA

Woods não havia me deixado sozinha desde o incidente do dia anterior. Ele sabia que precisávamos trabalhar, mas estava me mantendo ao seu lado, em casa. Toda vez que eu falava em ir para o escritório ele fazia alguma coisa para me distrair. Sexo oral no balcão da cozinha foi a sua primeira tática e, confesso, funcionou. Eu me esquecera de tudo por alguns minutos.

Então ele me pegou escapando para tomar uma ducha enquanto estava em uma ligação de trabalho. Falei que precisávamos nos arrumar e ele me comeu dentro do box. Depois que ele desligou a água e me levou no colo até a cama, fizemos amor de novo.

Agora ele estava lá fora falando no celular de novo. O fato de ele estar trabalhando de casa só comprovava a minha opinião: minha fraqueza era um fardo para Woods. Quando ele retornou, intimei-o a realmente ir trabalhar. Eu ia repelir qualquer abordagem sexual que ele tentasse usar para me manter ali.

– Era o Vince. Tem dois membros do conselho administrativo no meu escritório. Minha mãe os enviou. Preciso lidar com eles. Estarei de volta em duas horas, no máximo.

Ele não ia me deixar ir.

– Posso ir com você? Tem coisas que deixei por fazer ontem.

– Não. Eu preciso me concentrar nessa reunião e saber que você está lá vai me distrair. Eu ficaria preocupado com você. É melhor que fique aqui. Prometo que volto logo.

Ele me beijou na boca antes de ir para o quarto se arrumar. Fiquei ali parada absorvendo o que ele disse. Ele estava me demitindo. Ele ia me manter ali de novo. Tinha medo de eu ir trabalhar e ter mais uma das minhas crises.

Eu estava me esforçando muito para ser durona e aliviar as preocupações dele. Um único dia bastou para ele me colocar em uma redoma de novo. Isso não era justo. Eu queria viver. Adorava estar perto dele e ter um objetivo, saber que o estava ajudando. Ficar em casa o tempo todo era solitário. Eu não podia fazer isso de novo.

Algum tempo depois, ele saiu do quarto vestindo um terno.

– Vamos comer naquele restaurante italiano à beira-mar que você adora hoje à noite – disse ele, sorrindo, como se isso fosse resolver tudo.

Em vez de dizer a ele como eu estava me sentindo, apenas assenti com a cabeça e o vi sair de casa. Não discuti. Apenas deixei que ele decidisse o que eu ia fazer. Isso não era ser durona.

Blaire não teria deixado Rush fazer isso. Ela teria discutido. Teria usado a valentia do Alabama contra ele e feito as coisas do jeito dela.

Eu precisava mostrar ao Woods que era capaz de fazer isso. Tinha dado uma escorregada, mas era maior do que isso. Eu podia continuar trabalhando. Ele precisava de mim lá. Eu o estava ajudando. E era boa nisso.

Fui para o quarto e me arrumei para ir trabalhar.



Desafiar Woods enquanto ele estivesse em uma reunião não era uma decisão sensata. Em vez disso, terminei o trabalho que havia deixado incompleto no dia anterior. Consegui contratar um instrutor substituto, encomendei novos carrinhos de golfe para substituir dois dos mais velhos e fiz uma reunião com a gerente do campo de golfe, Darla, sobre usar novas máquinas para venda de petiscos e acrescentar novas cervejas.

Apenas três horas depois, tive uma oportunidade de ver Woods. Como ainda não havia me ligado, ele sequer se dera conta de que as duas horas que previra já tinham passado. Ou ainda estava em reunião, ou estava tão atolado em trabalho que perdeu a noção de tempo.

Vince sorriu para mim com alívio no rosto quando saí do elevador.

– Srta. Della, que bom que voltou. Sentimos a sua falta.

Eu precisava falar do assunto com Vince.

– Obrigada – disse, parando diante da mesa dele. – Sobre ontem, Vince, sinto muito você ter me visto daquele jeito. E sou muito grata por ter ido buscar o Woods. Eu tenho essas crises de vez em quando e me esforço muito para controlá-las, mas não me saí muito bem ontem.

Ele levantou a mão para me interromper.

– Não preciso de uma explicação. Se precisar de mim, estou aqui. Não se preocupe com o que eu vi. Isso fica apenas entre nós dois.

Senti os meus olhos se enchendo de lágrimas e apenas consegui assentir com a cabeça. Olhei para a porta fechada da sala de Woods.

– Ele ainda está aí?

Vince sacudiu a cabeça.

– Não, ele saiu há uns quinze minutos. Disse que vai voltar em meia hora para uma audioconferência.

Droga. Eu não ia conseguir vê-lo?

– Tudo bem. Obrigada, Vince.

Voltei para o elevador e mudei de ideia. Ia descer de escada. Woods normalmente ia pela escada. Eu poderia me desencontrar dele se pegasse o elevador.

No instante em que a porta da escada fechou atrás de mim, ouvi a voz de Woods vindo de

baixo. Parei e pensei em voltar para a sala dele. Não queria ouvi-lo escondida.

– Não sei como você conseguiu lidar com a maluca por tanto tempo! – A voz de Jace me impediu de sair, bem como o que ele disse. Fiquei paralisada com a mão na porta.

– Não podia simplesmente deixá-la sozinha, mas ela está afetando o meu trabalho. Pelo menos, enquanto estava aqui, Angelina ajudava.

As palavras de Woods foram como água fria sendo despejada na minha cabeça.

– Você precisa se manter afastado das loucuras dela. Tem uma corporação para administrar. Deixar de lado o que você precisa fazer para lidar com um dos seus episódios de loucura não é justo. Você tem que dar um jeito nisso.

As palavras do Jace fizeram a sensação de torpor no meu coração começar a se espalhar.

– Eu não posso. Como vou fazer isso? – perguntou Woods em um resmungo de frustração.

Eu havia escutado o suficiente. Precisava me afastar. Precisava ir embora. Não estava conseguindo respirar. A escuridão se aproximava de novo e, desta vez, eu não estaria aqui para todo mundo testemunhar.

Forcei um sorriso para Vince quando saí da escada e segui para o elevador. Ele não perguntou nada e eu também não me prontifiquei a explicar. Mantive o meu foco apenas nas portas do elevador. Elas se abriram e eu entrei. Respirando fundo, lutei contra a escuridão. Eu não ia pirar ali. Minha loucura estava afetando o trabalho dele. Não, não! Eu ia me manter focada.

Quando as portas se abriram, saí do elevador direto para o estacionamento. Quando cheguei ao meu carro, entrei e peguei o celular.

– Tripp – disse, quando ele atendeu.

– Sim?

– Preciso que você venha me buscar. Está na hora de eu ir embora.

Ele ficou em silêncio.

– Confie em mim. Eu conto tudo quando você chegar aqui. Não diga nada ao Woods. Só venha me buscar. Já passou da hora de eu ir embora.

– O que foi que ele fez?

Soltei um forte suspiro e me agarrei à força que esperava haver dentro de mim.

– Ele quer acabar tudo. Meus problemas são demais para ele. Ele só não sabe como me dizer. Por favor, está na hora de eu ir embora. Eu quero viver a minha vida agora.

– Chegarei aí na hora do almoço amanhã. Estou de moto.

– Vou levar pouca coisa.

– Você pode despachar o resto. Vou mandar o endereço por mensagem.

– Está bem.

– Tem certeza disso?

– Tenho – respondi.

Woods

Minha mãe havia ligado para dois membros do conselho que eram mais próximos ao meu pai e dito a eles que eu estava deixando Della trabalhar no clube. De acordo com as palavras dela, Della era “mentalmente instável e perigosa”. Ela chegou ao ponto de inventar que Della tentou feri-la. Minha mãe havia enlouquecido.

Jace entrou na minha sala depois da longa reunião que tive com os dois sujeitos. Eles queriam que fosse feita uma investigação dos antecedentes de Della. Eu sabia muito bem o que eles encontrariam e me recusei a fazer isso.

– Você está com cara de quem vai para a guerra. O que aconteceu?

Passei correndo por ele em direção à escada. Precisava extravasar. Era o lugar mais seguro para fazer isso.

Subi dois lances de escada correndo antes de parar e dar um soco na parede, xingando todo mundo envolvido. Della não precisava disso agora. Ela estava tão melhor. Como eu iria falar com ela sobre isso?

– O que aconteceu? – perguntou Jace atrás de mim. Eu não havia me dado conta de que ele tinha me seguido.

– A porra da minha mãe. Angelina e ela. As duas são más e perversas. Como a minha mãe pode ser tão maluca? O que aconteceu com o meu pai e ela para se tornarem tão fodidos da cabeça, a ponto de acharem que podem controlar vidas? Eles não podem! Este clube é meu e se eu quiser demitir todos os filhos da puta do conselho, eu demito! Está na hora de um novo conselho administrativo, de qualquer maneira – desabafei, furioso, respirando fundo para me acalmar.

– Não sei como você conseguiu lidar com a maluca por tanto tempo! – exclamou Jace, sentando nos degraus e olhando para mim, que andava de um lado para outro.

– Não podia simplesmente deixá-la sozinha, mas ela está afetando o meu trabalho. Pelo menos, enquanto estava aqui, Angelina ajudava.

– Você precisa se manter afastado das loucuras dela. Tem uma corporação para administrar. Deixar de lado o que você precisa fazer para lidar com um dos seus episódios de loucura não é justo. Você tem que dar um jeito nisso – disse Jace, como se fosse fácil.

Como eu poderia virar as costas para a minha mãe? Eu era tudo o que ela tinha.

– Eu não posso. Como vou fazer isso? – perguntei, me encostando na parede.

Se fosse uma questão de escolher entre Della e a minha mãe, eu escolheria Della. Se minha mãe tentasse me obrigar, eu me afastaria dela. Primeiro, eu tinha que tomar uma decisão sobre o conselho. Precisava de um advogado. Um advogado meu, não do meu pai. Chega de usar as pessoas que ele havia contratado. As coisas eram diferentes agora e eu não precisava de uma ligação maluca da minha mãe mandando membros do conselho ao meu escritório para questionar as minhas decisões.

Estava na hora de deixar claro que o clube era administrado por mim. Meu conselho seria composto por pessoas em quem eu confiava. Estava na hora de uma nova geração assumir.

– Jace? – disse, me virando para olhá-lo.

– O que foi?

– Você está pronto para ser membro do conselho?

Jace franziu a testa.

– O quê?

– Vou contratar um advogado, demitir o conselho atual e montar um novo.

Um sorriso tomou conta do rosto de Jace.

– Claro, estou dentro.

Pela primeira vez desde que recebi a ligação de Vince naquela manhã eu me sentia leve. Não ia deixar minha mãe me controlar. Eu estava no controle. Meu avô havia deixado tudo para mim, incluindo a casa em que ela morava. Se ela queria foder com a minha vida, eu contra-atacaria e a faria parar. Ela podia ser a minha mãe, mas Della era a minha vida.



Quatro horas se passaram desde que eu deixara Della. Caramba, eu tinha perdido a noção do tempo. Peguei o celular e caminhei em direção à minha caminhonete. A ligação foi direto para a caixa postal. Merda!

Quando cheguei em casa, notei o carro de Della na entrada da garagem. Eu tinha prometido um jantar à beira-mar, mas cheguei duas horas atrasado. Não era justo. Eu não podia mantê-la ali o tempo todo. Era hora de ela voltar a trabalhar comigo. Eu precisava da sua ajuda. Ela era boa no que fazia.

Ao abrir a porta, senti cheiro de alho e tomates assados. Fechei a porta e segui o cheiro até a cozinha. Della estava parada diante do fogão, vestindo um avental preto do clube e mexendo em uma panela.

– Oi – disse baixinho para não assustá-la.

Ela se virou e sorriu para mim. Havia uma tristeza em seus olhos que não conseguiu esconder. Tê-la deixado ali a chateou. Ela queria ter ido trabalhar. Eu precisaria explicar tudo

esta noite.

– Decidi cozinhar em vez de sairmos.

Eu me aproximei e passei os braços ao redor de sua cintura.

– O cheiro está incrível.

– Que bom! Faz muito tempo que eu não faço lasanha. É difícil acertar o molho.

Havia alguma coisa errada na sua voz. Detestava pensar que ela estava chateada.

– Sinto muito por hoje.

– Não se desculpe. Você precisava trabalhar. Eu entendo.

Ela não queria que eu pedisse desculpas. O que a estava incomodando, então?

– Você pode voltar ao trabalho amanhã.

– Não acho que esteja pronta para isso ainda.

Ela não estava pronta? Hoje havia tentado voltar ao trabalho diversas vezes. O que mudou?

– Por que acha que não está pronta? Você teve mais uma crise hoje?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Acho que é muita coisa em cima de mim. Preciso me sentir mais segura, primeiro. –

Ela se virou e olhou para mim. – Não vamos falar sobre isso esta noite. Eu quero preparar o jantar e aproveitar o tempo com você.

Enfiei a cabeça na curva do seu pescoço.

– Está bem – respondi. Falaríamos sobre o assunto amanhã, então. – Como posso ajudar você com o jantar?

Ela se virou e beijou a minha cabeça.

– Você pode fatiar o pão francês, passar a manteiga e pôr um pouco de alho em pó. Vou tostar as fatias daqui a pouco.

– Eu consigo fazer isso.

DELLA

No fundo, eu sempre soube que um dia Woods se daria conta de que viver comigo era impossível. Eu só não sabia que ele já estava cansado de lidar com a minha loucura e não transparecia seus sentimentos. Ao contrário, ele fazia com que eu me sentisse querida. Se não o tivesse escutado conversando com Jace, ainda estaria acreditando que poderíamos vencer tudo.

Anos sem viver em meio às pessoas haviam prejudicado a minha capacidade de interpretá-las. Jace sabia que Woods estava cansado de lidar comigo, mas eu não tinha percebido isso. Agora eu sabia. Esta noite seria para nós. Eu cozinhei para ele e aproveitaria o tempo ouvindo-o falar. Queria guardar cada instante desta noite na minha memória.

Quando eu for embora amanhã, tudo estará acabado. Eu não vou mais voltar e deixarei Woods livre. No começo, ele pode até ficar chateado, mas sou um fardo pesado demais para carregar. Quando ele se der conta disso, sua vida ficará mais fácil.

Esta noite, porém, ele ainda seria meu. Eu poderia abraçá-lo e acreditar no que tínhamos. Só mais uma vez.

Ficamos parados lado a lado lavando a louça. Normalmente, conversaríamos e daríamos risada, mas eu não encontrei nada divertido sobre o que falar. Meu coração estava pesado demais.

– Você está bem? – Woods me perguntou quando pôs o último prato na máquina e a fechou.

Assenti com a cabeça e sorri.

Ele estendeu o braço e entrelaçou os dedos nos meus.

– Tem certeza? Eu conserto qualquer coisa que estiver errada, basta você me dizer – disse ele, me puxando gentilmente para os seus braços. Ele queria consertar a minha vida e isso era impossível.

Em vez de responder, fiquei na ponta dos pés e pressionei os lábios contra o pescoço dele.

– Eu quero você – sussurrei contra a pele quente de Woods. – Agora mesmo, tudo o que eu quero é você.

Ele levantou os braços e me deixou tirar a camiseta dele. Seu peito estava sempre bronzeado e perfeito. Beijei o seu pescoço e passei os dedos pelo seu abdômen definido. Aquilo havia sido meu por um tempo. Seria um capítulo da minha vida difícil de relembrar, mas seria o meu preferido.

Pressionei os lábios contra a pele firme da barriga dele e comecei a abrir o zíper da sua calça. Fiquei feliz por não haver resistência nem perguntas da parte dele. Se aquele capítulo das nossas vidas seria encerrado naquela noite, eu queria que fosse perfeito.

Abaixei a calça jeans dele, junto com a cueca *boxer*.

– Porra, Della – sussurrou Woods enquanto eu lambia a ponta do pau dele.

Suas mãos acariciavam os meus cabelos. Eu queria que ele soubesse o quanto eu o amava. Quando não estivesse mais aqui, queria que ele soubesse que era parte de mim. Que isso não havia sido algo vazio para mim.

– Ah... – gemeu Woods, apoiando-se no balcão enquanto eu enfiava todo o pau dele na minha boca.

Eu amava a sensação que estava proporcionando para ele. Era maravilhoso saber que o tremor nas suas pernas tinha sido provocado por mim.

– Isso é bom demais, gata. Sua boquinha quente é perfeita para caralho. – A voz dele estava rouca e profunda. Ele soltou um grunhido baixo quando acariciei as suas bolas. – Não vou gozar na sua boca. Não esta noite. Eu quero entrar em você – disse ele, chutando a calça jeans e a deixando no chão antes de me pegar no colo e me levar para o quarto.

Woods arrancou o meu short. Levantei os braços e deixei que ele tirasse a minha blusa. O sutiã e a calcinha desapareceram com a mesma rapidez.

– Você é linda – disse ele, se ajoelhando à minha frente e olhando para o meu corpo.

Quando estava com ele, eu me sentia linda.

– Faça amor comigo – pedi, abrindo as pernas e puxando-o para mim.

– Quero sentir o seu gosto – disse ele, me impedindo de puxá-lo ainda mais.

– Eu quero você dentro de mim.

– Quero uma provinha primeiro. – Seu sorriso torto me aqueceu o coração. Eu o deixaria ter o que quisesse.

– Está bem – respondi enquanto ele se abaixava até ficar com a cabeça no meio das minhas pernas.

Seus lábios roçaram a pele sensível da parte interna das minhas coxas enquanto, em uma trilha de beijos, passava de uma perna para outra até o calor de sua respiração tocar a minha boceta. Estremeci e agarrei o lençol antes que a língua dele entrasse em mim e passasse em seguida para o meu clitóris.

Gritei o nome dele até gozar em sua boca. Cada passada da língua elevava ainda mais a onda de prazer que tomava conta de mim.

Enquanto eu arfava para levar ar para os pulmões, ele me enchia com um único movimento. Levantei os joelhos e os pressionei contra as suas costelas.

– Eu amo você, Della. Eu amo você demais, gata. Demais – exclamou Woods com uma voz rouca cheia de emoção.

Era como se ele soubesse que não haveria amanhã. Era o fim. Lutei contra a dor que apertava a minha garganta e agarrei o seu rosto para poder beijá-lo. Eu não conseguiria falar. Não confiava em mim mesma para falar. Mostrei o quanto eu o amava com ações.

A cada estocada, levantava meus joelhos e gritava. Ele não parou nem por um instante de dizer que me amava. Foi como um mantra que nos acompanhou no caminho até o gozo.

– *Woods!* – gritei o nome dele em êxtase, com o mundo ficando fora de foco.

Ele me segurou contra o peito enquanto gozava dentro de mim. Meu nome saiu como um grito estrangulado de seu peito naquele momento.

Nosso capítulo estava encerrado. Foi o capítulo mais lindo da minha vida. Eu sabia que havia tido o final feliz muito antes da hora e, agora, teria de viver o resto da história sem ele. Não era como deveria ser, mas assim era a minha vida. Woods fez parte dela. Estava tudo bem.



Na manhã seguinte, Woods me deu um beijo na testa e me disse para dormir até mais tarde. Ele me avisou que tinha uma reunião cedo e que eu poderia voltar ao trabalho quando estivesse pronta. Fingi estar com sono e disse apenas que sim, mantendo o rosto afundado no travesseiro para esconder as lágrimas. Quando a porta se fechou, eu me virei e olhei fixamente para o teto.

Meu coração havia acabado de ir embora por aquela porta.

Levantei da cama, tomei um banho e me vesti. Com pressa, encaixotei as coisas que iria despachar naquela manhã para o endereço da Carolina do Sul que Tripp havia me mandado por mensagem. Depois, arrumei uma mala pequena que pudesse levar comigo. Não sabia ao certo aonde iríamos e para onde eu estava mandando as minhas coisas.

Woods me ligou por volta das dez e perguntou se eu queria almoçar. Eu não podia dizer a verdade, então aleguei que estava com trabalho atrasado e, se ele queria que eu voltasse, precisava recuperar o tempo perdido. Ele não discutiu. Quando disse que o amava, uma lágrima rolou pelo meu rosto. Agradei que ele não pudesse me ver.

Antes de ir, escrevi em um pedaço de papel:

Nunca vou me esquecer de você. Obrigada por tudo, mas está na hora de eu seguir em frente. Quero conhecer o mundo. Esta vida não é para mim. Não combina comigo. Não é o que sonhei. Não venha atrás de mim, apenas me deixe ir. Espero que você encontre a felicidade que merece.

Sinto muito,

Della

Woods

Eu tinha acabado de receber um telefonema muito estranho de Tripp. Primeiro, ele me perguntou como andava a minha vida. Respondi que estava perfeita e ele ficou em silêncio. Então aconselhou misteriosamente que “às vezes, o que achamos que está perfeito está completamente ferrado”. Perguntei o que ele queria dizer com aquilo, mas Tripp apenas respondeu que esperava que eu entendesse a vida logo.

Que merda tudo aquilo significava? Ele andava bebendo antes do almoço? Olhei para o relógio e me dei conta de que estava na hora do meu jogo de golfe com o Jace. Quando Della recusou meu convite para almoçar, aceitei sem problemas porque ela queria trabalhar. Ela era importante para mim, mas precisava ter um tempo para si. Em vez de insistir e atrapalhá-la, liguei para o Jace e marquei um jogo com ele.

Eu tinha uma reunião com o meu novo advogado às três horas da tarde. Depois disso, iria atrás de Della. Imaginei que, até lá, ela estaria pronta para fazer um intervalo. Sorrindo, esqueci do telefonema esquisito do Tripp e segui para o campo de golfe.

Jace estava debruçado no carrinho de golfe da Bethy, conversando com ela. Eu nunca imaginaria que os dois ficariam juntos por tanto tempo. Bethy era a garota local maluca que morava na cidade ao lado. Normalmente ela dormia com os garotos ricos e eles agiam como se não a conhecessem em público. Isso incluía o Jace. Até que ele viu algo a mais nela e decidira que Bethy valia a pena.

– Você vai continuar de namorico com a minha funcionária ou pretende jogar? – perguntei ao me aproximar dos dois.

Jace sorriu para mim e me mostrou o dedo médio.

– Vá à merda, Kerrington.

– Vocês dois precisam que eu peça um caddy? – perguntou Bethy.

– Somos homens de verdade, gata. Não precisamos de um caddy – respondeu Jace, piscando para ela.

– Vamos logo. Eu tenho uma reunião mais tarde.

O carrinho com os meus tacos, que eu havia pedido, tinha chegado. Jace se despediu de Bethy e pôs os tacos dele na parte de trás do carrinho.

– Faz tempo que não jogamos, hein? – Jace me lembrou. – O chefe nunca tem tempo.

– Della aliviou o meu trabalho. Preciso dar um aumento para ela.

Jace riu e pôs os pés no painel do carrinho.

– Você já falou para a sua mãe da ideia do novo conselho?

– Não e não pretendo falar. Não é da conta dela. Vou me reunir com o meu advogado hoje para assegurar que o processo ocorra do jeito certo. Ele vai garantir que os membros do conselho saibam que ele foi extinto.

– Sabe, sempre pensei que o conselho fosse dono de uma parte do clube.

– Não, meu avô proibiu isso em testamento. Ele queria que o clube continuasse sempre com a família Kerrington. Não permitia investidores, a menos que fossem da família. Esse era um dos motivos pelos quais meu pai queria que eu me casasse com Angelina. Ela se tornaria parte da família e ele fundiria os clubes do pai dela com o country club Kerrington. Meu avô nunca quis isso. Eu examinei o plano de negócios dele e sei qual era o sonho dele para este lugar. Meu pai tinha outras ideias e pretendia me usar para realizá-las.

Jace soltou um assovio quando chegamos ao primeiro *tee*.

– Caramba, não é de admirar que o seu pai estivesse pronto para casar você com uma louca. Então você é realmente o dono do clube agora... O conselho era apenas para ajudar o seu pai a tomar decisões.

– Acho que meu pai havia prometido a eles um pedaço do bolo no momento em que o country club Kerrington fizesse parte do império Greystone. Tudo mudaria, então. Ele também pagava muito bem aos integrantes do conselho. Chequei a folha de pagamentos.

Jace saltou do carrinho e tirou o taco da bolsa antes de seguir para o *tee*.

– Hummm... Quer dizer que vou receber um belo contracheque por participar desse novo conselho?

– Sim, é o que eu estou dizendo – respondi, pegando o meu taco.

– Ótimo. Porque vou pedir a Bethy em casamento e a minha família vai pirar. Posso dar adeus à minha mesada mensal. Preciso logo começar a usar a formação pela qual meu pai pagou tão caro.

Parei de caminhar. Eu havia escutado direito?

– Você acabou de dizer que vai *pedir Bethy em casamento*?

Jace levantou os olhos da bola e assentiu.

– Nossa! – Foi tudo o que consegui dizer. Não estava esperando por aquilo.

– Eu a amo. Ela é a pessoa certa para mim.

Fiquei ali, parado em silêncio, enquanto Jace batia na bola. Ele deu um passo para trás e olhou para mim.

– Ela ainda não sabe. Estou tentando pensar em um jeito romântico de pedir.

Aquela partida de golfe havia acabado de ficar muito mais interessante.



Mandei uma mensagem de texto para Della antes da reunião, mas ela ainda não havia respondido quando o advogado chegou. Terminada a reunião, liguei para ela. Não a tinha visto nem recebido notícias dela o dia todo. Alguma coisa parecia estar errada.

“Desculpe, mas o número que você ligou foi desligado...”, tirei o aparelho do ouvido e olhei para o visor para me certificar de que havia ligado para o número de Della. Sim, havia.

Peguei as minhas chaves e passei por Vince sem dizer nada. Minha cabeça estava a mil. Por que o telefone de Della tinha sido desligado? Será que ela se esqueceu de pagar a conta? Será que estava bem?

No caminho para casa, pensei em todos os piores cenários. O carro de Della estava parado na entrada da garagem. Ela não saiu de casa. Meu coração disparou enquanto eu subia a escada da frente e abria a porta.

Estava tudo silencioso. Silencioso demais.

– Della? Gata? Você está bem? – chamei ao percorrer o corredor e passar pela sala de estar, em direção ao quarto. – Della?

O quarto estava vazio. Não havia sapatos ao lado da porta nem bijuterias em cima da cômoda. Fiquei com medo de entrar e olhar o armário. Aquilo não podia estar acontecendo. Passei pela cozinha e quase segui em frente, mas vi um pedaço de papel e uma caneta em cima do balcão. Eles não estavam ali de manhã. Peguei o bilhete e comecei a lê-lo. A cada palavra, meu mundo se desmanchava mais um pouco. Aquele simples pedaço de papel continha as únicas palavras capazes de me destruir completamente.

Deixei-o cair no chão enquanto fiquei ali, em choque. Não queria tocar naquele papel. Não queria vê-lo. As palavras ficaram impressas na minha cabeça. Eu jamais conseguiria me livrar delas. Não conseguia me mexer. Não conseguia respirar.

DELLA

Quando veio me buscar, Tripp apenas perguntou se eu tinha certeza do que estava fazendo. Respondi que sim e aquilo foi o suficiente para ele pegar a minha mala e colocá-la no compartimento da moto antes de me entregar um capacete e uma jaqueta de couro.

Fazia duas horas que estávamos na estrada quando Tripp parou em um posto. Minhas pernas estavam ligeiramente dormentes. Não sabia se conseguiria caminhar direito depois daquilo tudo. Tripp desceu, pegou o meu capacete e o pendurou na moto. Não perguntei por que ele não estava usando um capacete, mas estava agradecida por ele ter um para mim. Ele então estendeu a mão para me ajudar a descer. Consegui passar uma perna por cima da moto e segurei as duas mãos dele para ficar de pé.

– Ai – exclamei, dando um sorrisinho.

Ele sorriu.

– Você vai se acostumar – disse, acenando com a cabeça na direção da loja. – Use o banheiro e compre alguma coisa para comer e beber. Vamos fazer uma pequena pausa antes de seguirmos em frente.

Durante o percurso, eu me concentrei na estrada e nos carros por que passamos e consegui, com muito esforço, evitar pensamentos a respeito do Woods. Mas eles estavam na minha cabeça, me provocando. Eles queriam me assombrar. Queriam me destruir. Ele logo saberia que eu não estava mais lá.

– Para onde estamos indo? – perguntei, tentando pensar em qualquer coisa que não fosse Woods.

– Não tenho certeza. Estamos só dirigindo. Achei que você precisaria disso agora. Estou indo para o norte. Mais alguns quilômetros e vamos encontrar algum lugar interessante para parar até a hora de dormir.

Era disso mesmo que eu precisava.

– Está bem.

– Preciso abastecer a moto – disse Tripp e, aproveitando a deixa, eu segui para dentro da loja.

Precisava ligar para a Braden. Eu não contara a ela que ia deixar o Woods porque sabia que a minha amiga não veria as coisas da mesma forma que eu. Mas, em algum momento, eu precisava entrar em contato para explicar tudo e acalmá-la. Tirei o celular do bolso e lembrei que eu o

havia cancelado. Não queria ser encontrada. Eu o reativaria na próxima cidade com um número novo. Um número que ninguém soubesse.

Depois de usar o banheiro, comprei uma garrafa d'água e um pacote de salgadinhos, e segui para me sentar a uma mesa de piquenique em uma área com gramado, no lado de fora.

Quando Tripp me encontrou, eu já tinha terminado o meu pacote de salgadinhos. Ele pôs em cima da mesa uma barra de chocolate, um saquinho de amendoins, um pedaço de carne seca e um saco de balas.

– Coma um pouco mais – disse ele antes de dar uma boa mordida na carne seca.

Parti o chocolate ao meio antes de pegar um pedaço. Comemos em silêncio. Eu estava com medo de conversar com ele. Tripp queria saber por que eu estava fazendo isso e obviamente não concordava comigo. Dava para perceber pela forma como agia.

– Ele não sabe que você está aqui. Pelo jeito como conversou comigo pelo telefone, não fazia ideia do seu plano. Isso é sacanagem, Della. De verdade. O cara vai sofrer.

Parei de comer e me levantei.

– Eu não posso pensar nisso agora, está bem? Foi o melhor para ele. Isso é tudo que eu posso dizer para você. Por favor, não vamos falar sobre isso.

Tripp soltou um suspiro cansado e concordou.

– Tudo bem. Não vamos falar sobre isso. Chupe umas balas de goma, são saudáveis – disse ele com um sorriso enquanto empurrava o saquinho na minha direção.

– Eu não estou com fome. – E não estava mesmo. Estava me sentindo enjoada.

– Tudo bem. Vou guardar para a viagem. Você vai ficar com fome de novo em breve. Não comeu quase nada.

– Posso usar o seu celular para ligar para a minha amiga Braden?

Tripp respondeu que sim e entregou o celular para mim.

– Obrigada.

Eu me afastei dele o suficiente para que não me escutasse. Seria necessário mentir para a Braden. Enquanto digitava o número, preendi a respiração, esperando encontrar uma forma de contar uma história crível. Se soubesse da verdade, ela iria direto atrás do Woods dizendo onde eu estava e por que havia ido embora.

– Alô? – A voz de Braden parecia curiosa. Ela não reconheceu o número.

– Sou eu.

– Della? Onde você está?

– Estou viajando o mundo e vivendo a vida. A vida com Woods não era o que eu queria para mim. Eu precisava de aventura.

Braden não respondeu. Ela estava pensando. Eu sabia qual era a expressão no rosto dela, mesmo sem vê-la.

– O que aconteceu? Pare de mentir para mim e diga onde você está e qual é o problema. – Eu

era uma péssima mentirosa e Braden me conhecia melhor do que ninguém.

– Estou viajando. Não estou sozinha e estou bem. Só preciso de um tempo. Falo com você de novo quando puder, mas preciso de tempo para deixar as coisas para trás. Foi por isso que eu entrei no seu carro, para começo de conversa. Woods mudou isso, mas foi apenas temporário. Eu preciso fazer isso por mim.

– Ainda acho que você está me escondendo alguma coisa, mas vou fingir que aceito o que está fazendo. Liga para mim quando puder e se cuide. Posso confiar em quem está com você?

– Pode – respondi.

– Você não vai me dizer quem é?

– Não. Preciso que você não diga ao Woods que falou comigo. Não diga nada a ele. Ele vai vir atrás de mim e eu não quero isso.

Braden soltou um gemido de frustração.

– Ele ama você, Della.

– E eu o amo. Mas está na hora de eu viver. Não posso ficar presa àquela cidadezinha.

– Espero que você não esteja cometendo o maior erro da sua vida – disse Braden em um tom derrotado.

– Foi o melhor capítulo da vida, mas terei outros.

– Amo você – falou Braden.

– Também amo você – respondi.

– Não se esqueça de me ligar.

– Pode deixar.

Desliguei o celular e entreguei-o para Tripp, que me observava de longe.

– Obrigada.

– Você cancelou o seu número para ele não vir atrás de você? – perguntou ele, se levantando.

– Sim.

– Caramba, garota. Você não deu mesmo uma chance para ele, não é?

– Podemos ir?

– Vamos – respondeu ele, caminhando na direção da Harley que estava estacionada perto da mesa.

Woods

Ela levou todas as coisas dela e não me deixou nada além de um bilhete. Abracei seu travesseiro. Ainda tinha o cheiro dela. O cheiro doce e sexy de Della.

Como eu poderia deixá-la ir? Mas ela não queria que eu a encontrasse. Rosemary não era vida para ela. Della tinha começado uma viagem para conhecer o mundo e só conheceu a mim. Agora, queria mais.

Eu tentei mantê-la a salvo e acabei sufocando-a, controlando o seu emprego e tudo que ela fazia. Della queria abrir as asas e eu as cortara. Então ela encontrou outra forma de voar.

Meu peito estava tão apertado que cada respiração doía. Eu não liguei para ninguém. Fiquei horas sem sair de casa, segurando o travesseiro com força. Passavam das nove da noite. Eu estava em casa havia cinco horas. Fazia quanto tempo desde que foi embora? Ela sabia ontem à noite que ia me deixar?

A expressão nos seus olhos ao fazer amor comigo estava diferente. Havia alguma coisa neles que me incomodou. Mas ela estava tão apaixonada e carente que eu me esqueci de tudo que não fosse prazer. Se eu ao menos tivesse olhando mais fundo e conversado com ela... Em vez disso, foi apenas sexo. Quando ela caiu de joelhos na cozinha, eu me perdi para o que quer que ela quisesse.

Se eu ao menos tivesse olhado mais fundo...

Ela me deixou.

Lentamente, fui me dando conta e me levantei, ainda abraçado ao travesseiro dela. A ligação do Tripp. O que ele disse não fazia sentido, mas estava tentando me avisar. Puta que pariu! Ela foi embora com o Tripp! Ela ligou para ele! A dor lentamente começou a diminuir conforme a raiva – não, a fúria – passou a me consumir. Ele a tirou de mim. Aquela ligação não faria sentido para ninguém. Foi o jeito de ele me dizer que havia me avisado quando sabia que eu não o entenderia.

Peguei o abajur da mesa de cabeceira e o atirei contra a parede. Depois, arranquei os lençóis e os amontoei em cima da cama. Arranquei o espelho da parede e o quebrei, mas a raiva ainda estava dentro de mim. Soquei a parede até o punho atravessar o reboco. Embora estivesse gritando, a minha voz parecia muito distante. Estava fora de mim. Atirei o travesseiro que estava segurando e tudo parou. Aquilo era tudo o que eu tinha. O travesseiro dela. Fui até a pilha de

vidro e móveis quebrados e peguei o travesseiro de volta. Segurei-o com reverência contra o peito.

O perfume dela tomou conta dos meus sentidos e, por um instante, a fúria cessou. Por um instante, eu não era um homem histérico destruindo tudo dentro de casa. Eu podia segurá-la. Eu a tinha.

– Puta merda! – Ouvi a voz de Jace da porta do meu quarto.

A expressão horrorizada no seu rosto enquanto ele levantava os olhos para mim só serviu para me deixar furioso de novo.

– Cara – disse ele, levantando as duas mãos –, você precisa se acalmar.

Ele não compreendia. Não foi a vida dele que acabara de perder o sentido. Não foi a mulher da vida dele que o deixara apenas com um travesseiro e um bilhete como lembranças.

O bilhete... merda.

Corri até a porta e passei por Jace com um empurrão. Eu precisava pegar o bilhete. Era algo dela. Mesmo que as palavras escritas nele me arrebatassem por dentro, eu o queria.

O papel rasgado estava no chão e eu amassei cada um dos pedaços ao juntá-los. Não podia ler aquelas palavras de novo. Não naquele momento. Enfiei-os no bolso. Eu os manteria comigo. Era a caligrafia dela. As palavras dela.

– Você está me assustando, cara. – Jace me seguiu até a cozinha.

– Preciso ficar sozinho – respondi sem me virar.

– Não, não acho que precise.

– Saia da porra da minha casa! – gritei.

– Eu liguei para o Rush e para o Thad. Eles estão a caminho. Eu não vou deixar você sozinho.

Eu não os queria ali. Eu queria gritar e quebrar coisas. Queria encontrar uma forma de diminuir a dor.

– Não! Por que você está aqui?

– Tripp me ligou e...

O simples fato de ouvir o nome dele, sabendo que estava com Della, fez com que o monstro dentro de mim explodisse. Peguei o copo de dentro da pia e o atirei do outro lado da sala, quebrando um quadro.

– Ele a levou! – rugi enquanto agarrava um prato e o atirava do outro lado da sala. – Ele a levou de mim, caralho!

– Ela ligou para ele. Ela queria viajar com ele, Woods. Você precisa se acalmar. Ela foi embora por livre e espontânea vontade.

Eu podia ouvir o medo na voz de Jace, mas não me importei. Peguei um banco alto e comecei a bater com ele no balcão até a madeira se despedaçar em uma pilha no chão.

– Puta merda. – Meu cérebro registrou a voz de Rush, mas eu não conseguia pensar. Eu não

os queria ali.

– Cara! Faça ele parar. Ele está louco! – gritou Thad.

Fui segurado por trás e lutei contra aqueles braços, mas eles me apertaram ainda mais.

– Calma, porra. Respira, cara. Respira. Della não está morta. Ela está em algum lugar e a história não acabou. Então, pode se acalmar? – disse Rush em uma voz baixa e dura.

Respirei fundo várias vezes. Rush tinha razão. Ela estava viva. Só havia ido embora.

– Ela... me deixou – sussurrei e a minha voz falhou.

– Eu sei, mas destruir a casa não vai trazê-la de volta. Você está perdendo o controle. Precisa se recompor. Sei como você está se sentindo. Já estive no seu lugar, lembra? Perder a cabeça não vai fazer com que ela volte.

Rush, sim, conhecia a minha dor. Blaire o havia deixado uma vez, mas, de certa forma, ela tinha sido traída. Ela teve um motivo para fazer o que fez. Eu não havia magoado Della. Eu só a amava.

– Eu não a deixei viver – confessei, levantando os olhos para Jace e Thad, que mantinham distância de mim.

– Ela precisa de um pouco de espaço. Deixe-a ter um pouco de espaço – aconselhou Rush.

– E como vou seguir vivendo? O que faço?

Rush soltou um suspiro e foi me soltando lentamente.

– Você acorda todas as manhãs e vai para o trabalho. Sorri quando achar que deve. Passa o tempo livre pensando nela e no que vai dizer quando encontrá-la de novo. Daí você vai para a cama e torce para dormir um pouco e, ao acordar, faz toda essa merda de novo.

Eu me encostei na parede e abaixei a cabeça.

– E se ela nunca mais voltar?

Ele não disse nada no começo. Ficamos ali parados em silêncio no meio da destruição.

– Daí você encontra uma maneira de continuar vivendo – disse Rush por fim, e eu me dei conta de que esse era o meu maior medo.

– Ela era a minha jogada vencedora – afirmei, olhando para o banco destruído no chão.

– A sua o quê?

– A minha jogada vencedora. Não dá para ganhar sem uma. E eu a perdi. Estou fora do jogo.

– Não, não está. O jogo ainda não acabou – disse Rush.

Eu esperava que ele tivesse razão.

Duas semanas mais tarde

DELLA

—Onde estamos agora? – perguntei a Tripp quando desci da garupa da moto, sem a ajuda dele desta vez.

– O que você estava fazendo aí atrás? Dormindo? Passamos por várias placas anunciando a chegada à casa do Rei – disse Tripp, pegando as nossas bolsas e seguindo na direção do hotel para conseguir um quarto.

– O Rei? – perguntei, indo atrás dele.

– É, você sabe... *A-wop-bop-a-loo-mop-alop-bam-boom* – disse Tripp.

– *Elvis*? Quer dizer que estamos em Memphis?

– Isso – respondeu Tripp, abrindo a porta do hotel para eu poder passar.

Na primeira noite da nossa viagem, eu tentei ficar sozinha em um quarto, mas os terrores noturnos vieram rápido e com força. Desde então, alugávamos um quarto com duas camas e Tripp me ajudava, o que havia acontecido todas as noites até agora. Ficávamos tão cansados que, na maioria das noites, acabávamos caindo no sono na mesma cama depois que o terror acabava.

– Um quarto, duas camas – pediu Tripp para a mulher da recepção que, depois dessa informação, lhe deu um sorriso charmoso.

Ele recebia muitos sorrisos desse tipo. Quando as mulheres se davam conta de que não estávamos juntos, começavam a se atirar em cima dele. Ele as ignorava na maior parte das vezes. De vez em quando, havia garotas que não conseguia ignorar. Ele devolvia o charme e pegava o número de telefone da moça, o que eu achava inútil, já que nós não iríamos voltar. Mas ele dizia que talvez voltasse... um dia.

Tripp pegou a chave do quarto e seguimos para o elevador. Eu não estava muito a fim de conversar. Havia ligado para Braden naquela manhã e ela me contou que Woods ainda não ligara para ela. Isso me incomodou. Eu devia estar aliviada, mas não estava. Quanto mais tempo eu ficava longe de Woods sem que ele ligasse para Tripp ou Braden, mais eu me dava conta de que era isso que ele queria. O que, no fundo, era bom. Eu não queria pensar nele sofrendo. Era mais fácil vencer cada dia sabendo que aquela dor infinita no meu peito era algo que eu teria que aguentar sozinha.

– Você está quieta hoje – comentou Tripp quando a porta do elevador se abriu e saímos no

segundo andar.

Era o andar mais alto no qual Tripp aceitava se hospedar. Ele cismava em ficar no primeiro andar dos hotéis. Gostava de saber que não tinha muitos lances de escadas o separando da saída, caso o prédio pegasse fogo. Eu nunca havia parado para pensar nisso, mas ele, aparentemente, sim.

– Só não estou a fim de conversar – respondi.

– Foi bom o seu papo com a Braden?

Sim. Tirando a parte em que ela mencionou Woods. Ela me perguntou aonde estávamos e o que estávamos fazendo e precisei mentir.

– Sim.

Tripp abriu a porta do nosso quarto e olhou para mim.

– Tudo bem com você se eu sair para beber alguma coisa esta noite?

Esse era o código para “Tudo bem se eu sair para transar esta noite?”. Ele só não sabia que eu já havia me dado conta disso. Toda noite que saía para beber, Tripp voltava perto das duas da manhã cheirando a perfume. Ele seria um péssimo marido adúltero.

– Eu quero pedir uma pizza e ver um pouco de TV. Vá, faça o que você quiser – disse a ele quando entrei no quarto.

– Obrigado.

– Sem problemas. Vou tomar um banho. Você vai sair agora? – perguntei, tirando a minha bolsa da mão dele.

– Acho que sim.

– Então nos vemos de manhã. Divirta-se.

Entrei no banheiro e esperei até ouvir a porta do quarto se fechar. Só então deixei as lágrimas rolares. Eu as segurava fazia horas. Chorar não diminuía a dor, mas, naquele instante, eu podia me afundar na minha tristeza. Não precisava escondê-la. Podia soltá-la livremente.

No fundo, eu sabia que tinha feito a coisa certa. Eu deixei Woods livre e não era mais assombrada pelo medo de que o machucaria. Ele estava bem. Estava vivendo sua vida e encontraria alguém que combinasse perfeitamente com ele. O que tivemos jamais seria perfeito. O amor devia ser simples. Eu não era simples.

Woods merecia alguém com a força de Blaire Finlay, uma mulher capaz de sacar uma arma e cuidar de si mesma. Uma mulher que pudesse lhe dar filhos mentalmente saudáveis.

Eu nunca seria uma Blaire. Eu não era a simples perfeição de Woods. Ele a descobriria em outra pessoa. Talvez um dia eu encontrasse uma maneira de ser feliz de novo também.

Eu me recusava a acreditar que iria acabar como a minha mãe. Eu podia fazer alguma diferença neste mundo. Pensar em Woods e no seu desinteresse em me encontrar não estava me ajudando em nada. Chorar não me curaria. Eu não precisava de um homem para segurar a minha mão e me abraçar.

Eu precisava fazer isso sozinha.

Tripp e eu havíamos juntado o dinheiro que tínhamos, mas a quantia não duraria para sempre. Estava na hora de o Tripp voltar para a casa dele na Carolina do Sul e eu encontrar uma vida própria.

Eu me levantei, liguei o chuveiro e tirei a roupa. Lavaria as minhas lágrimas e não me permitiria fazer isso de novo. Havia uma bravura dentro de mim que eu ia encontrar e cultivar.

Woods

Eu estava sentado na minha varanda com uma cerveja na mão e o celular na outra. Tripp me ligava todas as noites. Ouvi-lo falar sobre o que Della fazia, dizia ou mesmo vestia era a única maneira de eu me agarrar aos meus resquícios de sanidade.

No instante em que o nome de Tripp iluminou a tela do celular, atendi.

– Oi, como ela está?

Eu não queria falar amenidades. Havia decidido que não quebraria todos os ossos de Tripp quando ele me ligou pela primeira vez e prometeu me manter atualizado sobre Della. Ela precisava de um tempo para lidar com algumas coisas. Eu estava me esforçando para caramba para conceder esse tempo a ela, mas era difícil. Toda vez que ele me dizia em que cidade estavam, eu lutava contra o impulso de pegar um avião.

– Ela estava quieta hoje. Não falou muito e mal podia esperar para se livrar de mim. Ela está deprimida, mas é apenas mais um estágio para ela.

– Onde vocês estão agora?

– Memphis.

– Vocês estão em um hotel?

– Sim. Della está no quarto. Eu estou conhecendo a cidade e dando um tempo para ela.

Dando um tempo para ela?

– Que porra você está pensando? Não pode deixá-la sozinha! Se ela estava quieta, pode estar se fechando em si mesma. Ela vai precisar de alguém para trazê-la de volta. Ela não pode...

– Woods! Calma, cara. Calma! – Tripp falou com um tom autoritário.

– Ela não pode ficar sozinha – repeti, com a emoção presa na garganta. Detestava pensar que Della estava sem mim.

– Ela precisa ficar sozinha e chorar. Ela precisa se decidir. Della ama tanto você que foi embora para proporcionar a vida que ela acha que você merece. Uma vida sem ter que lidar com os problemas dela. Agora que fez isso, ela precisa conviver com a situação. Dê um tempo a ela.

Larguei a cerveja e me levantei. Agarrado ao gradil da varanda, fechei os olhos e lutei contra a dor. Eu só queria que Della fosse feliz. Da maneira que fosse possível. Eu nunca ficaria bem sem ela. Ao mesmo tempo, não queria que ela ficasse sozinha. Eu queria que alguém a abraçasse.

– Abrace Della por mim. Abrace-a com força. Não deixe que ela sofra. Por favor.

- Eu vou fazer o que ela me deixar fazer. Mas não são os meus braços que ela quer.
- Porra – murmurei, sentindo uma dor na garganta.
- Só dê a ela mais um tempo.

Respirei várias vezes, para conseguir me acalmar. Ele não podia deixá-la sozinha.

- Quando desligar, veja como ela está.

Tripp suspirou.

- Tudo bem, mas eu tinha planos para esta noite. A garçonete do bar estava me dando mole.
- Você precisa de mais dinheiro? – perguntei.

Eu vinha depositando dinheiro na conta de Tripp desde a primeira vez que ele me ligou. Queria que Della ficasse em bons hotéis e se alimentasse direito.

- Estou só vendo a hora em que ela vai se dar conta de que estamos ficando nos melhores bairros de cada cidade e comendo em bons restaurantes em vez de frequentar muquifos e lanchonetes. Sabe, Woods, Della não é idiota.

- Eu estou me segurando por muito pouco. Seus telefonemas e o fato de saber que ela está ficando em bons hotéis e comendo bem são as únicas coisas que estão me mantendo são.

- Vou tentar convencê-la a voltar comigo para a Carolina do Sul. Tenho um bom apartamento lá. É seguro e eu tenho um emprego para o qual posso voltar. Consigo um emprego para ela também.

Eu só queria que ela voltasse para casa.

- O que você precisar fazer, desde que ela continue segura.
- Prometo que vou mantê-la segura.
- Você a tirou de mim – lembrei a ele. Não podia agradecer.
- Ela me pediu para fazer isso. E eu sou amigo dela também.
- Ela precisa de mim.
- Não, cara. Agora, ela precisa encontrar a força dentro dela mesma. A força que ela não acha que existe. No momento em que se der conta de que não é um fardo, ela vai voltar.
- Ela precisa voltar – declarei, encerrando a ligação antes que Tripp percebesse a dor em minha voz.

DELLA

Eu estava certa de que Tripp ia sair para conhecer alguma garota, mas a pizza sequer havia chegado e ele já estava de volta.

– O que aconteceu?

Ele encolheu os ombros.

– Sei lá. Decidi comer uma pizza em vez de beber uma cerveja.

Alguma coisa estava errada. Ele nunca iria preferir comer pizza a transar. Tripp era meio galinha. Eu havia me dado conta disso muito rápido. As mulheres gostavam dele e ele gostava delas... durante mais ou menos duas ou três horas.

– Seja sincero, por que você voltou? Você nunca preferiu pizza a... hum... cerveja.

Ele deu um sorriso torto.

– Imagino que você saiba o que eu normalmente faço quando saio para beber.

Revirei os olhos.

– Hã... sim.

Tripp afundou na beirada da outra cama.

– Bom, achei que esta noite talvez precisássemos conversar mais do que eu precisasse de uma cerveja.

Como não sabia o que responder, fiquei esperando o assunto. A batida na porta o impediu de prosseguir.

– Opa! – exclamou Tripp, se levantando para pagar e pegar a pizza. Eu também havia pedido um refrigerante de dois litros. Não era cerveja, mas era de graça e fazia parte da promoção.

Tripp depositou a pizza na minha cama e pegou dois copos de plástico que estavam ao lado do balde de gelo. Eu também queria conversar, só não sabia ao certo quando teríamos uma oportunidade. Antes de nos afastarmos ainda mais da Carolina do Sul, estava planejando sugerir ir para lá.

– Calabresa! Era como se você soubesse que eu estava voltando!

– Desculpe desapontá-lo, mas é só a oferta especial da noite. Tudo por quinze dólares.

– Que sorte a minha então!

– Desembucha, Tripp. Quero saber o que é mais importante do que... hum... cerveja.

Tripp soltou uma risadinha e tomou um gole de refrigerante.

– A senhorita está impaciente, hein?

Não respondi. Apenas levantei as sobrancelhas para que ele soubesse que eu ainda estava esperando.

– Quero ir para a Carolina do Sul. Eu preciso voltar para o meu trabalho e posso conseguir um trabalho para você também. Além disso, tenho uma casa por lá. Acho um excelente lugar para se pensar na vida. O que acha?

Não era o que eu estava esperando que ele dissesse.

– Está bem – respondi.

Ele parou de mastigar.

– “Está bem”? Só isso?

– É. Só isso.

Intrigado com minha resposta, ele apenas engoliu mais um pedaço de pizza.

– Como você continua me surpreendendo? Já era para eu estar acostumado a esta altura.

Comi mais um pedaço da minha pizza e encolhi os ombros. Eu também não havia me dado conta do quão tranquila estaria com aquela decisão. Eu não ia ficar lá permanentemente, é claro, mas poderia trabalhar durante um tempo e economizar um pouco de dinheiro. Depois, pegaria a estrada novamente.

– Tem uma coisa que eu quero fazer antes.

– O quê?

– Passar pela Geórgia para ver a minha melhor amiga, Braden, e o marido dela. Faz um tempo que não os vejo e queria ficar na casa deles por uns dois dias.

Tripp concordou.

– Parece uma boa. Eu posso me hospedar em um hotel e você fica com eles.

– Eles adorariam que você ficasse na casa deles também – garanti.

Tripp sorriu.

– É, bom, parece legal, mas, sinceramente, eu poderia aproveitar umas duas noites para um pouco de... cerveja.

Minha pequena explosão de riso foi rápida e inesperada.

O sorrisinho de Tripp virou um sorriso satisfeito e eu gargalhei pela primeira vez desde que saí de Rosemary.



Estava prestes a cair no sono quando ouvi Tripp se levantar e ir até o banheiro. Achei que ele ia tomar um banho, mas o ouvi conversando com alguém. Para quem ele estaria ligando depois da meia-noite? Então ouvi o meu nome.

Saí da cama em silêncio e me aproximei o bastante para ouvir a conversa.

– Ela quer parar na casa da amiga dela na Geórgia primeiro... Sim, eu concordei. Onde? Perto de Myrtle Beach. É seguro, eu juro... Provavelmente vou precisar de um pouco mais de... isso! Eu ligo para você... Calma! Vai dormir.

Voltei correndo para a cama e me deitei de novo. Com quem ele estava falando? Será que havia uma garota de quem ele gostava na Carolina do Sul? Não, não podia ser isso. Ele dormia com muitas mulheres. Devia ser apenas um amigo.

– Della? – A voz de Tripp me surpreendeu. Eu quase respondi, mas me dei conta de que ele estava apenas conferindo se eu estava mesmo dormindo.

Devia ser um amigo dele querendo saber quando ele voltaria para casa. Mas o comentário sobre ser “seguro” foi esquisito. Fechei os olhos e decidi deixar a exaustão tomar conta de mim. Pensaria naquilo no dia seguinte.

Woods

Estava terminando de checar a lista de compromissos que Vince havia deixado em cima da minha mesa naquela manhã. Era hora de parar de adiar as coisas. Não conseguia focar no trabalho nas últimas duas semanas e agora eu estava atrasado.

No dia seguinte, meu advogado iria mandar as cartas para os membros do antigo conselho informando que eles não eram mais necessários. Eu imaginava que a merda eventualmente iria bater no ventilador, mas o meu advogado lidaria com as reações. Eu não estava com ânimo para isso.

– O Sr. Finlay está aqui para vê-lo – disse Vince pelo intercomunicador.

– Mande-o entrar – respondi.

Eu havia chamado o pai de Rush, Dean Finlay, para conversar antes de Della ir embora. Incluir uma celebridade ajudaria bastante quando a notícia sobre o novo conselho fosse divulgada para a cidade e os membros do clube. Além disso, Dean tinha investido um monte de dinheiro no country club Kerrington e o meu pai nunca o aprovou. Ele o aceitava porque não era um idiota completo, mas não gostava dele.

– Preciso dizer, Woods, que você ficou bem para caramba sentado aí – comentou Dean com a sua fala arrastada ao entrar na sala.

Ele não escondia que era um astro do rock: cabelos compridos, o corpo cheio de tatuagens e diversos piercings. Usava até delineador nos olhos. O cara era uma lenda do rock e, ao mesmo tempo, o pai de um dos meus melhores amigos.

– Obrigado, Dean – agradei, me levantando e estendendo a mão para cumprimentá-lo.

– Você me tem por uns trinta minutos. Depois vou voltar para o meu neto. Precisei deixá-lo e isso é muito difícil de fazer. Estou adorando o garoto!

– Sim, senhor. Vai ser rápido – garanti a ele, fazendo um gesto para que se sentasse.

Dean se sentou na poltrona de couro e apoiou os pés na borda da minha mesa.

– O que está acontecendo?

– Estou dispensando os membros do conselho do meu pai. Eles eram homens de confiança dele, não meus. Não preciso de um conselho com quem eu não possa dividir minhas ideias e em cujas opiniões eu não possa confiar. Vou substituí-los por pessoas que eu quero que participem do futuro do country club Kerrington.

Dean levantou a mão para me interromper e ergueu uma sobrancelha.

– Você está dizendo que demitiu aquele bando de presunçosos?

Concordei com a cabeça.

Dean atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

– Caramba, essa foi a coisa mais engraçada que ouvi nos últimos tempos.

Se eu conseguisse sorrir, sorriria com ele.

– Quero que participe do meu conselho. Rush também será convidado, é claro.

Dean pôs os pés no chão e se inclinou para a frente, repousando os cotovelos nos joelhos e me observando por um instante.

– Você quer que *eu* integre o *seu* conselho?

– Sim, quero. Meu grupo de amigos é todo de jovens. Precisamos de sabedoria no conselho e o senhor é o único homem que eu gostaria de ter me aconselhando.

O rosto de Dean foi lentamente tomado por um sorriso.

– Quem diria...

Eu não ia dizer a ele que a situação também me espantava. Fiquei apenas esperando pela resposta.

– Tá bom, vou participar do seu conselho. Meu neto vai crescer nesta cidade e o country club Kerrington e os seus membros serão grande parte da vida dele. Quero garantir que ele tenha o melhor.

Eu tinha a esperança de que ele se sentiria assim.

– Obrigado, senhor. Agradeço muito. Fico honrado por ter aceitado fazer parte do futuro do clube.

– Eu também – disse Dean, recostando-se na cadeira. – Mas, Woods, se vamos fazer isso, você precisa parar de me chamar de senhor. Eu me sinto velho assim. Pego garotas mais jovens do que você, rapaz.

Posso não ter conseguido sorrir, mas achei divertido.

– Tenho certeza disso.

– Qual é o seu problema, garoto? Não consigo arrancar um sorriso seu!

Eu não queria falar sobre Della com Dean. Ele não iria entender. Como ele mesmo disse, pegava uma garota diferente a cada noite.

– Problemas pessoais. Estou tratando deles.

Dean esfregou o queixo, então entortou a cabeça olhando atentamente para mim.

– É uma mulher. Esse olhar sempre é provocado por uma porra de uma mulher. Nem se dê o trabalho de negar. Posso ver no seu rosto.

Não admiti, mas também não neguei. Em vez disso, baixei o olhar para a mesa e remexi em alguns papéis. Tinha um contrato que precisava que Dean assinasse e deveríamos discutir o seu salário mensal... embora ele não precisasse disso.

– Quem é ela? O que ela fez? Você está apaixonando ou ela foi fisgada e você está tentando dar no pé?

Peguei o contrato e entreguei a ele com uma caneta.

– Nem uma coisa, nem outra. Preciso que você assine o contrato dizendo que o que discutirmos sobre o clube é confidencial. Seu salário está mencionado aí também.

Dean não se inclinou para a frente para pegar o papel. Ainda estava focado em mim. Começou a sacudir a cabeça e soltou um assovio baixo.

– Caralho! Woods Kerrington está apaixonado! Deve ter alguma merda na água daqui. Preciso voltar logo para Los Angeles. Vocês estão ficando malucos por causa de garotas bonitas. Tem muito peixe por aí. Peixões, cacete, sabe? Por que se preocupar com um quando se pode ter todos? Uma morena na segunda, uma ruiva na terça, gêmeas na quarta, uma loira peituda na quinta, uma beleza asiática na sexta e a irmã dela no sábado. No domingo, você pega uma de cada e faz uma festona de dia inteiro. Não há necessidade de ficar enroscado em uma só.

Aquele discurso se assemelhava com um que ele havia feito em um verão em que Rush nos levou para uma viagem de carro para ver o Slacker Demon em Atlanta. Claro que ganhamos acesso ao *backstage* e passamos um tempo com a banda. Era a vida de Dean. Na ocasião, eu já achava aquela vida meio solitária. Agora, depois de conhecer Della, tinha certeza.

– Desculpe, mas quero só ela.

– Ela deve ser especial – disse ele, inclinando-se para a frente para pegar a caneta. – Eu não estou dando a minha vida nem acrescentando você ao meu testamento, estou?

– Não, você só está concordando em manter os negócios do clube confidenciais.

– Eu não preciso do dinheiro. Deposite em uma poupança para o futuro do Nate. Peça que o Rush acerte tudo.

Eu já esperava por isso.

– Sim, senh... quero dizer, Dean – corrija a tempo.

Ele sorriu.

– Assim está melhor! – Então se levantou e bateu no tampo da mesa. – Você ficou muito bem aqui, garoto. Muito bem mesmo!

Dean estava dentro. Agora eu precisava fazer a próxima ligação.

Della

Braden abriu a porta com tudo e me abraçou com força. Soltei a mala que estava carregando e a abracei com a mesma intensidade.

– Você está aqui! Senti tanto a sua falta! – disse Braden enquanto me apertava mais uma vez.

Só então ela percebeu Tripp atrás de mim. Não deixei de notar o brilho nos olhos de Tripp ao ver a minha melhor amiga. Braden tinha grandes olhos azuis e cílios escuros longos e curvados. Seus cachos castanhos eram absolutamente naturais. Eu sempre os invejei.

– Braden, esse é o meu amigo Tripp. Tripp, essa é a minha melhor amiga, Braden Fredrick.

– E eu sou o marido dela, Kent – informou Kent ao aparecer por trás de Braden.

Sorri para ele. Senti como se precisasse me desculpar por Tripp e fiquei subitamente agradecida pelo fato de ele ter optado por ficar em um hotel. Braden amava o marido, mas, quando queria ser sedutor, Tripp transformava o processo em uma ciência.

– É um prazer conhecê-los – disse Tripp com um sorriso. Eu devia ter dado um beliscão nele.

– Entrem – convidou Braden.

– Eu tenho planos para esta noite, então preciso ir. Voltarei quando estiver pronta para ir embora, Della – avisou Tripp, piscando para mim. Ele estava sendo fofo de propósito.

– Tudo bem. Vai beber umas cervejas. Acho que você está precisando – comentei e ele deu uma risada antes de se virar e seguir para a moto.

– Ele pilota uma Harley? – perguntou Braden, olhando enquanto Tripp se afastava.

– É melhor parar antes que o Kent dê uma surra nele – sussurrei, entrando na casa.

– O quê? Kent sabe que o amo. Eu só estava curiosa para conhecer o misterioso homem com quem você estava fugindo pelas duas últimas semanas.

– Claro que sim – ironizou Kent, agarrando a bunda dela antes de lhe dar um beijo na boca. – Vou preparar um café.

Quando Kent entrou na cozinha, Braden me puxou para a sala de estar.

– Como você está? Como estão seus terrores noturnos? Você e o Tripp estão se dando bem?

– Tão bem quanto se poderia esperar, igual e sim.

Braden franziu a testa.

– Preciso de mais informações do que isso.

Suspirei e me sentei no sofá.

– Sinto saudade de Woods, mas ele está melhor sem mim. Até ele sabe que está melhor sem mim.

– Como assim? Ele disse isso?

– Não, mas ele não tentou me encontrar. Você mesma disse que ele não ligou para você. Também não ligou para o Tripp. Nada. No fundo, eu fiz o que ele queria. Meu foco é pensar em como viver de agora em diante.

Braden se sentou ao meu lado.

– Veja pelo lado bom: você está recebendo ajuda de um motoqueiro muito gostoso.

– Eu ouvi isso! – gritou Kent do corredor.

Braden riu e revirou os olhos.

– Falando sério, ele parece legal. Você não está se apaixonando, está? Quero dizer, passa dia e noite com ele...

– Eu entreguei a minha alma ao Woods. Ela sempre estará com ele.

Braden suspirou.

– Eu entendo isso.

– Que bom que entende e que eu já tenho a sua alma, Braden, porque não acho que possa dar uma surra naquele motoqueiro. Ele pode parecer magro, mas é alto e musculoso – comentou Kent ao entrar na sala trazendo duas canecas de café.

Braden gargalhou e até eu consegui sorrir. Podia confirmar os músculos do Tripp. Passei os últimos dias com o peito encostado nas costas dele e os braços ao redor do seu corpo. Ele era musculoso, sim. E também tinha tatuagens, que me surpreenderam. Às vezes, eu via a elite rica de Rosemary nele, mas ele se esforçava horrores para escondê-la com tatuagens e arrogância.

– Para com esse ciúme. Nada é mais sexy do que você de terno e gravata. Esses cabelos loiros curtos e a sua pele bronzeada... Eu sei o que tenho e não estou procurando por outra coisa – alegou Braden quando Kent se abaixou para beijá-la e entregar uma das canecas a ela.

Eu não queria testemunhar esse tipo de afeto no momento. Braden leu a minha mente. Ela era boa nisso.

– Agora deixe as meninas conversarem. Precisamos de um tempo a sós – pediu Braden, com uma expressão que eu sabia que ele compreenderia.

Eu não disse nada. Precisava que ele saísse. Chega de sentimentalismo.

– Desculpe – disse ela quando ele saiu da sala.

– Tudo bem. Vou ter que aprender a lidar com isso pelo resto da minha vida. Posso começar a me acostumar agora. Afinal de contas, vou encontrar casais em todos os lugares, não é?

Braden estendeu o braço e segurou a minha mão.

– Você vai encontrar a sua felicidade. Acho que você está errada em relação ao Woods, mas já disse isso. Ele ama você. Eu sei que ama. Eu me lembro do maluco que veio até aqui alguns meses atrás. Detesto ver você abrindo mão daquele sentimento.

– Como eu poderia manter aquilo? Eu não podia ficar. Ele estava cansado da minha loucura. Eu o ouvi dizendo isso. Ele não sabe, mas eu ouvi. Ele conversou com o Jace sobre como era difícil lidar comigo.

– O quê? Não acredito nisso. Você deve ter se confundido. Não consigo imaginar o Woods dizendo isso. Se for isso mesmo, vou matá-lo. Ma. Tá. Lo.

Ela já estava irritada. Eu não devia ter contado aquilo. Sabia que ela ficaria furiosa.

– O que exatamente ele disse? – perguntou ela, soltando a xícara e olhando atentamente para mim atrás de qualquer sinal de mentira.

– Era uma conversa, na verdade. Não me lembro exatamente.

– Mentira. As palavras estão gravadas na sua memória e você sabe exatamente o que foi dito, palavra por palavra.

Ela não desistiria enquanto eu não contasse.

– Eu estava no clube, procurando pelo Woods. Decidi descer pela escada em vez de pegar o elevador. Então ouvi a voz dele. Não queria ouvir escondida, mas escutei Jace dizendo que não sabia como o Woods havia aguentado a loucura por tanto tempo.

– E o que o Woods fez? Por favor, me diga que ele deu um soco na cara desse tal de Jace.

Sacudi a cabeça e deixei o torpor me acalmar. Não podia pensar no que estava dizendo.

– Ele disse que era o que ele precisava fazer. Que não podia me deixar sozinha, mas que isso afetava o trabalho dele.

Parei e engoli em seco. Concentrei o meu olhar nas minhas mãos. Precisava olhar para qualquer coisa, menos para Braden.

– Ele disse que pelo menos a Angelina ajudava quando estava lá.

Essa era a pior parte. Ouvi-lo dizer que alguém como ela era mais fácil. Que era dela que ele precisava. Não de alguém como eu. A louca.

– Talvez ele não estivesse falando sobre você. A mãe dele não é uma vaca maluca?

– Não. Ela só é má – expliquei. – Jace também falou que o Woods precisava se afastar de mim porque ele tinha uma corporação para administrar, que não era justo ele deixar o que estava fazendo para lidar com as minhas crises de loucura.

– É melhor que o Woods tenha dado uma surra nele nesse momento – disse Braden, ficando com o rosto vermelho.

Eu devia ter mudado de assunto para poder acalmá-la, mas eu precisava que ela compreendesse que eu havia deixado o Woods para o bem dele e que era isso que ele queria. Ele só não sabia como pedir.

– Woods respondeu que não podia. Então perguntou como poderia fazer isso.

Braden sacudiu a cabeça, com os olhos arregalados de descrença.

– Essa história simplesmente não parece certa. Esse não é o mesmo homem com quem eu conversei quando ele veio buscar você alguns meses atrás.

– Não, esse é o homem que recebeu a responsabilidade de administrar um clube e cuidar da mãe da noite para o dia. Ele tem problemas e preocupações reais. Eu sou mais do que ele pode suportar agora.

Braden não parava de sacudir a cabeça. Ela levaria algum tempo para processar tudo aquilo. Eu não havia contado ao Tripp sobre essa conversa. Não queria falar sobre o assunto. Mas ele também não me pressionara da forma como Braden tinha feito.

– Você não é louca.

– Você pode acreditar nisso, mas está no meu sangue.

Ela me deu um sorriso triste.

– Não, não está. Tem uma coisa que eu preciso contar. Enquanto você andava na garupa da moto de um gostosão por duas semanas, eu estava investigando.

– Investigando o quê? Do que está falando?

– Della Sloane... você foi adotada.

Woods

Darla Lowry, a gerente do campo de golfe, era agora membro do conselho. Contratá-la foi a única coisa certa que o meu pai fez. Eu confiava a minha vida a Darla. Com Jace planejando se casar com Bethy, sobrinha dela, estávamos apenas amarrando ainda mais os laços familiares. Darla também era sábia. Era mais velha do que eu e viu o clube crescer e florescer por mais de 25 anos. Ela merecia um assento no conselho. Também merecia o salário que vinha com a função.

Meu celular tocou e vi o número de Braden na tela. Fazia alguns dias que não falava com ela, mas ela sempre me ligava quando tinha alguma informação sobre Della.

– Oi – atendi, rezando para que não fosse alguma notícia ruim.

– Eu sei por que ela foi embora. Havia mais do que a gente imaginava, como eu sempre disse que havia. Mas antes que eu conte tudo, você precisa me prometer algo e escutar tudo o que eu tenho a dizer, porque eu não tenho medo de você nem do seu dinheiro, Woods Kerrington. Eu vou caçá-lo e enterrá-lo se for preciso, está me entendendo?

Braden estava irritada e pronta para atacar.

– Se você conseguir me ajudar a ter Della de volta, sou capaz de caminhar sobre a água – respondi.

– Que bom. Eu imaginava isso. Só que ela pensa muito diferente. Ela acha que fez um favor a você e que o senhor queria se livrar dela e não sabia como.

– O quê? Por quê? De onde ela tirou essa ideia? Foi o Tripp que disse isso a ela? Porque, se for, eu vou matar esse filho da puta.

– Sente e respire. *Você* fez isso. Não saia apontando o dedo para outras pessoas. Primeiro, eu preciso contar sobre uma conversa que a Della ouviu um dia antes de fugir. E é melhor me dizer o que ela realmente ouviu, porque, caso seja verdade, você perdeu a sua chance e o motoqueiro sexy vai acabar se dando bem. *Capisce?*

– Por favor, me diga o que ela ouviu, porque eu sinceramente não faço ideia.

– Você teve uma conversa com o seu amigo Jace na escada naquele dia?

A escada? Eu me sentei na cadeira e pensei no que aconteceu antes de Della arrancar o meu mundo de mim. Eu havia conversado com o Jace naquele dia, sim. Sobre a minha mãe.

– Sim, tive.

– E...

Eu não entendi direito o que ela queria que eu dissesse.

– E o quê?

Braden soltou um suspiro alto.

– Sobre o que você e o Jace conversaram?

Caramba, eu não conseguia me lembrar. Minha mãe estava me estressando e eu planejava montar o novo conselho. Eu ia deixar a Della voltar ao trabalho e parar de sufocá-la. Nada que poderia chateá-la.

– Não consigo pensar em nada que eu tenha dito que pudesse fazer com que ela me deixasse.

– Então Jace nunca afirmou que você precisava se livrar da “maluca” porque tinha uma corporação para administrar? E você nunca disse que isso estava afetando o seu trabalho e que era mais fácil trabalhar com Angelina?

Saltei da cadeira.

– O quê? – rugi.

– Eu achava que não. Não pareceu nem um pouco com você. Se alguém tivesse chamado a Della de maluca você teria dado uma surra na criatura. Mas a Della sentiu pena de você por ter que suportá-la e achou que era melhor ir embora.

– Puta merda! Eu juro por Deus que eu nunca falei isso! E o Jace também é inocente. Eu o teria matado se dissesse algo parecido. Nós estávamos falando sobre... ah, puta que pariu.

– Por favor, não me diga que você acabou de ter uma epifania e que essa conversa realmente aconteceu – disse Braden, me alertando.

– Não, é claro que não. Quero dizer, ela aconteceu, mas não estávamos falando sobre a Della. Meu Deus! Nunca sobre ela. Estávamos falando sobre a minha mãe. Ela havia acabado de causar problemas para mim no clube e eu estava falando com o Jace sobre como lidar com ela. Eu... porra! Eu não acredito que Della achou que a gente estivesse falando sobre ela. Estou indo buscá-la. Não posso mais fazer isso. Preciso explicar isso a ela. Della precisa saber.

– *Não!* Pode parar, Kerrington! Eu disse para você no começo desta conversa que você faria exatamente o que eu pedisse. Eu ainda não terminei essa conversa nem disse tudo o que você precisa ouvir. Então pode ir se controlando. Quando chegar a hora, eu digo para você, mas desta vez eu acho que é muito importante que ela volte para Rosemary por conta própria. Ela fugiu e precisa encontrar o caminho de volta. A cavalaria pode ficar a postos e ser paciente.

– Eu preciso vê-la, Braden!

– Quer calar a boca e me escutar? Eu tenho informações com as quais ela precisa lidar primeiro. Della acha que vai ter algum tipo de doença mental porque a mãe e a avó eram doentes mentais. Ela acha que ficar com você significa não poder ter filhos porque a mãe deles poderia pirlar a qualquer momento. Ela ama você mais do que ama a si mesma.

– Se ela tem medo disso, tudo bem. Não teremos filhos. Eu preciso dizer a ela o quanto eu a

quero.

– Tá, tá, tá, eu sei disso. Cala a boca que eu ainda não terminei! – disparou Braden do outro lado da linha.

Agarrei a chave da minha caminhonete, que estava estacionada do lado de fora. Poderia encontrar Della em menos de cinco horas.

– Della foi adotada.

Tantas emoções passaram por mim de uma só vez que eu não sabia se chorava, comemorava ou caía de joelhos. Puta merda. Isso mudava tudo.

– Ela foi adotada? – Consegui dizer com a voz engasgada.

– Sim. Os pais dela tinham medo de ter filhos devido à doença mental da avó de Della. O irmão de Della tinha apenas 2 anos quando foi adotado. Dois anos mais tarde, eles decidiram criar a bebê de uma adolescente que ainda não estava pronta para ser mãe. O resto da história você já conhece.

Ela foi adotada. Seu medo, portanto, era infundado.

– Ela sabe?

– Eu contei a ela hoje. Arranjei um encontro com a mãe biológica, que é professora de jardim de infância, casada e tem dois filhos: um de 10 e uma de 8 anos. Eles moram em Bowling Green, no Kentucky. O nome dela é Glenda Morgan e ela quer conhecer Della. Ela tentou procurá-la depois que o filho nasceu, quando se deu conta do que abrisa mão na época. Queria se certificar de que a filha estava bem. Mas contratar um investigador custaria um dinheiro que ela não tinha. O marido, no entanto, concordou que, com a restituição do imposto de renda deste ano, eles iriam atrás da filha em vez de tirar férias com a família. Você não imagina a felicidade dela quando o investigador que eu contratei a encontrou.

Eu queria gostar dessa mulher, mas saber que a decisão dela tinha acarretado no inferno que Della enfrentou tornava difícil perdoá-la. Onde estava o cara que a engravidou? Ele não se importava de ter desistido de um filho?

– E o pai biológico dela? – perguntei.

– Glenda entrou em contato com ele. Seu nome é Nile Andrews. Ele mora em Phoenix, no Arizona. É dentista. Também casado, e tem trigêmeas. Ele também quer conhecer Della e a mulher dele apoia a decisão.

Uma professora de jardim de infância e um dentista.

– Eu vi fotos da mãe biológica. Della se parece com ela.

– Por favor, me deixe ir. Eu quero estar com ela durante isso tudo. Ela precisa de mim.

– Não, Woods. O que ela precisa é sentir que é forte e consegue lidar com tudo isso sozinha. Agora ela sabe que não vai enlouquecer. Isso é muito importante. Ela viveu com esse medo por muito tempo. Isso a fragilizou. Ela precisa encontrar a própria força e precisa voltar com a crença de que é forte e digna de você.

– Digna de mim? Que porra isso quer dizer? Eu pertenço a ela. Como ela pode não ser digna de mim?

– Você e eu sabemos disso, mas ela precisa se dar conta disso sozinha. Ela teve uma vida de merda, Woods. Eu segurei a mão dela durante anos. Então Della me deixou e, em poucos meses, você passou a segurar a mão dela. Ela precisa fazer isso sozinha desta vez.

– Eu não quero que ela fique sozinha.

– Isso não tem nada a ver com o que você quer, Woods. Tem a ver com o que Della precisa.

Pressionei a testa contra a janela e fechei os olhos. Braden estava certa. Eu não queria esperar por Della, mas a situação não tinha a ver com as minhas vontades. Della me amava mais do que a si mesma. Ela me amava o bastante para ir embora por achar que fosse o melhor para mim. Estava na hora de eu provar que a amava mais do que a mim mesmo.

– Tudo bem, mas, por favor, me mantenha atualizado.

Braden soltou um suspiro de alívio.

– Eu sabia que você faria a coisa certa. Para o seu governo, eu acho que você é digno dela e isso é bem difícil de conseguir. Só que você prometeu caminhar sobre a água. Eu acredito que Della já caminha faz tempo.

Della

O nome dela é Glenda. Quando nasci, era Glenda James. Ela se casou aos 22 anos – na época eu tinha apenas 6 – com um homem que conheceu no primeiro ano de faculdade. Os dois se apaixonaram imediatamente. Eles tinham dois filhos agora. Hoje eu a conheceria. E, se tudo desse certo, eu conheceria a família dela.

Era um momento surreal, do qual eu não conseguia me desligar. A mulher mentalmente doente que me criara não era a minha mãe biológica. Eu não estava predestinada a sofrer os mesmos problemas que ela. A mulher que me deu à luz era professora, mãe e esposa.

Meu irmão também era adotado. Eu não me lembrava direito dele, mas ele foi uma parte importante da minha vida. Minha mãe pirou depois de perder o marido e o filho, os quais eu considerava meu pai e irmão biológicos. Agora eu via todas as mentiras que ela havia me contado. Ela me levou a acreditar que tinha ficado deprimida depois do meu parto, mas nunca estive grávida. Ela não havia me dado à luz. Nada daquilo era verdade.

Eu não sabia mais o que era verdade.

– No que você está pensando? – perguntou Braden enquanto dirigia pelas ruas movimentadas de Atlanta.

Glenda estava indo para Atlanta com a família. Nós nos encontraríamos em uma cafeteria que Braden conhecia. Eu ainda não sabia como faria uma refeição com aquela mulher. O que eu diria? Eu tinha muitas perguntas para fazer, mas, ao mesmo tempo, muito medo das respostas que poderia ouvir...

– Ela não sabe nada da sua vida. Eu a conheci, mas não senti que tivesse direito de compartilhar uma história que não me pertence.

Eu deveria contar sobre a minha vida?

– E se eu não souber o que falar?

– Então não diga nada. Faça o que você se sentir confortável para fazer. Se estiver pronta apenas para dizer “olá”, então é só isso que vamos fazer. Quando quiser mais, marcaremos outro encontro.

Braden sempre fazia tudo parecer muito fácil. A mulher havia enfiado a família no carro e dirigido até Atlanta para me conhecer. Eu precisava dizer mais do que “olá”.

– Você não vai entrar comigo?

Braden respondeu que não, que eu precisava fazer isso sozinha. Era a minha chance de provar que eu era forte e corajosa, e que não precisava de alguém segurando a minha mão. Embora naquele momento eu estivesse apavorada...

– Eu quero entrar com você. Detesto a ideia de vê-la entrando lá sozinha, mas isso é por você, Della. É por você.

Ela tinha razão. Braden sempre tinha razão.

– Eu sei. Obrigada.

Observei a cafeteria enquanto ela estacionava o carro. Havia diversas mesas, dentro e fora do estabelecimento. No entanto, não havia muitos fregueses. Foi fácil reconhecer Glenda da foto que Braden havia me mostrado. Ela estava no pátio, sentada à mesa. Por puro nervosismo, brincava com a xícara de café. Acho que a situação também era assustadora para ela, mas ela era corajosa. Estava sozinha.

– Lá está ela. Vai lá, você consegue fazer isso.

Olhei para Braden com um sorriso nos lábios.

– Eu sei.



O olhar dela cruzou com o meu no instante em que desci do carro. Fui até a mesa, ainda sem saber direito o que dizer. Aquela mulher pode ter me dado a vida, mas era uma estranha.

– Della? – perguntou ela ao se levantar, como se precisasse conferir para se certificar de que era eu. Tínhamos os mesmos cabelos, nariz e boca. Mas os olhos dela eram castanhos.

– Sim.

Ela não sabia o que fazer com as mãos. Por fim, cobriu a boca com uma delas.

– Eu sinto muito. É só que eu... não sei... – Ela abaixou a mão e deu um sorriso trêmulo. – Eu esperei tanto por este dia. Sonhei com ele tantas vezes e, agora que estou realmente aqui, olhando para você...

Ela examinou o meu rosto, observando os traços que eu já sabia que eram dela.

– Você tem os olhos do Nile. Ele vai gostar de saber disso – disse ela com um sorriso. – É a característica física mais marcante dele. Que bom que você os herdou.

Eu sabia que devia dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Decidi que não importava se ela gostasse de mim ou me aprovasse. Eu não estava ali para conquistar a admiração dela. Eu não era perfeita. Eu havia sido prejudicada, mas era uma sobrevivente. Tinha isso de que me orgulhar.

– Eu gosto dos meus olhos.

Ela deu uma risadinha.

– E deveria gostar mesmo. São lindos. Eu sempre tive inveja dos olhos do Nile. Eu

costumava dizer que eram bonitos demais para serem desperdiçados em um só garoto.

Ela parecia ainda manter contato com meu pai biológico. Eu queria saber a respeito disso também.

– Vamos nos sentar? – perguntei, pegando uma cadeira.

– Lógico – assentiu Glenda e voltou a se sentar.

– Sua amiga, Braden, não me falou muito a seu respeito. Ela disse que você deveria decidir o que eu iria ouvir. Pois bem, quero saber tudo. Pelo menos tudo o que se sentir confortável de me contar. O que você faz? Está na faculdade? – Ela parou e sorriu para mim. – Desculpe, vou deixar você falar.

Eu tinha certeza de uma coisa: Glenda não ia arrancar a história da minha vida. Não era uma história fácil e eu não sabia ao certo como reagiria se contasse tudo. Era uma parte de mim que eu queria manter em segredo. Se essa mulher continuasse na minha vida, talvez eu me abrisse um dia, mas não hoje.

– Eu estou viajando. Queria ver e experimentar coisas novas por um tempo. Depois, planejo fazer faculdade.

– Isso parece divertido. Você está viajando sozinha?

Pensei em Tripp e me dei conta de que talvez eu tivesse que mandá-lo para a Carolina do Sul sem mim. Eu precisava decidir quais seriam os meus próximos passos.

– Eu estava viajando com um amigo. Ele vai voltar para a casa dele na Carolina do Sul esta semana. Ainda não sei bem o que vou fazer.

– Parece emocionante – disse ela, me observando atentamente. Eu sabia que ela queria que eu me aprofundasse mais na minha vida, mas ela não merecia isso.

Eu não disse mais nada. Não tinha mais nada a dizer, na verdade. Agora que eu a havia visto e sabia que ela era a minha mãe, senti como se não tivesse mais nada a fazer ali.

– Eu quase fiquei com você. Na verdade, eu queria ficar. Amava o Nile na época. Ele era o capitão do time de basquete e todas as meninas tinham uma queda por ele, mas Nile me escolheu. Eu era a garota dele e o idolatrava. Quando descobri que estava grávida, quis ficar com o meu bebê, casar com Nile e ter uma família, mas esse é um sonho complicado quando se tem 16 anos. Eu não sabia nada sobre amor e desilusão amorosa. Não fazia ideia dos gastos necessários para viver e cuidar de um bebê. Minha mãe trabalhava como enfermeira na época e meu pai era operário de construção civil. Eles tinham uma vida modesta. Eu, é claro, não compreendia nada disso. Vivia o meu conto de fadas pessoal.

Ela parou e tomou um gole do café. Estava nervosa ao me contar esses detalhes da sua vida, mas eu me dei conta de que queria saber por que ela me deu para adoção.

– A família de Nile tinha dinheiro, muito dinheiro. O avô materno dele era deputado e o pai, cirurgião. Eles tinham muitos planos para o rapaz e nenhum deles incluía ser pai adolescente. Mas Nile queria você e até acho que me amava na época. Ele chegou a me dizer que conseguiria

dinheiro e que fugiríamos para criar o nosso bebê. Então nos casaríamos quando completássemos 18 anos. Eu estava tão empolgada... até que tudo mudou.

Havia tristeza nos olhos dela, como se se lembrar disso fosse difícil. Fazia vinte anos. Eu não podia imaginar que ela ainda se arrependesse. Especialmente com a vida que tinha agora.

– Nile recebeu uma bolsa de estudos como jogador de basquete na Universidade do Arizona e decidiu aceitar. Ele me disse que não estava pronto para ser pai e não achava que eu estivesse pronta para ser mãe. Nós éramos jovens demais e não fazíamos ideia do que estávamos fazendo. Eu sabia que ele estava apenas repetindo as palavras dos pais para mim. Então fiquei com raiva e magoada. Durante muito tempo ele tentou falar comigo, pedindo que eu o perdoasse, mas eu não queria mais saber de Nile. Ele havia me traído e trocado a mim e ao nosso bebê por uma bolsa de estudos. Conforme os meses passaram e a minha barriga crescia, ele fez de tudo para me ajudar na escola, como levar a bandeja do almoço para mim. Eu continuava a ignorá-lo porque ele queria que eu abrisse mão de você.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela me deu um sorriso triste antes de secá-las.

– Quando estava chegando perto da data do seu nascimento, meu pai perdeu o emprego e minha mãe precisou pedir um auxílio do governo para que pudéssemos comer. Havia brigas o tempo todo em casa e eu sabia que era porque eles estavam com medo. Logo, haveria mais uma boca para alimentar. Um bebê que precisaria de fraldas, alimentação e creche. Eu não quis isso para você. Não quis que você vivesse o que eu estava vivendo. Eu não estava mesmo pronta para ser mãe e desejava que você tivesse mais. Eu amava o seu pai e você foi um produto desse amor. Precisei segurá-la pela primeira vez para me dar conta de que não podia fazer isso com você. Não era o suficiente. – Ela fez uma pausa e respirou fundo. – Eu beijei as suas bochechinhas fofas e então a entreguei para a enfermeira, pedindo que encontrasse um lar decente para você.

A história de Glenda fazia sentido. Jovens de 16 anos de idade não deviam ser pais. Senti pena dela. Ela era jovem o bastante para acreditar que a melhor alternativa era a adoção. E talvez fosse mesmo, se o meu pai e o meu irmão adotivo não tivessem sido mortos.

– Eu gostaria de conhecer a sua família – disse a Glenda.

Ela deu um grande sorriso.

– Eu adoraria isso. Obrigada, Della.

Woods

Fui até o bar e peguei o copo de uísque que Mitch, o barman do clube, empurrou na minha direção. Era noite e eu esperava por alguém. Ele havia me mandado uma mensagem de texto uma hora antes.

Assim que levei o copo aos lábios, Grant entrou pela porta. Ele tinha ficado mais tempo fora da cidade do que de costume. Era verão. Ele devia estar em seu apartamento, aproveitando Rosemary.

– Também quero um desses, Mitch – pediu Grant ao se aproximar do bar, apoiando-se no balcão antes de olhar para mim. – Voltei. O que está rolando?

– Por onde andou? – perguntei.

Ele suspirou.

– Você não quer saber – disse ele, tomando um grande gole de uísque.

Ou seja: Nan. Aí estava uma história que eu não queria saber mesmo. Grant é o melhor amigo de Rush. Eles são praticamente irmãos, já que a mãe do Rush foi casada com o pai de Grant quando os dois eram crianças. O casamento durou apenas alguns anos, mas os dois ficaram ligados. O que ninguém esperava era que Grant e Nan, a meia-irmã de Rush, fossem fazer qualquer coisa além de brigar. Os dois brigavam quando crianças e brigavam agora. Grant era um cara legal e Nan... bem, Nan era a segunda maior vaca do mundo.

Angelina era a maior.

– Tudo bem com a Nan? – perguntei.

Grant tomou outro gole e devolveu o copo a Mitch.

– Mais um.

– Este é um uísque 23 anos do Kentucky. Deve ser apreciado lentamente, não virado como se fosse tequila barata.

– Você é um elitista, Woods. Vá à merda. Eu preciso de mais álcool.

– Qualquer um que passe cinco minutos com Nan precisa de álcool. A pergunta é: por que você continua fazendo isso?

Grant virou o segundo copo de uísque e olhou para mim.

– Não quero falar sobre ela esta noite. Por que você me ligou? O que está acontecendo?

Que bom. Eu não queria mesmo saber sobre a Nan. Se ela voltasse para a cidade, Rush ia

ficar puto. Ele amava a irmã, mas ela odiava a mulher dele. Nan traçara uma linha e Rush ficou do lado de Blaire. Não seria legal se ela decidisse voltar para Rosemary. Que ficasse em Los Angeles com o pai. Recentemente, por sinal, ela descobriu que o seu pai verdadeiro era o vocalista do Slacker Demon. Aparentemente, a mãe do Rush gostava de dormir com toda a banda.

– Eu demiti o conselho antigo e estou montando o meu. Quero você nele.

Grant soltou o copo e ficou me encarando por um instante.

– O que você acabou de dizer?

– O clube tem um conselho de diretores. O velho foi demitido. Você aceita integrar o meu novo conselho?

Grant fez um sinal para Mitch encher o seu copo novamente.

– Caramba, que bom que eu voltei. Maluquices acontecem o tempo todo por aqui. Não existe lugar tão repleto de drama como Rosemary. Nem mesmo Los Angeles.

– Isso quer dizer que você participará do meu conselho? – perguntei, tomando um gole do meu uísque.

Grant sorriu para mim.

– Caramba, claro que sim.

Eu sabia que ele aceitaria. Com ele, já tinha quatro membros. Ainda precisava falar com alguns outros.

– Você precisa preencher uma papelada amanhã na minha sala. Mas, esta noite, vamos beber. Preciso de uma distração.

Grant puxou um banco alto e se sentou.

– Onde está a Della?

Eu estava esperando por essa pergunta, mas ouvir o nome dela foi um choque. Ela havia conhecido a mãe biológica hoje. Braden me ligaria mais tarde para contar como foram as coisas. Eu estava ansioso e precisava pensar em alguma outra coisa até receber essa ligação.

– Ela foi embora.

– Ela foi embora? O que você fez?

– Fiz merda. Deixei passar alguns sinais que deveria ter percebido. Fiquei ocupado demais para ver o que ela precisava. Eu a sufoquei.

Havia uma lista de coisas das quais eu me dera conta de que era culpado.

– Caramba. Da última vez que vi, você a idolatrava em um pedestal. Como isso degingolou tão rápido?

– Ainda não acabou. Ela vai voltar. Vou deixá-la decidir se vale a pena e quando, mas tenho esperança que ela vai voltar. Enquanto isso, estou bebendo muito e vivendo à espera de telefonemas de Tripp.

Grant largou o copo e soltou um assovio baixo.

– Ah, caramba. Ela foi embora com o Tripp?

Fiz que sim com a cabeça.

– Que merda, cara. Eu sinto muito. Se quiser a minha ajuda para dar uma surra naquele playboy, pode contar comigo.

A certa altura, isso seria exatamente o que eu iria querer, mas não agora. Tripp estava cuidando dela e garantindo que ela estivesse em segurança. Era tudo o que eu tinha. Sacudi a cabeça.

– Não. Tudo bem. Ele me mantém informado.

Grant franziu a testa e se inclinou na minha direção.

– Eu estou entendendo você direito? Sua mulher está viajando com o Tripp e você não se importa com isso?

– Ela me ama.

Grant assentiu com a cabeça.

– É, ama mesmo.

– Ela vai voltar. O jogo ainda não acabou. Não pode acabar. Eu apostei todas as fichas.

Não precisei explicar nada ao Grant. Ele entendeu. Sorriu e se recostou com a bebida na mão.

– Esta é por minha conta, cara.

Meu celular tocou e eu vi o nome da minha mãe na tela. Enfiei o aparelho de volta no bolso. Não queria conversar com ela. Tinha certeza de que ela sabia que os antigos membros do conselho haviam sido desligados. Não devia estar nem um pouco feliz com isso.

– Nan vai voltar? – perguntei.

Grant segurou o copo nos lábios por um pouco mais do que o necessário. Estava tentando ganhar tempo. Eu conhecia esse truque. Quando finalmente largou o copo, disse: – Vai. Quando sair daqui, vou até a casa do Rush para avisá-lo. Ele precisa se preparar.

– Você pediu que ela voltasse? – perguntei.

A atração de Grant por Nan não fazia sentido para mim. Ele havia visto o quanto ela podia ser má. Ele a vira da pior forma. Como ainda podia querer aquilo?

– Lógico que não! Mas ela vem. Kiro comprou uma casa grande, bonita e bacana para ela. Aquela azul-clara em cima da colina, na ponta sul da praia.

Kiro era o vocalista do Slacker Demon e pai da Nan.

– Porra, eu gostava daquela casa. Como ela arrancou isso dele?

– Arrancar? Ele está tentando se livrar dela. Não tem sido fácil lidar com Nan. Ela o inferniza sempre que pode e ele está bem desesperado.

– Não posso dizer que o culpo. No lugar dele, eu teria feito qualquer coisa para me livrar dela. Nan é perigosa quando quer.

– Eu me sinto mal pela Nan, cara. Ela sabe que Kiro comprou a casa só para se ver livre da filha. Nan só quer a atenção dele.

– Ele é o vocalista da maior e mais lendária banda de rock dos nossos tempos e a ignorou durante a maior parte da vida. Kiro não nasceu para ser pai.

Grant franziu a testa e pude ver que ele estava preocupado com alguma coisa.

– Ele tem outra filha. E ele trata esta bem diferente. É carinhoso. Ele a ama. Isso é evidente. Mas ela não é nada parecida com a Nan. Ela não exige nada e é tranquila. Acho que é o que ele quer. Uma filha doce e obediente. Nan jamais será isso.

– Outra filha? Sêrio? – Nunca tinha ouvido falar de Kiro ter uma filha.

– É. Ela mora com ele e tem tudo o que Nan realmente quer e nunca vai conseguir. Porque a Nan não pode ser a filha que o Kiro quer. É uma situação de merda. Tudo o que ela sempre quis foi atenção. O pai e a mãe lhe negaram isso. Rush era tudo o que ela tinha e agora ele tem a Blaire e o Nate. Ela o perdeu também. Eu não consigo não me sentir mal por ela. – Ele tomou um gole e largou o copo. Então se levantou. – Eu entendo por que ninguém compreende o meu relacionamento com ela. E vou ser sincero: às vezes eu também não sei. Ela é totalmente louca e má.

Concordei com ele. Grant tinha toda a razão.

Della

—Eu não devia ter pegado você. Se não fosse por você chorando e me mantendo acordada a noite toda, eu não estaria precisando de um cochilo. Eu não teria deixado o meu menininho ir para aquela loja. A culpa é toda sua, Della. Toda sua. Ele sabe disso também. Ele queria ficar comigo, mas eu estava com muito sono. Muito, muito sono. Você não me deixava dormir – gritou a minha mãe e me deu um tapa no rosto.

Agarrei a beirada da cama antes de cair.

– Se você dormisse à noite e me deixasse ser uma boa mãe para o meu menininho, ele estaria vivo. Mas você estragou tudo. Eu não queria outro bebê. Seu pai queria uma menininha. Ele dizia que completaria a nossa família. Você não nos completou! Você nos destruiu!

Eu me segurei quando ela me acertou mais uma vez. Tentei não chorar. Tentei não gemer. Se eu gemesse, ela ficaria com mais raiva. Eu precisava me manter calma. Precisava deixá-la gritar. Ela logo começaria a chorar e iria para o quarto dela.

– Deite-se nesta cama e não se mexa. Os monstros embaixo dela vão pegar você. Eles virão pegá-la por ser uma menina tão malvada. Eles sabem que é tudo culpa sua. Sabem o que você fez para mim.

Eu era só um bebê quando tudo aconteceu. Nunca compreendi por que ela me culpava pela morte do meu irmão, mas a deixava gritar comigo e me bater. Se eu reagisse, ela apenas ficaria com mais raiva. Uma vez ela me espancou durante o café da manhã e só fui acordar no meio da noite. Estava no chão da cozinha com um travesseiro embaixo da cabeça e um cobertor em cima de mim. Ela havia deixado dois pratos de comida ao meu lado.

Eu não reagia mais. Tinha medo de reagir.

– Vá para a cama! – berrava ela enquanto eu me atrapalhava para fazer o que havia ordenado. – Não saia daí. Eu não quero olhar para você.

Ouvi o clique e soube que ela havia me trancado lá. Minha porta estava sempre trancada por fora. Ela a controlava.

– Boa noite, mamãe – sussurrei, levantando os joelhos até o queixo e me balançando para a frente e para trás enquanto fingia ter uma vida melhor. Uma vida em que eu podia sair e andar de bicicleta.



Abri os olhos e fiquei observando o girar das hélices do ventilador de teto. Eu estava no quarto de hóspedes da casa de Braden, mas não tinha gritado ao acordar. Era a primeira vez que havia sonhado com a minha mãe sem sentir desespero e sangue imaginário nas minhas mãos.

Alguma coisa mudou. Foi uma lembrança de um momento de que eu havia me esquecido, mas o que ela dizia fazia sentido agora. Eu me sentei na cama e me levantei. Tinha medo de ter esperança, mas nunca havia conseguido sonhar sem acordar em uma crise. Abri a porta e saí no corredor escuro. Braden devia estar dormindo e eu não queria acordá-la, mas eu precisava processar aquilo.

Fui até a cozinha para beber água.

Quando entrei, Braden estava parada na frente do balcão com um copo de leite na mão, olhando fixamente para a frente, concentrada nos seus pensamentos.

– Della? Você está bem? Não ouvi você.

– Eu sonhei com a minha mãe. Sobre a minha vida. E... eu simplesmente acordei. Sem sangue. Não vi o sangue. Simplesmente acordei.

Braden me encarou enquanto processava o que eu dissera. Então, largou o copo de leite no balcão, correu até mim e me abraçou.

– Você já está melhorando – disse com a voz embargada.

Eu queria chorar também. Queria chorar porque me dei conta de que eu poderia ter uma chance de felicidade. E se eu conseguisse ser forte, afinal? E se, por baixo de todo aquele medo, estivesse enterrada bem fundo uma mulher corajosa que podia assumir a vida sem ter alguém em quem se apoiar?

– Acho que vou ficar bem – disse em voz alta, porque precisava me ouvir dizendo isso.

Braden me apertou com mais força.

– Eu sei que vai. Eu sei disso.

Ficamos ali, abraçadas na cozinha, por alguns minutos.

– Eu não vou enlouquecer. Eu não vou pirar um dia e me tornar ela.

Braden secou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

– Eu sei. Eu sempre soube disso.

– Mas eu não sabia. Eu vi quem ela era e não queria ser aquilo também.

– Ela foi a mulher que criou você, mas ela não era a sua mãe.

Concordei com a cabeça. Eu sabia disso agora. Eu ia ficar bem.

– Eu quero conhecer o meu... quero conhecer o meu pai biológico. Preciso vê-lo. Preciso ver a família dele também.

Braden assentiu com a cabeça.

– Que bom. Eu acho que você deve conhecer mesmo.

Dei um passo para trás, seguindo de volta para o quarto.

– Della...

– Sim?

– Liga para ele. Ele precisa ter notícias suas.

Ela não estava falando do meu pai biológico. Woods. Eu daria qualquer coisa para ouvir a voz dele de novo, mas não podia. Ele havia seguido em frente. Não me procurou nem tentou entrar em contato. Eu o deixei ir. Não poderia incomodá-lo agora.

– Eu não posso.

– Ele sente a sua falta.

– Você não sabe disso. Você supõe isso porque acha que tínhamos uma história que duraria para sempre. Mas o Woods tem planos e eu não estou neles. Eu dei a ele o que ele queria. Não vou incomodá-lo de novo.

Braden soltou um grunhido de frustração.

– Della, uma ligação não vai incomodá-lo.

Ela me amava e não compreendia o que eu estava tentando dizer. Eu sabia do que estava falando.

– Não, Braden. Vou deixá-lo viver. Vou encontrar o meu caminho em breve. Primeiro, preciso entender o meu passado.

Ela não disse mais nada quando voltei para o quarto. Fechei a porta e esperei por um minuto para me certificar de que ela não havia me seguido antes de deixar as lágrimas correrem. Eu não queria que ela me visse chorar. Se ela me visse agora, ligaria para ele e tentaria consertar a situação.

Não havia nada a ser consertado.

Agora eu sabia que ia me curar. Eu ia ficar bem e tinha um futuro. Precisava enfrentar o que havia perdido. Perder Woods foi o meu maior erro. Eu não devia tê-lo deixado. Devia ter sido mais forte e lutado mais. Eu teria que enfrentar isso pelo resto da vida.

Woods

Eu ouvia o toque a distância, mas não conseguia saber de onde. Tudo estava escuro. Meus olhos se abriram de repente e o toque recomeçou. Merda! Era o meu celular. Eu me sentei na cama e o peguei. Passavam das três da manhã e Braden estava me ligando.

Della. Meu Deus, por favor, faça com que ela esteja bem.

– Ela está bem? – perguntei no instante em que atendi o telefone.

– Sim e não.

– O que isso quer dizer? – perguntei, me levantando e procurando pela minha calça jeans. Se eu precisasse encontrar Della naquela noite, eu iria.

– Ela teve um sonho com a mãe e não acordou gritando. Apenas acordou.

No mesmo segundo, parei de procurar pela minha calça.

– O quê?

– Ela teve um daqueles sonhos, mas não teve terror noturno. Não se perdeu nos seus medos. Apenas acordou. Ela já está melhorando.

– Estou indo aí. Já chega de esperar. Estou a caminho!

– Não! Você não vai fazer nada. Precisa dar um tempo a ela. Della vai conhecer o pai biológico. Ela já conheceu a mãe biológica e jantou com a família dela. Ela precisa fazer tudo sozinha e se dar conta do que é capaz. Aos poucos, Della está descobrindo o quanto estava enfraquecida por seus medos e está superando isso. Não venha aqui confundi-la. Ela precisa ir até você desta vez, Woods. Ela acha que você não a quer. Ela também precisa enfrentar esse medo sozinha.

Porra, não!

– Você não pode esperar que eu deixe Della achar que eu não a quero. Isso não está certo, Braden. Ela não deveria ter que superar um medo que não faz sentido. Como ela pode achar que eu não a amo? Como pode cogitar que não esteja no meu coração, na minha alma, no meu futuro? Essa é justamente a única coisa de que ela jamais deveria duvidar. E ela precisa saber.

– Eu sei que isso é difícil e você está sendo ótimo até agora, mas dê a ela mais uns dois dias. Por favor. Ela precisa disso. Lembre-se de que a situação tem a ver com o que ela precisa, não com o que você quer.

Ia começar a bater na parede de novo e parei no último instante. Não ajudaria em nada. Eu

precisava me acalmar.

– Quando Della foi embora, ela levou a minha alma junto. Eu sempre vou pertencer a ela. Não quero que ela jamais pense diferente.

– Eu sei disso, mas ela não. Ela acha que você não tentou entrar em contato nem comigo nem com o Tripp e que não se importa que ela tenha deixado você. Acha que está aliviado por ela ter fugido. Antes que saia correndo para a sua caminhonete, respire fundo e lembre a si mesmo que, em poucos dias, você terá a oportunidade de corrigir tudo isso. Só dê a ela mais alguns dias. Ela não precisa ter você aqui confundindo suas emoções enquanto enfrenta demônios e tenta entender que vai ficar bem. Quando a vir de novo, ela precisa sentir que pode ser quem você precisa.

– Dois dias. Só isso. Depois desse prazo, se ela não voltar, eu vou praí. Não estou mais suportando essa situação. E não é por mim que eu quero que ela venha. É porque eu não posso deixar a mulher que eu amo acreditar que eu não a queira. Já suportei o máximo que podia.

– Tudo bem, dois dias.

Larguei o celular em cima da cama e fiquei sentado ao lado dele. Della havia superado os seus terrores noturnos. Ela estava melhorando. Ficaria boa. Eu precisava aguentar apenas mais dois dias.



A ligação da minha mãe me acordou naquela manhã. Prometi que estaria na casa dela em uma hora. Ela estava furiosa porque eu evitava as suas ligações. Estava mesmo na hora de conversarmos. Ela logo saberia quem eram os novos membros do conselho quando eu desse uma festa no clube para anunciar os novos cargos. Ela não ia ficar nem um pouco feliz. Com Dean Finlay no meio, então... ela ficará furiosa. Era melhor prepará-la para a notícia.

Quando cheguei à casa dela, Harry, o motorista que eu contratara depois de demitir Leo, colocava as malas da minha mãe em seu Mercedes-Benz. Ela estava indo para algum lugar. Ótimo. Provavelmente seria melhor assim.

Passei por Harry dando um aceno de cabeça. Ele era meu funcionário. Leo havia deixado Della algemada por cinco horas no banco de trás de um carro sem deixá-la ir ao banheiro. Leo era funcionário do meu pai e eu o demiti assim que pude pôr as mãos nele.

– Ela está indo embora?

Harry assentiu.

– Sim, senhor. Vou levá-la ao aeroporto às nove.

– Obrigado, Harry.

A porta da casa estava aberta e a arrumadeira da casa, Martha, parecia nervosa. Tenho certeza de que ela havia visto e ouvido a fúria da minha mãe. Sorri para tranquilizá-la. Parei no

pé da escada e gritei:

– Mãe, estou aqui!

Então me virei para Martha.

– Não se preocupe. Você pode terminar o que estava fazendo. Ela não vai me matar, mesmo que tenha ameaçado fazer isso.

Martha não pareceu segura, mas concordou e saiu apressadamente.

Minha mãe surgiu no topo da escada com a bolsa a tiracolo.

– Estou indo embora – afirmou, como se eu ainda não tivesse deduzido isso.

– Estou vendo – retruquei.

Ela desceu a escada e esperei pelo resto da explicação.

– Você optou por desafiar a memória do seu pai. Pegou tudo o que ele estabeleceu e jogou no lixo. Aqueles homens que você demitiu eram parte do country club Kerrington havia mais de trinta anos! Eram homens de confiança. Você virou o nariz para isso. Você é um menino tolo. Eu não quero ficar aqui vendo você destruir esse legado. Seu avô foi um idiota que não deveria ter deixado nada para você. Um garoto de 25 anos não tem idade suficiente para administrar um negócio desses. Você não sabe de nada.

Deixei as palavras de ódio serem expelidas. Ela precisava dizer aquelas coisas e estava na hora de eu deixar isso acontecer. Quando o seu olhar furioso encarou o meu sem desviar, decidi que era minha vez de falar.

– Aqueles homens eram da confiança do *meu pai*. Não minha. Eu os substituí por pessoas próximas a mim. Está na hora de mudar. O clube será administrado de uma maneira diferente agora. Eu não sou o meu pai, mas luto todos os dias para ser como o homem que construiu este clube. Eu admiro o meu avô e espero um dia ser digno do seu legado. Espero que você tenha uma boa viagem e entre em contato para eu saber que está bem. Eu amo você, mãe. Pode não acreditar ou não se importar, mas eu amo você. Você é a minha mãe e isso nunca vai mudar.

Ela abriu a boca, mas não pronunciou uma palavra. No fundo, eu acreditava que ela me amava também. Mas, naquele momento, seu orgulho era grande demais para aceitar essa emoção. Ela ajeitou a bolsa no ombro e olhou para a porta.

– Vou para o nosso apartamento em Manhattan. Tenho amigos por lá e parece um lugar mais apropriado para morar. Rosemary mudou muito.

Sim, mudou. E eu esperava que continuasse mudando.

– Espero que você seja feliz.

Ela não olhou para mim enquanto saía pela porta da frente com o barulho dos sapatos batendo no piso ecoando pela sala. Ela iria voltar e, um dia, iria me amar. Mas, por ora, minha mãe precisava ir. Precisava sentir raiva. E deixá-la ir era algo que eu podia fazer.

Della

Os olhos de Nile Andrews eram da mesma cor que os meus. Quando os nossos olhares se encontraram, no instante em que entrei no restaurante, pude perceber que tínhamos constatado o mesmo fato.

Eu estava mais nervosa do que quando fui conhecer Glenda. Nunca tive um pai. Eu não sabia qual era a sensação. Como seria um encontro com o homem cujo esperma me deu a vida? Pela manhã, durante a nossa conversa pelo telefone, perguntei se ele realmente queria esse encontro. A resposta foi um “lógico que sim”. Ele embarcou em um avião para Atlanta e, horas depois, marcamos um encontro às sete da noite em um restaurante. Eu havia me surpreendido com o desejo dele de me ver. Esperava que ele fosse inventar alguma desculpa.

– Olá, Della. – Nile se levantou para me cumprimentar.

– Olá – respondi, apertando a mão dele.

Ele era alto. Glenda comentou que ele jogava basquete. Dava para ver por quê. Seus cabelos tinham um tom escuro que contrastava bem com os olhos azuis. Era um homem bonito. Pude ver o que o coração adolescente de Glenda havia visto.

– Estou muito contente em finalmente conhecê-la. Estava esperando pela sua ligação desde que Glenda me contou que havia encontrado você.

Ele não me quis como filha, mas, na época, era apenas um garoto de 16 anos. Eu não podia culpá-lo por isso. Ele não era um adulto que havia tomado a decisão de me dar para adoção. Ele não tinha idade suficiente para ser pai.

– Gostei da Glenda – eu disse para ele.

Nile sorriu e se sentou.

– É, ela é o máximo.

O carinho no seu olhar me surpreendeu. Ele a amara um dia. Havia sido um amor juvenil, mas ele a amara. E isso ainda estava dentro dele, bem lá no fundo. Aquele amor nunca foi embora. Glenda não tinha a mesma suavidade no olhar quando falava sobre Nile. Ela admirava o homem que ele havia se tornado e chegou a comentar que a mulher dele era maravilhosa e perfeita para ele. A reação de Nile foi diferente.

– Imagino que ela tenha contado a você o que aconteceu – disse ele.

– Sim, ela contou. E eu compreendo. Vocês dois eram muito jovens.

Ele me examinou por um instante, então sacudiu a cabeça.

– Você se parece tanto com ela. É incrível. Mas tem os meus olhos. Minhas outras meninas não têm os meus olhos.

As *outras* meninas dele. Ele não as fez parecerem exclusivas. Senti um bem-estar dentro de mim. Na cabeça dele, eu era uma das meninas. Eu não o conhecia. Nem sequer sabia da existência dele até alguns dias atrás. Mas ele sempre soube que eu existia.

– Você sabia que eu era uma menina... antes de falar com a Glenda?

Ele franziu a testa e deu um leve sorriso.

– Lógico. Depois que você nasceu, ela me contou que segurou você no colo, que era perfeita e que a tinha dado para adoção. Eu tomei um porre naquela noite. Fiquei muito bêbado. Destruí o carro do meu pai e quase perdi a minha bolsa de estudos. Passei um tempo sendo meio autodestrutivo, sabe? Eu imaginava como seria o seu rostinho de bebê. Você era minha filha e estava por aí, mas eu nunca a pegaria no colo nem lhe daria um beijo de boa-noite. Foi a sensação mais dolorosa que já vivi. Então Glenda se mudou. Sem dizer nada, ela desapareceu. Não soube nada dela por mais de treze anos. Um dia, ela me ligou. Queria encontrar você. E eu respondi que não. Não por não querer encontrar você, Della... mas por ter medo de reencontrar Glenda. Ela, hã... ela é a mulher que eu deixei escapar. A gente nunca supera isso.

Pensei em observar que ela não tinha ido embora, que ele a mandara embora, mas não fiz isso. Aquela história já estava no passado. Os dois estavam casados e com filhos.

– Como são as suas filhas? – perguntei.

Eu nunca tive irmãos. Bem, não irmãos de quem eu me lembrasse. Saber que eu tinha meios-irmãos neste mundo era algo difícil de compreender. Eu estava curiosa a respeito deles. Queria saber se eram parecidos comigo.

A filha de Glenda era novinha, mas tinha um espírito livre. Falou sem rodeios que eu parecia uma princesa e perguntou se eu sabia pilotar avião porque, um dia, queria ser piloto de aviões. Fiquei fascinada com ela. Tinha os cabelos longos e loiros, como os do pai. Seu nome era Samantha, mas todos a chamavam de Sammy. Gostei de saber que tinha uma irmã. Eu poderia ter sido daquele jeito quando criança: livre. Saber que ela teria a chance de viver os próprios sonhos e de ter uma família que a amava me deixou feliz. Diminuiu o peso nos meus ombros.

– Três não é fácil, mas é divertido também. Jasmine é um minuto e 56 segundos mais velha do que as outras... e não deixa as irmãs se esquecerem disso. Jocelyn é a do meio e a mais parecida comigo. Ela planeja ser uma estrela do basquete. Depois tem a minha bebê, July, cujo nome é uma homenagem ao mês de julho, quando conheci a mãe delas. A caçula é a que mais me conforta quando preciso. Ela também é a mais doce e a mais tranquila.

– Todas têm nomes começando com J – mencionei, sorrindo com a ideia.

– O nome da mãe delas é Jillian.

Gostei disso.

– Eu gostaria de conhecê-las.

O sorriso de Nile aumentou.

– Eu adoraria isso. Elas também. contei tudo sobre você depois que recebi a ligação de Glenda. Jillian já sabia sobre o bebê... bem, sobre você. Por isso, apoiou a ideia de eu encontrá-la. Ela também gostaria de conhecê-la.

– Está bem – respondi.

O garçom apareceu, nós pedimos nossas bebidas e Nile perguntou se eu queria uma entrada. Como não estava com fome, respondi que não. Depois que o garçom saiu, ele voltou a atenção novamente para mim.

– Como foi a sua infância, Della?

Foi uma pergunta que Glenda não havia me feito. Eu estava preparada para aquela pergunta, mas ela não a fez. Por conta disso, baixei a guarda com Nile. Ele era diferente, queria saber. Ele não tinha medo de ouvir a resposta. Pude perceber que Glenda tinha medo da verdade.

– Não foi fácil. Eu quis conhecer vocês porque precisava saber como eram as pessoas que haviam me concebido. Eu precisava saber que iria ficar bem, mas não estou pronta para dividir o meu passado com vocês. Sinceramente, não acho que você queira saber os detalhes.

O rosto de Nile empalideceu diante do que eu disse e ele ficou mexendo a mandíbula para a frente e para trás. Tomei um gole da minha água. Fui mais sincera com ele do que havia planejado. Mas as palavras saíram sem filtro.

– Você está errada. Eu quero saber – disse ele em voz baixa.

Sacudi a cabeça.

– Não, você acha que quer, mas não quer. Eu não gosto de conversar sobre isso. Ainda estou resolvendo algumas coisas. Conhecer você e Glenda e ver com os meus próprios olhos que vocês têm filhos saudáveis e felizes é tudo o que eu preciso agora. Isso alivia medos com que convivo há muito tempo.

Nile apoiou os cotovelos em cima da mesa e me examinou.

– Você está me deixando apavorado.

Ele não fazia ideia.

– Nile, eu quero conhecer você. Mas pretendo fazer isso devagar e quando puder lidar com a situação. Um dia, tenho certeza de que estarei pronta para contar sobre a minha vida. Até esse momento, não quero falar sobre isso de novo.

Ele respirou fundo e concordou com a cabeça.

– Está certo. Tudo bem. Mas o pai dentro de mim quer resolver essas coisas.

Ele não era o meu pai. Ele havia apenas fornecido o esperma que ajudou a me gerar.

– O homem em você quer resolver as coisas. Não o pai.

Ele ameaçou dizer alguma coisa e parou. Então deu um sorriso e se recostou.

– Quem é ele? O homem que quer resolver as coisas para você?

Fiquei remexendo o guardanapo no meu colo.

– Não vou falar sobre isso também.

– Por que não? Ele magoou você?

Sacudi a cabeça.

– Não, ele nunca me magoou.

Woods

Contemplei a vista pela janela da sala de reuniões enquanto aguardava a chegada dos meus novos membros do conselho. Todos os que eu convidei aceitaram o convite. Bem, quase todos. Mas ele mudaria de ideia. Com o tempo.

Voltei a pensar em Della. Faltavam 24 horas para eu ir atrás dela. Se ela não voltasse, eu iria até a Geórgia e Braden teria que aceitar a minha decisão. A cada dia que Della passava longe de mim, mais ela se convencida de que eu não a queria.

– Estou me sentindo muito importante – comentou Jace.

Ele estava parado na porta, com uma xícara de café na mão e um sorriso no rosto.

– Quando foi que ficamos tão maduros? – perguntou ele, entrando na sala.

– Nós não somos maduros – respondi.

– Está me chamando de velho, Jace? Vá à merda! – exclamou Thad às gargalhadas, seguindo Jace para dentro da sala.

Fiquei na dúvida se deveria convidar Thad para integrar o conselho. Ele raramente falava sério e ainda achava que tinha 17 anos a maior parte do tempo. Mas ele era um de nós. O pai dele havia sido membro do conselho. Ele também deveria ser.

– Eu sou velha – anunciou Darla ao entrar na sala com o iPad nas mãos, digitando sem parar. Ela estava sempre trabalhando. Por isso era a melhor.

– Não, não é. Você é *sábia*. É diferente – garanti a ela.

Ela riu e mal ergueu os olhos da tela antes de se sentar.

– Isso aqui está parecendo a Távola Redonda – disse Grant ao entrar a passos largos na sala com um sorriso no rosto e um copo do que eu imaginei se tratar de uísque na mão. Ele andava bebendo muito ultimamente. Será que Rush sabia disso?

– Isso precisa ser rápido. A consulta do Nate no pediatra é daqui a duas horas. Tenho que estar lá. Ele vai ser pesado e tudo mais. Não quero perder isso – comentou Rush entrando na sala, logo atrás de Dean.

– Ah, eu também não quero perder esse momento, não – disse Dean, enfiando a mão no bolso e pegando um maço de cigarros.

– Sem fumar aqui, Dean – avisei a ele.

Ele resmungou.

– Seu bando de babacas! Ninguém me deixa fumar a porra de um cigarro por aqui! Preciso voltar para casa, onde posso fumar até a merda de um baseado na rua se tiver vontade.

Ignorei o ataque de astro de rock. Estávamos todos ali. Pelo menos os que estavam em Rosemary. Faltavam dois. Uma assumiria seu lugar logo. O outro ainda precisava se encontrar.

– Você está bebendo uísque a esta hora? – perguntou Rush, franzindo o cenho para Grant.

Grant revirou os olhos e se recostou, apoiando os pés em cima da mesa.

– Estou. – Foi a resposta dele.

– É sério? Você começou a beber uísque antes do almoço?

Rush não ia desistir e eu realmente não queria que eles tivessem essa discussão aqui.

– Ele está comendo a sua irmã. Caramba, qualquer um que seja tão burro assim precisa beber para se manter são – comentou Dean com um tom de voz entediado.

Merda. A coisa ia degringolar rápido.

– Não digam mais nada, nenhum de vocês! – gritei, de pé, na ponta da mesa.

– Tudo bem. É verdade – confirmou Grant, levantando o copo com um sorriso que não chegou aos olhos.

Rush xingou baixinho.

– Harlow é doce demais para você. Você sabe disso, não sabe, garoto? Ela não precisa de restos da Nan. É boa demais para isso. Ela é o tipo de garota que você pode olhar mas não pode tocar. Esse tipo de garota é inatingível demais para caras como nós. Apenas os que conseguem alcançar o pedestal em que ela está podem tocá-la – disse Dean.

– Harlow? – perguntou Rush, olhando confuso para o pai. – O que a Harlow tem a ver com isso?

Dean apenas sorriu.

– O que acontece em Los Angeles fica em Los Angeles. – Ele piscou para Grant. – Não é mesmo, garoto?

É... havia muita coisa de que eu não sabia. E tinha quase certeza de que não queria saber.

– Muito bem, que tal se pararmos de falar da vida particular de Grant e nos concentrarmos no objetivo desta reunião? Como todos sabem, vocês agora fazem parte do meu conselho. Eu não tomo decisões sem me reunir com este grupo e discuti-las. Vocês são os meus assessores. Está na hora de levar o country club Kerrington para a próxima geração. Nós vamos fazer isso juntos.

O sorriso satisfeito de Darla, recostada na cadeira enquanto me ouvia, tinha um significado maior do que ela poderia imaginar. Ela estava orgulhosa de mim. Eu precisava que alguém sentisse orgulho de mim.

– Isso quer dizer que podemos nos livrar daqueles malditos bailes de debutantes? Aquela merda é muito cafona – comentou Jace.

– Ei, não acabe com os bailes de debutantes. As garotas ficam todas sentimentais, o que faz com que fiquem com tesão – argumentou Thad.

– Pode, por favor, medir as suas palavras nesta sala, Thad? Temos uma mulher no conselho e, em breve, teremos mais uma.

Thad pareceu adequadamente culpado.

– Sinto muito, Srta. Darla – disse ele timidamente.

– Não se preocupe, Thad. Já conheço faz tempo o seu tesão descontrolado. Ele já tentou várias vezes comer as minhas garotas.

A sala inteira ficou em silêncio, explodindo em gargalhada em seguida. Era um bom grupo. Meu avô ficaria orgulhoso.

Della

Abri a porta para Tripp. Eu o estava esperando. Havia ligado para ele fazia mais de uma hora, dizendo que precisávamos conversar.

– Você está bem, Della. Muito melhor do que a garota que eu deixei aqui – comentou ele antes de entrar na casa.

– Obrigada. Muita coisa mudou – garanti, fazendo um sinal para ele ir para a sala de estar.

– Pelo jeito, foram mudanças boas. Você parece quase feliz.

Quase era um exagero. Eu não estava feliz. Sentia falta do Woods. Sentia tanta falta que doía.

– Não sei se vou conseguir chegar ao ponto de ser feliz, mas espero que sim.

Tripp sentou-se na cadeira mais próxima, estendeu as pernas à frente e olhou para mim.

– Pode falar, menina Della. Estou escutando.

– Eu não vou para a Carolina do Sul. Não sei ao certo o que vou fazer em seguida, mas não vou com você. Obrigada por tudo. Obrigada por me aturar pelas últimas duas semanas e por me ajudar quando precisei. O que você fez não dá para expressar em palavras. Prometo que vou devolver cada centavo que gastou. Assim que conseguir um emprego, vou começar a mandar dinheiro para você. Eu tenho o seu endereço.

Tripp franziu a testa.

– Não me mande dinheiro. Eu me diverti. Tive uma excelente companhia de viagem por um tempo.

Eu não ia deixá-lo se safar com isso. Eu havia tirado duas semanas da vida dele na estrada e agora ele estava passando a semana em Atlanta esperando por mim.

– Não, eu vou pagar você.

Tripp sorriu e sacudiu a cabeça.

– Não vamos discutir isso agora, Della.

– Eu descobri algumas coisas esta semana. Não estou mais tendo terrores noturnos. Ainda tenho pesadelos e ainda tenho más lembranças, mas eu não reajo mais daquela maneira. O medo foi embora. Eu apenas acordo.

Tripp arregalou os olhos e sorriu para mim.

– Que incrível, Della!

Sorri de volta porque concordava com ele. Era incrível. Eu havia conquistado alguma coisa.

– É, sim.

– Você vai voltar para Rosemary?

Eu não sabia ao certo. Cada minuto que passava em que eu não tinha um ataque de pânico ou não precisava lutar contra aquele medo que costumava me dominar me fazia querer voltar. Queria mostrar a Woods que eu estava completa e que ele podia me amar. Era seguro me amar. Mas será que eu havia queimado aquela ponte?

– Não sei – respondi.

Tripp mordeu o lábio inferior. Ele costumava fazer isso quando estava pensando. Por fim, ele falou.

– Eu não posso dizer muita coisa, porque não cabe a mim dizer, mas volte. Se quiser voltar, tenha coragem e volte.

Gostaria que fosse fácil assim.

– E se ele não me quiser de volta?

Tripp sacudiu a cabeça.

– Não é possível. Confie em mim.

– Eu o abandonei. Tudo o que deixei foi um bilhete. Ele não me procurou. Deve me odiar.

Tripp se levantou e ficou andando de um lado para outro na frente da lareira enquanto mordida o lábio inferior de novo. Por que estava tão agitado?

Finalmente, ele parou e passou a mão pelos cabelos, puxando um pouco as pontas, como se estivesse tendo dificuldade com alguma coisa.

– Tripp, qual é o problema? – perguntei.

Ele me encarou por um instante. Ele sabia de alguma coisa. *Será que o Woods já está saindo com outra pessoa? Claro que não. Ah, meu Deus. Eu ia vomitar. Será que ele seguiria em frente com tanta facilidade?*

– Quanto ao dinheiro que usamos na viagem...

– Você o usou sem problemas porque é um bom amigo e só queria ajudar a Della. Não é, Tripp?

A voz de Braden me assustou quando ela interrompeu Tripp. Ele engoliu em seco.

– É, é isso.

Não era isso que ele ia dizer. Braden sabia o que ele ia dizer e o interrompeu. Ela estava escondendo alguma coisa de mim. O que era?

– Ele está com outra pessoa? – perguntei, me levantando de súbito.

O simples fato de dizer isso me deixou arrasada. Se ela dissesse que sim, iria me desmontar. Eu não conseguiria lidar com isso.

Os olhos dela estavam determinados. Percebi que ela queria me contar, mas não iria contar.

– Acho que você precisa voltar a Rosemary e pegar o seu homem de volta, se é isso que você

quer. Se você ama Woods Kerrington, precisa ter coragem suficiente para botar o seu coração em jogo e ir atrás dele. Precisa parar de ter medo das coisas, Della. Esse é o seu último obstáculo. Enfrente-o. – A voz dela embargou. – Por favor, Della. Vá atrás dele. Se você o quer, vá atrás dele.

Ele havia seguido em frente. Afundei no sofá.

– Ah, meu Deus... – Minha voz engasgou com a dor atingindo cada centímetro do meu corpo.

– Não, Della...

– Cale a boca, Tripp! – disparou Braden.

Ela queria que eu soubesse a verdade. Tripp estava tentando aliviar a minha dor porque era um cara legal, mas Braden me amava o suficiente para ser sincera.

– Como eu posso ir atrás dele? Ele não me quer – disse, com a voz um pouco mais alta do que um sussurro.

Braden se ajoelhou na minha frente.

– Você é linda, inteligente, amável e altruísta. Além disso tudo, você é a melhor amiga que já tive. Eu amo você como uma irmã. Você é a minha família. Vi você sofrer e se esconder dos seus medos como se eles realmente fossem os monstros embaixo da cama com que a sua mãe a ameaçava. Em dois dias vi você enfrentar a vida com uma força que eu sabia que estava aí dentro, mas que nunca tinha visto você usar. Se quer Woods Kerrington, se ele é o cara certo com quem você quer ser feliz para sempre, então vá atrás dele. Não duvide de si mesma nem da sua importância. As pessoas não amam você e se esquecem logo em seguida, Della. Você é inesquecível.

Cobri a boca para abafar um soluço. Braden, no entanto, não me abraçou nem disse palavras de conforto. Ela apenas ficou ali ajoelhada, me observando e esperando que eu decidisse. Estava apostando em mim. Quando o resto do mundo achava que eu não tinha esperança, ela apostou em mim. Ela acreditou em mim.

Assim como o Woods.

– Pode me dar uma última carona? – perguntei ao Tripp.

– Pode apostar – respondeu ele.

Braden soluçou forte ao se levantar e me abraçar.

– Estou tão orgulhosa de você. Você conseguiu, Della. Você conseguiu – disse ela contra os meus cabelos, chorando nos meus braços.

Sorri para Tripp por cima do ombro dela. Ele também estava ficando meio emocionado. Fez um sinal de positivo com o polegar e piscou, então deu meia-volta e saiu da sala.

Woods

Fui atrás da minha mala. Della tinha mais quatro horas para voltar para mim. Ia arrumar as minhas coisas e ir atrás dela. Ela não ia voltar. Della estava com medo e eu não pretendia continuar deixando ela achar que eu não a queria. Quaisquer que fossem os motivos de Braden, eles podiam ir para o inferno. Eu ia atrás da minha mulher. Pretendia garantir que ela soubesse muito bem que eu a amava com todo o meu coração.

Meu celular tocou e, por um segundo, fiquei paralisado. Podia ser ela. *Ela podia estar voltando*. Quase fiquei com medo de ter esperança. Enfieei a mão no bolso e peguei o telefone. Era o Tripp.

– Sim? – disse, prendendo a respiração.

– Vá se aprontando. Ela está voltando.

Enchi os pulmões de ar e atirei a cabeça para trás, sentindo o coração bater novamente pela primeira vez desde que ela havia me deixado. Della estava voltando.

– Tem certeza? – perguntei.

– Ela está arrumando a mala e se despedindo de Braden. Não vou mentir para você, cara. Foi uma cena bem dura. Eu estive perto de dizer a verdade e mandá-la de volta para você, mas a Braden é jogo duro. Ela estava determinada a deixar Della tomar a decisão por conta própria. Quando ela cedeu e concordou em voltar, mesmo achando que você seguiu em frente, foi emocionante.

– Do que você está falando? Por que ela acha que eu segui em frente? Que merda isso quer dizer?

Será que a Braden mentiu para ela?

– Ela está convencida de que você está com alguém agora. Que o segredo que ela sente que existe entre a Braden e eu é que você seguiu em frente e está com outra pessoa. Então, ela está voltando a Rosemary para reconquistá-lo. Ela não está voltando apenas para você... está voltando achando que precisa lutar pelo homem dela.

Por mais que eu não quisesse que Della sequer pensasse que eu seria capaz de tocar em outra mulher, a ideia de ela voltar para lutar por mim me fez sorrir.

– Você vai trazê-la?

– Sim.

– Traga Della até a minha casa. Depois vá embora – expliquei a ele.

Tripp riu.

– Ah, caramba, quer dizer que eu não posso ficar para assistir ao sexo de reconciliação?

– Cuidado com o que fala – avisei a ele enquanto a minha cabeça começava a fazer planos. Eu tinha muita coisa a fazer antes que ela chegasse. – Alugue um carro. Use o dinheiro que acabei de depositar na sua conta. Não a faça andar na garupa da sua moto de novo.

– Ei! Eu sou um bom piloto – argumentou Tripp.

– Não dou a mínima. Se eu precisar pensar nos braços dela ao redor da sua cintura mais uma vez, vou pirar. Não a quero na garupa da sua moto. Nunca. Mais.

Tripp soltou um suspiro.

– Tudo bem. Vou alugar a porcaria de um carro.

– Traga ela de volta pra mim em segurança. E rápido.

– Sim, senhor. Preciso ir. Ela está vindo.

Desliguei o celular. Estava na hora de começar a aprontar tudo. Ela estava voltando para mim. Eu ia garantir que ela jamais se arrependesse.

Digitei o número do Jace. Precisava da ajuda de Bethy.

– Oi.

– Bethy está com você? – perguntei enquanto começava a limpar a cozinha.

– Está, por quê?

– Preciso da ajuda dela. Passe o telefone para ela.

– Está beeem – disse ele.

Ouvi ele dizendo a Bethy que era eu e que eu precisava da ajuda dela.

– Oi. O que manda, chefe?

– Della está voltando para mim. Preciso de pétalas de rosa. Onde eu consigo um monte de pétalas de rosa a esta hora?

Bethy deu um gritinho.

– Ela está voltando! Que maravilha. Estou tão feliz por vocês!

– Foco, mulher! Eu preciso de pétalas de rosa – disse, botando o último prato e ligando a máquina de lavar louça.

– Eu consigo rosas para você. Não se preocupe. Estarei aí em mais ou menos uma hora.

– Obrigado – agradei antes de desligar. Olhei para a parede onde o quadro que eu destruí costumava ficar pendurado.

Digitei rapidamente o próximo número da lista.

– Oi, Rob. Eu sei que é tarde, mas o quadro que eu levei para você emoldurar... preciso dele. Agora.

– Não está pronto e eu fecho dentro de uma hora.

– Mil dólares se você conseguir trazê-lo até a minha casa em duas horas.

– Merda. Está bem. Vou dar um jeito.

– Obrigado.

Desliguei, fui até o quarto e comecei a tirar os lençóis da cama. Eu não os havia trocado porque eles tinham o cheiro de Della. Minha garota precisava de lençóis limpos. Com o quarto limpo, liguei para mais um número.

– Chefe?

– Jimmy, preciso da sua ajuda. Feche o restaurante mais cedo. Diga que está havendo uma reunião particular ou coisa parecida. Só feche mais cedo. Preciso da ajuda do pessoal da cozinha.

Della

—Você não precisava alugar um carro. Por mim, a moto estava excelente – disse a Tripp mais uma vez quando saímos do estacionamento.

– Precisava sim, confie em mim – respondeu ele com um sorriso.

Eu estava cansada de discutir com ele sobre isso. Ele estava decidido a alugar o carro e, de qualquer forma, agora era tarde demais para fazê-lo mudar de ideia. Acabei me recostando no assento para olhar a paisagem pela janela. Estaria em Rosemary em cinco horas. Não sabia ao certo se iria para a casa de Woods ou para um hotel. Talvez ligasse para Bethy. Sempre havia o apartamento do Tripp. Eu poderia pedir um último favor a ele. Já havia pedido tantos...

– Vamos direto para a casa do Woods? – perguntou Tripp.

– Hummm... não sei. Talvez eu não devesse surpreendê-lo. Quem sabe vou vê-lo amanhã no trabalho. Assim não vou simplesmente aparecer na casa dele caso... – Não consegui dizer *caso ele esteja com outra pessoa*.

– O quê? Você está amarelando agora? Se quer pegar o seu homem, precisa ir até a casa dele.

– Não sei direito se é assim que eu devo fazer.

Tripp se remexeu no assento e limpou a garganta.

– Muito bem. Imagine o seguinte: Woods está na casa dele com outra mulher. Uma mulher que ele não consegue amar como ama você. Você não esteve afastada por tempo suficiente para isso. Ela vai dormir na cama dele, onde você deveria estar, esta noite. A menos que você vá até a porta dele e pegue o seu homem de volta.

A ideia dessa mulher sem rosto dormindo na cama do Woods e o tocando me deixou fisicamente doente. *Não*. Ela não podia tocar nele. Ele era *meu*.

– Você está ficando irritada, não está? Pronta para pegar de volta o que é seu? Acho que está mais do que na hora. É uma pena deixá-lo dormir com ela mais uma noite quando ele preferiria estar com você. Ela é só uma substituta.

Ele tinha razão. Woods não estava apaixonado por ela. Ele era apaixonado por mim. Eu podia fazê-lo me amar de novo. Podia mostrar a ele que não sou fraca. Que sou digna do amor dele. Vou reconquistá-lo. Ninguém vai dormir na casa dele esta noite além de mim.

– Vamos para a casa do Woods!

Tripp deu um grito de comemoração e um tapinha na minha perna.

– Aí, garota. Você está com tudo.

Eu certamente esperava que sim. Se não, estava prestes a fazer o maior papel de trouxa da história.

Quando estávamos a dez minutos de distância, comecei a pensar melhor.

– Talvez seja melhor eu ir para o seu apartamento esta noite.

Tripp soltou uma risadinha.

– Lógico que não. Woods já vai querer bater em mim só de me ver. Imagina se eu trazer você para Rosemary e levá-la para a minha casa.

– Mas se ele estiver com outra garota...

– Della, eu vou precisar fazer mais um sermão motivacional? Porque eu faço. Você consegue fazer isso. Você voltou até aqui. Queria Woods o bastante para voltar e encarar isso. Está na hora de enfrentar a situação, gata.

Ele tinha razão. Eu sabia disso. Mas estava com medo de ver Woods com outra pessoa e surtar. Eu havia chegado tão longe esta semana. Não queria me transformar em uma maluca choramingtona na frente dele. Queria que ele visse a Della nova e melhorada. Não a garota de quem ele havia se livrado.

– Ele vai querer ver você. Sei que você não acredita, mas vai. Eu sou homem. Sei dessas coisas.

– Ele pode querer me ver, mas não quando estiver com outras...

– Lembre-se de que você não vai deixar que ela fique com ele esta noite. Você está de volta.

Concordei com a cabeça. Certo. Eu ia pegar de volta o que era meu. Mesmo que não fosse mais meu, eu iria brigar feito louca.

– Muito bem. Rápido, antes que eu mude de ideia.

– Mais dois minutos – disse Tripp com um sorriso.

Aqueles dois minutos pareceram horas. Quando Tripp finalmente parou na entrada para carros da casa de Woods, eu quase chorei de alívio ao ver que a caminhonete dele e o meu carro eram os dois únicos veículos lá. O que não queria dizer, porém, que ele estivesse sozinho. Woods poderia ter levado alguém para lá.

Tripp apertou a minha mão.

– Vá pegá-lo.

Eu não conseguia falar. Estava nervosa demais. Abri a porta do carro e saí. Não havia sequer perguntado ao Tripp se ele ia ficar e esperar por mim ou se iria voltar a Macon para pegar a moto de volta. Não podia pensar nisso agora.

Segui na direção da escada.

Então ele foi embora. Ao me virar, vi Tripp acenar em despedida antes de acelerar em direção à rua. Simplesmente me deixou ali.

Olhei para a porta da frente e respirei fundo. Woods estava lá dentro. Eu ia pedir uma

segunda chance, se fosse preciso. Ia garantir que fosse eu a mulher na cama dele esta noite.

As luzes da casa estavam apagadas. Tudo o que eu podia ver era uma luz fraca no quarto. Parecia até luz de velas. *Por favor, Deus, não deixe que seja luz de velas.* Segurei o corrimão ao subir a escada da porta da frente. Ele nunca ia para cama tão cedo. *Talvez ele não esteja aqui. Talvez esteja com o Jace.*

Cheguei ao último degrau e tentei descobrir o que estava acontecendo do outro lado da janela do quarto dele. Eu tinha quase certeza de que era luz de velas lá dentro. Estar ali parecia ser uma má ideia agora.

Não.

Não era.

Ele era meu e eu preferia morrer a deixar alguma outra mulher ficar com ele. Eu ia queimá-la com a vela se fosse preciso.

Diminuí a distância que me separava da porta e bati várias vezes. Então dei um passo para trás e esperei. Se estava levando um tempo, era porque ele tivera que se vestir.

A porta se abriu e lá estava ele. Estava usando um short cáqui e uma camisa branca de botões. As mangas estavam dobradas até os cotovelos. Eu adorava quando ele vestia branco. Sua pele morena ficava impressionante contra o branco. Respirei profunda e rapidamente diante daquela visão.

Woods não se mexeu. Simplesmente ficamos ali parados, nos encarando. Fazia quase três semanas desde que eu havia ido embora, mas parecia uma eternidade.

– Oi – consegui dizer com a voz rouca.

– Oi – respondeu ele, ainda parado na porta, parecendo um lindo anjo que caiu do céu.

Para quem ele havia se arrumado assim? Senti um cheiro bom vindo de dentro da casa e fiquei tensa. Alguém estava cozinhando... no escuro?

– Posso entrar? – perguntei.

Ele deu um passo para trás a fim de me dar passagem. Eu ainda não a tinha visto, mas senti o cheiro da comida. *Talvez ela ainda não tivesse chegado.*

– Você está esperando alguém? – perguntei sem olhar para ele de novo.

– Estou – respondeu ele.

Ele falou em voz baixa. Não queria me dizer isso. Pelo menos foi sincero.

– Ah...

Quase pedi desculpas, mas não ia fazer isso. Eu estava ali para brigar por ele. Não para desistir e deixar que uma qualquer ficasse com ele.

– É melhor você ligar para ela e dizer que mudou de planos – disse, me virando para encará-lo.

Alguma coisa mudou nos olhos dele, mas, como as malditas luzes estavam apagadas, eu não conseguia vê-lo direito.

– Por que, Della? – perguntou ele dando um passo na minha direção.

Ele estava magoado. Eu o havia magoado, mas estava de volta. Caramba, eu havia voltado.

– Porque se ela puser os pés nesta casa, vou ter que expulsá-la.

Fechei a boca. Não podia acreditar que eu tinha dito isso. O canto da boca de Woods levantou em um sorriso enquanto ele dava mais um passo na minha direção. Eu não me afastei. Eu o queria perto de mim. Não ia fugir.

– Hummm, alguém está com ciúme – brincou ele, deslizando um dedo pelo meu rosto. Estremeci.

– Com muito ciúme – admiti. Não tinha vergonha disso.

– Por que você está com ciúme, Della? – Ele deu mais um passo na minha direção, me fazendo recuar contra a parede. Estava com as mãos apoiadas na parede, uma de cada lado da minha cabeça. – De quem você teria que sentir ciúme?

Eu estava com dificuldade para continuar respirando normalmente. O cheiro dele era muito bom. Sua pele bronzeada estava bem na minha frente. Eu queria sentir o gosto dele.

– De qualquer uma em que você toque.

– Então você só pode ter ciúme de uma pessoa – respondeu ele, abaixando a cabeça para sentir o cheiro do meu pescoço.

Estremeci e levantei as mãos até os seus ombros. Eu precisava me apoiar. Havia outra pessoa. Ele estava admitindo isso. Queria bater nele e gritar e queria agarrar a camisa dele e beijá-lo. Dizer que ele era meu.

– Você me deixou, Della. Você me arrasou – sussurrou ele contra a minha pele, então passou a ponta da língua pelo meu pescoço e deu uma mordidinha na minha orelha.

– Quem é ela? – perguntei, precisando lembrar a mim mesma que ele havia estado com outra pessoa.

– Quem é quem? – perguntou ele, fazendo mais pressão contra o meu pescoço, como se eu fosse uma guloseima que ele desejava ardentemente.

– Com quem você... Para quem você está cozinhando? Quem está vindo para cá? Em quem você tocou? – perguntei, segurando com mais força nos ombros dele, conforme o meu corpo ficava mais quente e fraco.

– Você. Sempre foi e sempre será você. Apenas você – disse ele, abaixando a boca até a minha clavícula.

– Não estou entendendo – disse, quase gemendo, enquanto ele passava os lábios pelo meu decote lentamente, murmurando alguma coisa sobre como eu cheirava bem.

– O que você não está entendendo, gata? – perguntou ele, tirando uma das mãos da parede e levando até o meu seio direito.

Soltei um grito estrangulado de prazer. Eu não ia conseguir pensar com clareza se ele continuasse fazendo aquilo.

– Você disse que havia outra pessoa – disse, com meu corpo me traindo e me aproximando mais dele como se fosse um ímã.

– Não, eu não disse. Você me perguntou se eu estava esperando por alguém. Eu disse que sim: você. Você perguntou quem eu havia tocado. Eu disse que apenas uma pessoa: você, sempre você – concluiu, finalmente levantando a cabeça para olhar para mim.

E eu vi o calor que esperava ver em seus olhos. O coração dele estava bem ali. Woods me amava e demonstrava pelo olhar que não havia desistido de nós.

– Você sabia que eu estava voltando... – disse, me perguntando se havia sido a Braden ou o Tripp quem tinha contado a ele.

Woods segurou o meu queixo gentilmente e passou o polegar pelo meu lábio inferior.

– Eu sabia exatamente o que você estava fazendo desde o dia em que você me deixou. Eu cuidei para que você tivesse dinheiro suficiente para ficar em hotéis seguros e comer direito. Como acha que consegui não enlouquecer? Eu recebia ligações diárias para saber como e onde estava. Fiquei afastado porque queria que você voltasse para mim. Queria que você me quisesse. Que quisesse a nós.

Ele estava me monitorando. Tinha se importado. Ele não havia simplesmente me deixado ir embora. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu não me importei. Eu queria chorar. Eu estava feliz. Eu era amada.

– Não chore – pediu Woods, começando a beijar cada lágrima do meu rosto. – Não quero ver você chorar. Por favor, não chore.

– Você me ama...

Woods se afastou o suficiente para olhar para mim.

– Della, você nunca poderia ter duvidado disso. Se não sabia que tinha a minha alma, eu devo ter feito alguma coisa errada.

Segurei o rosto dele e o beijei. Eu o beijei com tudo o que tinha. Não havia palavras para expressar os meus sentimentos, então demonstrei da melhor maneira que podia o quanto ele era importante para mim. Com os braços ao meu redor, ficamos ali nos deliciando um com o outro. Foi perfeito. Eu estava em casa.

Quando interrompi o beijo para recuperar o fôlego, agarrei a camisa dele. Não queria aquela camisa nele. Queria ele sem roupa. Queria ele dentro de mim.

– Eu preciso de você agora – disse, começando a desabotoar a sua camisa.

– Preparei o jantar. Ia fazer um pouco de romance primeiro. O meu plano era convencê-la a ficar comigo. – Woods tentava se explicar enquanto eu arrancava a camisa dos seus ombros.

Acaricieei o seu peito. Seus ombros largos sempre faziam com que eu me sentisse pequena, mas segura.

– Estou com fome, e vamos comer, mas neste exato momento eu preciso de você dentro de mim – falei, ocupando as minhas mãos com os botões do short dele.

– Então vamos para o quarto – sugeriu ele.

– Não, eu não posso esperar!

Arranquei o vestido pela cabeça. Comecei a tirar a calcinha e Woods soltou um gemido e assumiu. Puxou a minha calcinha para baixo e passou as mãos pela minha bunda, enquanto dava beijos na parte interna das minhas coxas.

– Quero você dentro de mim – implorei.

Eu queria todos os beijos doces e queria sentir o gosto dele também, mas naquele exato momento, eu precisava que Woods me preenchesse.

– Porra! – gemeu ele e se levantou, me virando de frente para a parede. – Você me deixa louco. Eu ia ser romântico. Você merece romantismo.

– Eu quero que você me coma com força e me lembre de que eu sou sua.

O corpo de Woods estremeceu ao agarrar os meus quadris e entrar em mim.

– Meu Deus! Tão apertada... Tão quente... Toda minha – disse ele, parando e acariciando a minha bunda, dando um tapa forte nela. – Tudo isso é meu.

– Sim, é seu – disse, pressionando a bunda contra ele, que soltou um grunhido animalesco e iniciou um vaivém delicioso. A cada estocada, eu chegava mais perto do gozo que eu sabia que me deixaria completa.

– Esta boceta é minha, Della – disse ele em um grunhido antes de passar a mão pelo meu corpo e deslizar os dedos sobre o meu clitóris.

Eu disparei como um foguete ao toque dele.

– Sim! Isso mesmo, gata, goze no meu pau. Esta é a minha garota.

As palavras dele me deixaram ainda mais louca. Eu me apertei contra ele e implorei que continuasse me comendo. Isso o incentivou a ir cada vez mais rápido. Até chegarmos ao nosso intenso orgasmo, ele não parava de dizer o meu nome. Cada tremor do corpo dele me dava um arrepio.

– Minha Della – sussurrou ele ao gozar, descansando a cabeça nas minhas costas. Eu me mexi para que ele saísse de dentro de mim, então me virei e o puxei para os meus braços.

– Sempre sua.

Ele me abraçou mais apertado e nós ficamos ali, com os nossos corpos reverberando o prazer dos nossos corações curados.

Woods

Minha recepção para Della não saiu como eu havia planejado. Eu não tinha a intenção de comê-la contra a parede no hall de entrada, mas ela ficou dizendo coisas que me deixaram louco. Ela queria ser comida e o meu corpo quis dar o que ela estava pedindo.

Eu precisava ouvi-la dizer que era minha. A ideia de Tripp andando naquela maldita motocicleta sentado no meio das pernas dela me comia vivo. Eu queria lembrá-la de quem devia estar entre as suas pernas: eu.

Ainda não entrava na minha cabeça a ideia de que ela acreditara que eu poderia estar com outra pessoa. Se ela não sabia o quanto eu a amava completamente, a culpa era minha. Eu havia falhado. E consertaria isso.

Depois que nos vestimos, eu a levei para a sala de jantar. Jimmy trouxera a equipe da cozinha e arrumara uma mesa completa, com toalha de linho, luz de velas e rosas. Também levava a comida. Era o prato especial de Della no clube. Fiquei observando enquanto ela olhava ao redor na sala. Havia deixado uma playlist do Erick Baker tocando baixo no som. Ela sorriu para mim timidamente.

– Está lindo.

– Você estava voltando para casa. Eu queria que fosse especial.

Eu não tinha a intenção de comer você contra a parede antes que entrasse na casa. Embora eu não tivesse dito isso em voz alta, o rubor em seu rosto me levou a crer que ela sabia o que eu estava pensando.

Foi quando ela, ao se virar, viu a foto. A mesma foto que Bethy havia tirado de nós uma tarde na praia. Nós estávamos perdidos um no outro e não havíamos notado que ela nos fotografara. Estávamos sentados na areia. Nossos olhares estavam presos um ao outro e, mesmo na fotografia, dava para ver como estávamos nos sentindo. Não havia dúvida do quanto eu a adorava naquele momento.

– Você mandou emoldurar.

Aumentei a intensidade das luzes da sala para ela poder vê-la melhor.

– Sim.

– Adoro essa foto.

– Eu também.

Ela se virou e olhou para mim.

– Aquela garota na foto tinha medo do passado e do futuro dela. Ela tinha medo de amar você. Aquela garota não sou eu. Eu não tenho mais medo. Meu passado me fez quem eu sou. Meu futuro... desde que eu consiga estar com você, mal posso esperar para vivê-lo. Eu vou ficar bem, Woods. Eu não vou... pirar. Tenho muita coisa para contar para você.

Eu já sabia de tudo, mas queria que ela me contasse. Queria saber o que pensava. Sabia que Della havia conhecido os pais biológicos e queria ouvir tudo a respeito.

Fui até ela e segurei a sua mão.

– Eu sempre soube que você ia ficar bem. Eu jamais deixaria você. Eu estava aqui para ser forte quando você estava frágil.

– E eu amo você por isso, mas quero ser forte às vezes. Não quero ser sempre a frágil.

– Eu só quero você. De qualquer maneira que puder tê-la. Mas estou contente que você esteja feliz. Estou contente que se sinta forte. Eu quero que seja feliz consigo mesma. Porque você deixa a minha vida incrível.

Ela sorriu.

– Precisamos comer. Estou lutando contra a vontade de obrigar você a fazer amor comigo ou de chorar porque isso tudo foi muito fofo.

Puxei a mão dela e a trouxe para o meu lado.

– Gata, se quiser fazer amor de novo, é só pedir. A comida pode esperar – sugeri, antes de dar um beijo nos lábios dela.

– Eu quero...

Desta vez eu ia levá-la até o nosso quarto. Eu tinha uma carta na manga lá dentro também.

Abri a porta e dei espaço para ela entrar primeiro. O quarto estava cheio de velas e a cama, coberta de pétalas de rosa vermelhas e cor-de-rosa. Della suspirou e me deu um sorriso safado.

– Eu achei que ia ter que entrar aqui e dar uma surra em alguém por estar no seu quarto. Foi o que eu pensei quando vi a luz de velas pela janela.

Dei risada e a trouxe até mim.

– Hummm, por mais sexy que seja pensar em você ficando tão possessiva por minha causa, eu jamais tocaria em outra mulher. Quanto menos trazê-la aqui. Este é o nosso quarto.

Della se recostou em mim e suspirou.

– Acho que a Braden e o Tripp queriam que eu pensasse que você estava com outra mulher.

– É. Eu também acho.

– Eu vou matar os dois. Já estava pronta para bater em alguém por causa deles. Nada mais lógico que sejam eles.

Dei risada, então a peguei no colo e levei-a até a cama, deitando-a sobre o mar de rosas. Ela estava linda. Devagar, Della tirou o vestido. Ela não se deu o trabalho de vestir a calcinha e o sutiã no corredor. Ela estava nua e no lugar ao qual pertencia.

– Agora se deite e abra as pernas – disse, observando-a fazer exatamente o que eu disse para fazer.

A marca da minha porra ainda estava presente nas coxas dela. A boceta estava úmida e inchada do sexo selvagem que tínhamos acabado de fazer. Arranquei a camisa e tirei o short antes de me ajoelhar na cama entre as pernas dela. Passei um dedo pela caverna sedosa e vi seu corpo estremecer.

– A minha porra ainda está vazando de você – comentei, esfregando um pouco sobre o clitóris dela.

A respiração dela falhou e ela se arrepiou ao meu toque.

– É tão sexy ver a minha porra ainda em você...

Mergulhei o dedo dentro dela e então desci pelas coxas. O monstro possessivo dentro de mim voltou a ganhar vida.

– Eu quero marcar você – afirmei, deslizando o dedo novamente dentro dela para cobri-lo com mais dos nossos gozos misturados.

– Ah, meu Deus, Woods. Por favor... – implorou ela, movimentando-se ao encontro da minha mão.

– Minha porra fica linda em você.

Eu estava fascinado com isso. Vê-la encharcando a pele macia. Saber que era parte de mim.

– Então, por favor, bote um pouco mais – pediu Della.

Provoquei sua entrada com a cabeça do pau. Ela gritou e tentou se aproximar. Afundei-o lentamente nela, até estar completamente dentro.

– Você é minha melhor aposta, Della. Eu deixo tudo para trás por você. Eu só quero você. Sou todo seu, gata. Esta é a vida que estou planejando para nós dois.

– É isto. – Della sorriu, suas pernas roçando nas minhas. – Este é o nosso começo. Quero que me leve para casa, Woods.

Apoiei a cabeça no ombro dela e comecei a me movimentar dentro dela com as nossas respirações ficando mais ritmadas até, gradualmente, chegarmos ao prazer que sabíamos estar nos esperando, o lugar ao qual só conseguíamos chegar um com o outro.

– Agora, Della. Goze comigo – pedi quando me senti prestes a explodir.

O grito estrangulado que ela soltou ao enfiar as unhas nas minhas costas me levou ao êxtase.

Della

Abri os olhos e deparei com Woods, me observando como se eu fosse uma joia preciosa que ele quisesse proteger.

– Bom dia – disse ele, percorrendo o meu braço com o dedo, em um toque suave como o de uma pluma.

– Bom dia – respondi, sorrindo. – Há quanto tempo você está acordado?

– Quer dizer, há quanto tempo eu estou olhando fixamente para você? – perguntou ele, provocador.

– Sim, isso também – respondi.

– Há mais ou menos uma hora. Você estava tão maravilhosa enroscada em mim que eu não consegui voltar a dormir. Não queria desperdiçar o tempo que eu poderia usar para olhar para você.

Senti o meu coração apertar.

– Você tem jeito com as palavras, Sr. Kerrington.

– Você acha?

– Eu *sei*.

– Que bom, porque eu quero perguntar a você sobre as últimas duas semanas e quero que me conte tudo.

– Achei que você já soubesse de tudo – retruquei, percebendo que devia ser com Tripp que ele estava falando, já que Braden não estivera comigo a maior parte do tempo.

– Eu sei o que o Tripp e a Braden me contaram. Eu quero saber tudo o que Della sabe.

Então os dois estavam envolvidos. Não consegui ficar brava com eles. Não agora. Eu estava nos braços de Woods. Eles haviam me trazido de volta até ali. Havia feito com que eu enfrentasse os meus medos.

– Eu quase não voltei. Estava com medo de encarar você e descobrir que você não me queria. Braden e o Tripp me convenceram a voltar.

Woods sorriu e prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Eu desejava ir atrás de você – confessou. – Seu tempo estava quase se esgotando. Eu disse à Braden que você tinha 48 horas. Havia começado a arrumar a minha mala quando recebi a ligação do Tripp dizendo que você estaria de volta em quatro horas. Não me entenda mal. Estou

feliz que você tenha voltado para mim, mas eu não conseguia mais ficar esperando.

Ele ia me buscar. Foi por isso que Braden insistiu tanto que eu voltasse para ele. Ela queria que eu voltasse por conta própria.

– Não sei bem o que fiz para ter uma melhor amiga como a Braden, mas sou muito grata por tê-la.

Woods beijou a ponta do meu nariz.

– Algumas vezes eu pensei em sequestrá-la e fugir.

Rindo, me aproximei dele.

– Mas eu voltei para casa.

– Sim, voltou. E foi muito bom.

Ele queria saber sobre tudo o que havia acontecido. Eu queria contar tudo a ele.

– Contaram que eu fui adotada?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Bom, eu conheci os meus pais biológicos, Glenda e Nile. Conheci inclusive a família da Glenda. Ela tem uma filha e um filho. O marido dela é quieto, mas me pareceu legal. Eu passei a maior parte do tempo conversando com a filha deles. Fiquei imaginando se eu seria tão livre e extrovertida se tivesse vivido com ela. Ah, eu tenho os olhos do meu pai biológico. Deu para perceber que ele era o conquistador da escola só de vê-lo, vinte anos depois. Ele é muito bonito e acho que ainda deve ser um pouco apaixonado pela Glenda, o que é esquisito, mas tento não pensar nisso.

Continuei contando ao Woods tudo sobre o encontro com as pessoas que me deram a vida. Eu não falara muita coisa à Braden, mas para Woods eu queria contar tudo. Queria que ele soubesse que Nile fumava charutos e que Glenda queria ser cantora country.

Quando terminei de contar sobre os dois, ele se sentou, apoiou-se na cabeceira da cama e me puxou para o seu colo. Ficou fazendo pequenos círculos na palma da minha mão e permaneceu em silêncio. Então eu continuei.

Falei para ele sobre os meus medos e por que eu o havia deixado. Contei que não tinha mais terrores noturnos. Que eu não acordava mais gritando. Eu estava completa. Queria ser mãe um dia. Queria todas as coisas das quais tinha medo antes.

Ele deslizou a mão pela minha barriga e eu senti uma palpitação.

– Um dia quero o meu bebê aqui dentro.

Cobri as mãos dele com as minhas e falei:

– Eu também.

Ficamos sentados assim por um tempo, sem falar. Todos os meus sentimentos, todos os medos... agora ele sabia de tudo. E me amava. Apesar de tudo, ele me amava.

– Della... – disse Woods com a voz rouca.

– Sim?

– A ideia de você na garupa da moto do Tripp, com os braços ao redor dele, com ele dormindo na mesma cama que você e abraçando durante os seus medos... vai ser difícil de superar. Sou grato por ele ter cuidado de você, mas essa é a minha tarefa de agora em diante. Não quero ter que ver a cara dele por um tempo. Preciso de um tempo para superar isso.

Fiquei de frente para ele.

– Eu não tenho nenhum sentimento em relação ao Tripp. Nenhum. Tudo o que eu tinha na cabeça era você.

– Eu sei. É por isso que ele continua vivo. Mas isso não anula o fato de que eu sou um homem e tenho uma obsessão: você.

Ele sabia ser muito doce e romântico às vezes e também muito machão. Fiquei de joelhos e dei um sorriso safado.

– Vamos ver se eu consigo tirar essa imagem da sua mente e pôr uma nova no lugar – disse, beijando o peito dele e afastando as suas pernas para me posicionar entre elas.

Ele estava mais do que pronto quando cheguei à parte de baixo da barriga lisa e firme dele. Agarrei o seu pau grosso, enquanto passava a língua pela cabecinha.

– Gata... – gemeu Woods, estremecendo por causa do meu toque.

– Hummm – respondi, olhando para Woods ao enfiar seu pau na minha boca até ele tocar a parte de trás da garganta, me fazendo engasgar. Woods sempre gostava quando eu fazia isso. Ele agarrou a minha cabeça com as duas mãos.

– Ah, que delícia, gata. Que coisa mais gostosa. Vai bem fundo. Ah, isso mesmo, engasgue com ele. – Sua voz estava grossa e rouca.

Continuei abocanhando o pau dele enquanto Woods me elogiava. Queria deixá-lo com uma lembrança para substituir a imagem de mim com Tripp. Queria lembrar a ele a quem eu pertencia. Woods jamais precisaria se preocupar. Meu corpo era feito apenas para ele.

– Venha aqui – disse ele, acariciando a minha cabeça. – Eu vou gozar na sua boca se você não parar.

Mas era justamente isso que eu queria. Agarrei as suas pernas e chupei a ponta do pau de Woods com força. Depois, levei-o fundo até a minha garganta. Fui intercalando essas duas ações sem parar.

As mãos de Woods agora agarravam grandes punhados dos meus cabelos. Cada puxão suave fazia minha boceta latejar.

– Vou gozar. A sua boquinha gostosa quer isso, não é? A minha gatinha safada quer engolir a minha porra. Caralho, isso! Esta boca é minha – disse ele antes de gritar meu nome e segurar a minha cabeça enquanto gozava exatamente onde nós dois queríamos.

Quando ele soltou a minha cabeça, deslizei lentamente a boca até a cabeça do pau dele, descendo mais uma vez, para limpá-lo. Lambi as laterais e pus sua glândula de volta na boca.

– Puta que pariu, gata, você vai me matar. Para – gemeu ele, me puxando para cima e me

segurando contra o peito enquanto recuperava o fôlego.

Com o dedo, fiquei traçando coraçõezinhos ao redor dos mamilos dele.

– Woods...

– Sim, querida?

– Da próxima vez em que você pensar em mim com o Tripp, lembre-se do que acabamos de fazer. Está bem?

Ele me abraçou mais apertado e riu.

– Vou fazer isso.

– Ótimo.

Woods

Como havia pedido para Jimmy levar o café da manhã também, só precisei levantar e tirar as coisas da geladeira. Enquanto Della acabava de se vestir, fui aprontar tudo.

Limpei a mesa da noite anterior e tastei seu waffle belga, passando geleia de laranja por cima e salpicando-o com amêndoas. Também servi uma tigela de iogurte de mel com figos e queijo de cabra. Jimmy me confidenciara que esses eram os itens que Della pedia do cardápio do café da manhã.

Quando saiu do quarto, estava com os cabelos presos naquele coque sexy e vestida para trabalhar. Ótimo. Eu precisava conversar com ela sobre o novo conselho.

– Espero que você não se importe se eu for trabalhar hoje – disse ela ao entrar na cozinha.

– Lógico que não – respondi, puxando a cadeira para ela.

Della olhou para a comida em cima da mesa, então olhou de novo para mim e sorriu.

– Você pediu a ajuda do Jimmy?

Encolhi os ombros. Não havia por que negar.

– Eu queria fazer tudo certo.

Ela parou e deu um beijo nos meus lábios.

– Você acertou tudo. – Então Della se sentou e soltou um suspiro satisfeito. – Estou morrendo de fome.

– Sexo selvagem faz isso com a gente – respondi, sentando na frente dela.

Eu ia comer um waffle belga com manteiga. Aquele monte de coisas sofisticadas não fazia a minha cabeça. Dei uma garfada e fiquei admirando ela comer antes de tomar um gole do meu café.

– Eu não tive a oportunidade de contar, mas demiti o conselho do meu pai e contratei um novo grupo formado por pessoas cujas opiniões eu considero importantes.

Della soltou o garfo e olhou para mim.

– Que bom. Você está no comando. Precisa das pessoas mais chegadas ajudando você.

Fiquei feliz por ela concordar. Não que esperasse o contrário.

– Eu quero você no conselho, Della.

Ela havia pegado o copo de suco, mas o largou e olhou para mim como se eu tivesse acabado de falar outra língua.

– O quê? – perguntou ela.

– Quero você no meu conselho. Já estou com a papelada toda pronta. Você só precisa assinar. Della sacudiu a cabeça.

– Não acho que seja uma boa ideia. Quero dizer, talvez mais tarde, quando você tiver certeza, mas agora... é um grande passo. Quero dizer, há apenas três semanas você e o Jace estavam preocupados com os meus... problemas. Eu não posso fazer parte do seu conselho. Eu estou melhor, mas, e se eu tiver uma recaída? Você não vai querer que algo assim aconteça lá e sabe que os seus amigos concordam com isso. Eu ouvi o Jace.

Eu tinha me esquecido daquela maldita conversa que ela havia entreouvido. Levantei, dei a volta na mesa e me ajoelhei na frente dela.

– Della, eu preciso que você me escute. Preciso esclarecer uma confusão. Naquele dia, nós não estávamos falando sobre você. Nunca foi sobre você. Estávamos falando sobre a minha mãe. Ela havia ligado para membros do conselho e me causado problemas. Ao contrário de você, ela é louca. Gata, eu jamais chamaria você daquelas coisas ou permitiria que qualquer um a chamasse assim.

Pude ver o alívio em seus olhos. Della acreditava em mim. Como ela não tinha comentado o assunto a noite toda, eu havia me esquecido daquilo. Mas, caramba, ela estava ali nos meus braços pensando que eu tinha dito aquelas coisas. Era impressionante.

– Ah...

Sorri e me levantei para beijá-la.

– É. Ah.

– Eu devia ter perguntado. Eu só... eu não queria ouvir a verdade. Fiquei com medo.

– Nunca tenha medo da verdade que vier de mim.

Ela concordou.

– Sinto muito não ter perguntado nada a você.

– Eu sinto muito que você tenha pensado que nós estávamos falando de você.

Ela ficou ali sentada olhando para as próprias mãos por um instante, então olhou para mim.

– Eu quero fazer parte do seu conselho.

– Ótimo, porque eu não posso fazer isso sem você.

Ela voltou a comer e eu tive que me obrigar a comer também em vez de ficar apenas admirando-a. Eu só queria vê-la fazer tudo. Ia ser difícil parar de olhar para ela naquele dia.



Saí do elevador e Vince me cumprimentou. Ele estava prestes a falar alguma coisa, mas parou e sorriu.

– A Srta. Della voltou?

– Voltou, sim. Como soube?

– Eu sou velho, Woods, não cego. Está escrito no seu rosto, garoto.

O sorriso que se abriu no meu rosto continuou ali enquanto eu repassava os meus afazeres da manhã e fazia as ligações planejadas.

Pouco antes do almoço, Della entrou na minha sala com um sorrisinho sexy no rosto que, se ela não tomasse cuidado, ia acabar fazendo com que ela fosse comida em cima da minha mesa.

– Senti a sua falta – disse ela.

– Eu senti mais. Venha aqui. – Estendi a mão para ela se aproximar. Ela veio até o meu lado da mesa e se sentou no meu colo. – Teve uma boa manhã?

– Tive. E você?

– Poderia ter sido melhor – respondi, deslizando a mão por baixo da saia dela. Ela se remexeu no meu colo e afastou minha mão com um tapa.

– Pare com isso. Precisamos falar de trabalho – disse ela, com ar divertido, tentando se levantar. Segurei-a no meu colo.

– Pode ficar se remexendo, gata. A sensação é ótima.

– Você é muito mau – brincou Della, me impedindo de passar a mão no meio das coxas dela.

– Estou recuperando o tempo perdido. Ainda tenho três semanas de crédito.

– Sr. Kerrington, o Sr. Rush Finlay está aqui para vê-lo – anunciou Vince pelo intercomunicador.

– Droga, o Rush. Esqueci que ele ia passar aqui.

Della saltou do meu colo e endireitou a saia.

– Mande-o entrar – pedi, observando-a se arrumar. Eu ia desarrumar tudo de novo assim que Rush me entregasse as informações sobre a poupança de Nate que Dean havia estabelecido.

Rush entrou na sala com Nate nos braços e uma bolsa de bebê no ombro. Isso era engraçado. Rush Finlay, filho de um astro de rock malvado, tinha uma bolsa de bebê no ombro e um bebê nos braços.

– Ah, você trouxe o Nate! – A empolgação de Della me interessou.

Observei-a indo até Rush para pegar Nate no colo e, depois, brincando com o bebê, fazendo-o rir. A risada de Rush ao meu lado me lembrou que ele estava lá. Voltei minha atenção para ele.

– Ela tem jeito para a coisa, não? – disse Rush com um sorrisinho.

Eu não sabia que ela gostava de bebês. Adorei vê-la com Nate. Ia ser difícil me concentrar em Rush.

– Pois é.

– Quando ela voltou? Ou foi você que foi atrás dela?

– Ontem à noite. Ela voltou para mim.

– Eu disse que não havia acabado – lembrou-me Rush, sentando-se em uma cadeira na frente da minha mesa. – Agora pare de comê-la mentalmente enquanto ela está com o meu filho no

colo.

Lancei um olhar furioso para ele que só serviu para diverti-lo.

– Aqui está a papelada para a poupança do Nate. Faça a mesma coisa com o meu salário.

– Feito. Vou providenciar o agendamento dos depósitos hoje mesmo.

Rush soltou um suspiro.

– Acho que vou ficar um minutinho aqui e dar um tempo. Della parece estar se divertindo e eu estou morto. Grant esteve na minha casa ontem à noite e tivemos uns problemas.

– Nan voltou?

Rush soltou um suspiro cansado e esfregou a testa.

– É, ela voltou.

– Que merda! – exclamei, mais por Rush do que qualquer outra coisa.

– Pois é...

Della

Nile estava vindo para Rosemary com a família. Eles ficariam hospedados em um dos apartamentos na propriedade do clube. Nile insistira em pagar, mas Woods fez questão de oferecer o lugar de graça.

Eu estava ansiosa para apresentá-lo a Woods. Também queria mostrar a ele que o sangue que corre nas minhas veias vem de pessoas normais. Eu mesma costumava me esquecer disso.

– Você está linda. Nada do que puder fazer vai deixá-la mais bonita do que já é – disse Woods segurando as minhas mãos para evitar que eu abaixasse o espelho e conferisse o meu rosto mais uma vez.

– Eu sei que estou sendo boba. Sinto muito. É só que... eu ainda não conheci a família de Nile. As filhas dele... são minhas irmãs...

– E elas estão prestes a descobrir que têm a mais linda, talentosa, doce e brilhante irmã mais velha do mundo. Relaxa. Respire fundo e saiba que você é incrível e que eles têm sorte de estarem no mesmo ambiente que você.

Woods era capaz de dizer as coisas mais fofas do mundo.

– Eu realmente queria beijar você agora, mas isso só vai nos atrasar.

Ele riu e parou o carro no estacionamento do clube. Iríamos nos encontrar com Nile e a família para jantar.

– Sem problema. Eu me atraso com prazer se quiser botar esses seus lábios carnudos nos meus.

– Guarde para mais tarde – disse no instante em que Bradley abriu a porta do carro. Gostei de ver que ele ainda estava lá. Eu o havia contratado como manobrista um mês antes.

– Boa noite, Srta. Sloane. Está muito bonita hoje – comentou ele com um brilho nos olhos.

– Ela sempre está bonita. Cai fora – respondeu Woods ríspidamente, pegando a minha mão e a enfiando embaixo do braço dele.

– Você deixou aquele pobre rapaz apavorado – repreendi-o.

– Que bom.

Não discuti. Segui-o até o clube, tentando não sorrir feito uma idiota.

– Sr. Kerrington, por aqui, por favor. Os seus convidados já chegaram – anunciou Jimmy quando entramos no restaurante.

Jimmy piscou para mim antes de nos levar até a área formal, reservada para convidados especiais e eventos. Woods queria que tivéssemos privacidade.

Nile se levantou quando nos aproximamos. Woods apertou a minha mão para me tranquilizar.

– Olá, Nile – cumprimentei-o, virando-me então para Woods. – Woods, este é Nile Andrews. Nile, este é Woods Kerrington.

Woods e Nile apertaram as mãos e ouvi Nile agradecendo pelas acomodações, que eu não tinha dúvida que deviam ser extremamente impressionantes, conhecendo Woods. Olhei para as três meninas sentadas à mesa, me examinando. Cada uma tinha uma expressão diferente, que ia do nervosismo à curiosidade.

– Della, quero que você conheça Jillian, minha mulher.

Jillian era alta e magra, com cabelos longos e ruivos. Tinha a pele cor de marfim e os olhos castanhos.

– É um prazer, Della. Nile me contou sobre a sua visita. As meninas e eu estamos ansiosas para conhecê-la.

Ela tinha olhos gentis. As maçãs do rosto altas e a excelente estrutura óssea me fizeram pensar em uma mulher rica, de elite, mas Jillian era muito simples e simpática. Era o tipo de mulher com quem imaginei que Nile se casaria. Não conseguia imaginá-lo com Glenda. Eles não tinham nada a ver um com o outro.

– Que bom que puderam vir – comentei, olhando para as meninas mais uma vez. As três tinham a mesma cor de olhos e cabelos da mãe.

– Della, estas são Jasmine, Jocelyn e July. Garotas, esta é a irmã de vocês, Della. – Nile me apresentou, parado à minha esquerda.

Eu não esperava que ele fosse me chamar de irmã delas. Isso foi surpreendente. Também não sabia direito como me sentia em relação a isso.

– É um prazer conhecer vocês três.

– Adorei o seu vestido. É Marc Jacobs? Juro que vi um da nova linha do Marc Jacobs igualzinho a este.

– Você tem os olhos do papai. Eu sempre quis ter os olhos do papai.

– Você mora em uma casa na praia?

Quando as três começaram a falar ao mesmo tempo, fiquei um pouco zozza, mas gostei que elas quisessem conversar comigo. Comecei com Jasmine.

– Não faço ideia de quem seja Marc Jacobs. Comprei este vestido em uma tarde de compras com a minha melhor amiga em um brechó em Atlanta.

Percebi o fascínio na expressão dela diante da ideia de que eu havia comprado em um brechó.

– Eu realmente tenho os olhos do seu pai. Foi uma surpresa agradável, mas os seus olhos

também são muito bonitos. E você tem o cabelo incrível da mãe de vocês.

Jocelyn corou e eu me perguntei se ela era a tímida.

– E, sim, moramos em uma casa bem próxima à praia. É um lugar maravilhoso de se viver – contei a July.

– Você sempre compra em brechós? Eu sempre me perguntei como eles são por dentro.

– Eu sei tocar piano. Você toca piano?

– Você sabe surfar? Eu sempre quis surfar.

Mais uma vez, as três me fizeram perguntas ao mesmo tempo.

– Meninas, deixem a Della sentar e respirar. Vocês terão muito tempo para enchê-la de perguntas, mas não a assustem ainda – disse Jillian antes que eu tivesse a chance de responder às questões delas.

Woods puxou a minha cadeira e se sentou ao meu lado. Eu estava à frente de Jillian e ela, ao lado de Nile. July estava à minha direita. Jimmy apareceu e pôs um guardanapo no meu colo.

– Chá gelado, Srta. Sloane – disse ele, deixando o copo na minha frente.

Pude ver o brilho impressionado nos olhos de Nile ao ver Jimmy servir as nossas bebidas e entradas sem que tivéssemos pedido.

– Obrigada, Jimmy – respondi.

Ele me lançou um sorriso rápido antes de deixar o salão.

– Nossa, como ele é lindo. E ele piscou para mim – sussurrou Jasmine para mim do outro lado da mesa.

Segurei um sorriso. Jimmy era lindo e sabia como deixar mulheres de todas as idades babando por ele. E enquanto elas ficavam de olho nele, ele ficava de olho nos homens delas. Em mais de uma ocasião, eu o flagrei avaliando o bumbum de Woods.

– Jasmine, por favor – repreendeu Nile, franzindo a testa para ela.

– Desculpe.

– July me chutou. Eu estava pedindo para ela me passar o pão e ela me chutou – reclamou Jocelyn, cruzando os braços no peito.

– Muito bem, meninas. Agora chega – disse Jillian, olhando para mim como que pedindo desculpas. – Elas passaram o dia todo no carro e agora estão superempolgadas por conhecer você.

– Eu estou fascinada. É a primeira vez que convivo com meninas mais jovens assim. Ou... irmãs. É muito divertido.

A risada de Jillian me lembrou sininhos tocando.

– Talvez você não esteja mais se sentindo assim até o final do jantar.

Woods deslizou a mão pela minha perna e pousou-a na minha coxa. Eu havia estado com Nile pela primeira vez sozinha, mas era bom ter o Woods ao meu lado agora.

– Convidei Nile para jogar uma partida de golfe amanhã de manhã comigo, se você não se

importa.

Gostei da ideia de ele conhecer Nile melhor.

– É claro. Acho ótimo – garanti, sorrindo para Nile.

– Vocês são casados? – perguntou uma das meninas.

Olhei para elas e vi Jocelyn cutucando July.

– Ela não tem aliança. Não pergunte isso – sibilou Jocelyn.

– Não, não somos. Mas tudo bem ela perguntar – respondi, sem conseguir parar de sorrir para elas. Aquela briga constante fez com que eu tivesse vontade de ter tido uma irmã.

– Por que não? Você mora com ele, não mora? – perguntou July.

– July! – Foi Jillian quem chamou a sua atenção desta vez.

– Tudo bem, de verdade. Eu quero que elas me façam perguntas. Eu moro com ele, sim, July. Ele é meu namorado.

– A mamãe e o papai moraram juntos por dois anos antes de se casarem – revelou Jasmine do outro lado da mesa.

Vi marcas vermelhas aparecerem no rosto de Jillian, mas ela apenas riu e sacudiu a cabeça.

– Vocês precisam parar de escutar conversas de adultos. Juro por Deus, sabem mais do que deveriam – comentou Jillian, tentando disfarçar a vontade de rir.

– Isso quer dizer que vocês dois vão se casar também? – perguntou July.

Elas realmente não iam desistir da história do casamento.

– Talvez eu me case um dia. Agora eu não sei.

– Que tal se perguntarem a Della coisas que não tenham a ver com os relacionamentos pessoais dela? – indagou Nile com uma voz séria. Em resposta, as três meninas assentiram com uma expressão de derrota.

– Eu tenho namorado. Podemos falar sobre ele? – perguntou July.

– Eu adoraria saber sobre ele – respondi.

Ela ficou felicíssima, enquanto Jasmine suspirava do outro lado da mesa.

– Ai, Deus... Lá vamos nós – resmungou ela.

Woods

Della se abriu mais do que eu esperava para Nile e a família. A maior parte do tempo foi apenas para as filhas dele. As meninas gostaram dela. Assistir àquilo foi comovente. Della poderia ter tido uma vida normal. O pai dela era um homem bom.

Eu também observei Nile durante quase toda a noite. Era difícil deixar de notar a expressão de satisfação em seu rosto. Talvez ele nunca viesse a ser um pai para Della, mas eu tinha esperança de que ela criaria um relacionamento com a família dele. E ela precisava disso.

– O que você achou do Nile e da família dele? – perguntou Della assim que entramos em casa.

Durante todo o percurso de volta, ela ficou calada. E eu a deixei a sós com os seus pensamentos. Era muita coisa para processar.

– Acho que ele é um bom homem e um bom pai. As meninas são tranquilas e ficaram fascinadas com você.

Della sorriu enquanto tirava os sapatos de salto.

– Eu gostei delas. Uma é tão diferente da outra! Era como se elas formassem uma pessoa completa. Deve ser bom ter alguém ao seu lado o tempo todo. Saber que pode fazer comentários maldosos e até mesmo empurrar e bater que essa pessoa vai continuar amando você.

Fui até ela e a abracei por trás.

– Eu estou sempre do seu lado. Você pode me empurrar e me bater... caramba, você pode até me dar um tapa... mas eu ainda vou estar bem aqui, pronto para enfrentar o mundo com você.

Della se encostou em mim e passou os braços por cima dos meus.

– Sei disso. Quis dizer quando criança. Ter um irmão com quem contar sempre.

Eu entendi o que ela quis dizer e me partiu o coração pensar na menininha tão sozinha lidando com a mãe com problemas mentais.

– Você encontrou a Braden.

– Na verdade, Braden me encontrou. Mas você tem razão. Eu sempre pude contar com ela.

– Ela ama você quase tanto quanto eu amo.

Della riu.

– Não deixe que ela escute você dizer isso. Ela é ciumenta.

Imaginei o que Braden fará quando eu pedir Della em casamento. Será que vai me atormentar

para garantir que eu a tratarei como uma princesa? Não tenho dúvidas. Só não sei ao certo quando será a hora certa para pedi-la.

Amo Della e sei que ninguém jamais vai tirar o seu lugar no meu coração. Ela é a pessoa da minha vida. Mas casamento também significa um compromisso que me assusta. Eu estava pronto para fazer o pedido antes de ter sido abandonado. Agora sei com que rapidez ela é capaz de arrancar o mundo de debaixo dos meus pés. Será que eu conseguiria suportar esse tipo de dor se ela fosse minha mulher? Isso estava me deixando ainda mais vulnerável. Eu precisava de tempo para me acostumar a tê-la de volta. Uma Della que não acordava gritando e com quem eu não me preocupava o tempo todo.

– Eu amo você – disse ela.

– Eu amo mais – respondi. E estava falando sério. Era o que me impedia de pedi-la em casamento. Essa era a minha barreira. Eu a amava mais.

Uma batida na porta interrompeu os meus pensamentos.

– Quem poderia ser? – perguntou Della.

– Não sei. Vou atender.



Quando abri a porta, deparei com Jace andando de um lado para outro na minha varanda. Era problema com mulher. Olhei para Della, que me encarava da outra ponta do hall de entrada.

– Parece que o Jace está precisando conversar. Estaremos aqui fora se você precisar de mim – disse a ela.

Ela franziu a testa com ar preocupado, mas concordou.

– Tudo bem.

Fechei a porta para termos uma conversa particular. Jace ainda andava de um lado para outro.

– O que há de errado com a Bethy? – perguntei.

Eu sabia que essa seria a única coisa que o faria se comportar como um maluco. Finalmente ele parou e, desconfortável, enfiou as mãos nos bolsos.

– Ela... queria se casar. Tinha certeza disso, mas, do nada, começou a agir diferente e eu abandonei a história de casamento. Achei que fosse o motivo para ela estar meio estranha, mas Bethy só está piorando. Caramba, o que eu devo fazer? Eu não posso me casar se ela não estiver pronta. Como vou pedi-la em casamento assim? Não sei no que eu estava pensando. Só porque Rush e Blaire estão brincando de casinha não quer dizer que todos nós estejamos prontos.

Pelo tom frenético de Jace, eu ia ficar ali por um tempo. Sentei no balanço.

– Vai ver a Bethy se assustou com essa história de casamento, Jace. Talvez vocês dois só precisem de mais tempo juntos.

Jace soltou uma risada dura.

– É, eu pensei nisso também. Mas ela simplesmente... regrediu.

– Regrediu? – perguntei, tentando entender de que merda ele estava falando.

– Anda bebendo e querendo fazer festa o tempo todo. Raramente vê a Blaire, porque diz que fica triste. Ela quer o que a Blaire tem, mas diz que é algo raro demais para ela. Mas isso não faz sentido. Não podemos nos comparar com o que eles têm. Eu me envolvi em duas brigas de bar na última semana. *Doas* porras de brigas de bar. Eu não sou de brigar, caramba. Mas ela está me obrigando a afastar o traseiro bêbado dela de homens que querem tocá-la.

Pensei em Della brincando com Nate no outro dia e no quanto ela havia sido doce. Mas ela não pediu pela mesma coisa nenhuma vez. Ela nunca me pressionou por mais. Eu não sabia ao certo o que faria se Della pressionasse. Eu provavelmente daria a ela.

– Você quer a Bethy? Para sempre? É com ela que você se vê passando o resto da vida?

– Eu queria. Antes de tudo isso. Achava que estávamos prontos. Mas agora ela mudou. Bethy está agindo como... antes. Quando tudo o que eu queria era comê-la porque ela era boa de cama. Eu era viciado em fazer sexo com ela. Então ela me enfrentou e traçou uma linha na areia e eu a atravessei feito um louco porque me dei conta, com todo aquele sexo, que eu havia começado a gostar dela. Eu queria mais do que só sexo.

Todo mundo já conhecia a história, embora ninguém esperasse que aquilo fosse durar. Jace era um filho da elite e a família de Bethy morava em um trailer. Os dois não pareciam combinar... até que combinaram.

– Ela pode estar traçando a linha na areia de novo. Obrigando você a escolhê-la.

Jace caminhou e sentou-se em um banco, apoiando a cabeça nas mãos.

– Se fosse isso, simplesmente a pediria em casamento, mas não é tão simples. Eu a amo, mas acho que ela está escondendo alguma coisa. Eu tento ignorar, mas há vezes, raras vezes, em que ela se afasta de mim. Não consigo identificar o que é. Não consigo descobrir um motivo. Ela simplesmente se afasta e, quando volta no dia seguinte, ou alguns dias depois, é a minha Bethy de novo. Eu só... ela precisa me contar tudo. Ela precisa me explicar o que a atormenta e por que diabos ela acha que não tem problema ir a um bar vestida como a fantasia sexual de qualquer caubói. Estou cansado de entrar em brigas com caras maiores do que eu.

Della nunca fazia nada disso. Eu não conseguia me colocar no lugar dele e agora tinha certeza de que ele não devia pedi-la em casamento porque os dois ainda tinham coisas a resolver.

– Vocês dois precisam conversar.

Jace passou a mão pelos cabelos e suspirou.

– Eu sei disso. Toda vez que tento falar com ela, Bethy começa a beber. Quando me dou conta, ela está dançando em algum bar. Quando começa a ficar sóbria, diz que gostaria de ser o suficiente para mim e que gostaria de ser alguém que eu pudesse amar para sempre. Ela precisa me dizer por que está se afastando de mim às vezes. Ou começa a chorar ou começa a chupar o meu pau. As duas coisas me distraem completamente.

Eu achava que Jace e Bethy estavam bem. Eles eram bons. Estavam sempre juntos. Eu não imaginava que houvesse qualquer problema entre os dois. Bethy estava sempre tão feliz e contente. A mulher que ele descrevia não era alguém que eu conhecia.

– Eu a amo e vou fazer o que for preciso para resolver isso, porque não posso perdê-la. Ela é a melhor coisa que aconteceu comigo. Todos os meus relacionamentos anteriores nem se comparam a esse. Se ela quiser se casar, eu a peço em casamento. Eu queria esperar, mas não acho que ela algum dia vá me dizer por que se afasta às vezes. Talvez, se fôssemos casados, ela não fizesse isso. Se eu puser uma aliança no dedo de Bethy, talvez ela pare de fazer festa e ficar bêbada.

A única coisa que Jace disse que chegava perto de ser um motivo para se casar com Bethy era o fato de que ele a amava e que ela era a melhor coisa que havia acontecido a ele. As outras coisas não faziam sentido.

– Acho que você precisa conversar com ela sóbria, primeiro. Tranque-a em um quarto e converse com ela. Não a peça em casamento apenas porque ela está forçando a mão com essa merda de ficar bêbada. Casamento não tem nada a ver com isso.

Jace olhou para a porta da minha casa.

– E a Della? Você quer se casar com ela?

Sim, eu queria ficar com ela para sempre.

– Um dia, mas ela não está me pressionando. Quando for a hora.

Jace assentiu com a cabeça.

– É, era o que eu pensava. Mas Bethy parece ameaçada por essa ideia. – Ele se levantou. – Obrigado por me escutar. Eu precisava desabafar com alguém. Não podia voltar para o apartamento e falar com Bethy depois desta noite. Eu só precisava conversar.

– Você é o meu melhor amigo. Estou sempre aqui para conversar caso precise de mim. Além disso, você me ajudou muito quando Della me deixou.

Jace riu.

– Foi mais o Rush. Eu fiquei com medo de você. Cara, você estava fora de controle.

– Rush foi o único forte o bastante para me segurar, mas você me escutou e me manteve são enquanto ela não estava aqui.

– Você é minha família.

E ele era a minha.

Della

—*N*ana nenê, do meu coração...

A voz da mamãe soava aguda e desafinada enquanto eu espiava para dentro do quarto dela. Ela estava em uma cadeira de balanço com uma boneca, que eu não tinha permissão para tocar, enroladinha em um cobertor. Ela cantava para a boneca sempre que ficava triste.

— *Sim, ele é um bom menino, dormindo para a mamãe.*

Ela ninava a boneca e tocava o seu rosto de plástico carinhosamente, como se fosse um bebê de verdade. Durante muito tempo, eu achei que fosse um bebê de verdade. Mas a boneca não fazia barulho e minha mãe a deixava esquecida no berço por dias seguidos.

Então cometi o erro de pegar o “bebê” e niná-lo também. Mamãe ficou muito chateada comigo. Passei três dias sem comida, trancada no meu quarto.

— *Bebezinho bonitinho, mamãe vai comprar uns brinquedinhos.*

Ela estava cantando uma nova música, com uma letra inventada. De repente, ela atirava a boneca do outro lado do quarto.

— *Criança do demônio! – gritava, batendo os pés no chão. Corri até o meu quarto o mais rápido que pude e rezei para que ela não viesse atrás de mim.*

— Della?

A voz de Woods interrompeu o meu sonho. Ainda acordando, olhei para o rosto preocupado dele.

— Você está bem? Estava ofegante.

Só isso? Sorri. Eu estava bem. Eu podia viver com as lembranças. Se o terror não viesse com elas.

— Estou ótima – garanti, aninhando-me nele. – Era apenas um sonho.

Woods acariciou o meu braço com as pontas dos dedos.

— Quer falar sobre isso? Talvez pare de sonhar, se me contar.

Não respondi, pensativa. Eu vinha dizendo não às pessoas durante anos, porque pensar no assunto me levava para a escuridão. Mas eu estava melhor agora. E se eu contasse a ele os meus sonhos? E se isso realmente ajudasse?

— Tudo bem – disse, sem olhar para ele.

Mantive os olhos fixos no peito de Woods. Eu não tinha medo das lembranças agora. Só não sabia ao certo como iria me abrir para ele tão completamente. Isso faria com que eu me sentisse mais vulnerável do que jamais havia me sentido. Ele conheceria os meus piores pesadelos, algo que ninguém sabia.

Estava na hora.

Woods me apertou e eu me concentrei no calor de seus braços. Eu estava segura. Contar a ele era seguro.

– Ela estava embalando uma boneca. Ela costumava fazer isso quando estava em seus períodos sombrios. Brincava com ela e inventava canções de ninar. Eu sabia, mesmo aos 5 anos, que era errado cantar para uma boneca de plástico. Eu apenas a observava. Ela nunca me ninou, então vê-la com a boneca me deixava confusa. E por que ela ninava uma boneca se a tratava por “ele”? Nunca o chamava pelo nome. Apenas de “bebezinho” e “menininho”. Não fazia sentido, considerando que o meu irmão foi adotado já crescido.

Parei por um instante e pensei em olhar para Woods para ver o que ele pensava, mas tinha mais coisas a dizer e não queria ver os olhos dele e as suas reações.

– Quando descobria que eu a espionava, gritava comigo e muitas vezes batia em mim. Ela me dizia para ficar quieta, porque o bebê estava dormindo. Ou para ir preparar alguma coisa para o meu irmão comer e garantir que ele comesse. Eu odiava fazer comida para o meu irmão. Eu sabia que ele jamais comeria nada e que a comida ficaria velha e podre até ela finalmente desistir e jogar fora. O cheiro de comida podre permeava nossa casa. Eu odiava aquele cheiro.

Fiquei deitada nos braços de Woods. Sabia que o que eu estava contando a ele era perturbador. Sabia que iria incomodá-lo, mas isso me ajudava. Ele tinha razão. Falar sobre o que eu havia vivido com alguém que me amava, não apenas um psiquiatra, ajudava.

– Em algum momento, enquanto ninava a boneca, ela acabava se dando conta de que era de plástico. Eu nunca sabia o que via nesse instante, mas ela começava a gritar *criança do demônio* e atirava a boneca do outro lado do quarto, como se estivesse pegando fogo. Então arranhava a si mesma e puxava os próprios cabelos. Dizia à boneca que sentia muito por tê-lo deixado ir até a loja. Ela sentia muito por não tê-lo mantido em segurança. Mas daí apontava e gritava, como se fosse o demônio de novo. Eu normalmente não assistia a esta parte, exceto por uma vez. Eu ficava apavorada quando ela começava a gritar. Por isso, voltava correndo para o meu quarto e fechava a porta. Era com isso que eu estava sonhando esta noite. Um desses momentos.

Woods soltou uma expiração longa e trêmula.

– Merda – sussurrou ele, pressionando o rosto contra a minha cabeça.

Ele não disse mais nada. Apenas me abraçou. Era o que eu mais precisava.

A sensação foi diferente da que eu imaginei que seria. Sempre pensei que mostrar a alguém o que havia dentro de mim, o que foi a minha vida, iria me expor de uma forma que tornasse impossível me amar. Mas eu não me senti assim nos braços de Woods. Ele me abraçou apertado

e beijou a minha cabeça. Nenhuma outra palavra foi necessária.

Meus olhos fecharam e eu relaxei nos braços dele. Eu sempre me sentira segura com Woods. Isso não era novidade. Mas agora... agora eu sentia como se tivesse encontrado a minha âncora.

Durante a minha vida toda eu me agarrei a qualquer coisa que eu achasse que pudesse me manter parada e me impedisse de afundar. Eu havia me prendido a Braden durante anos, esperando que tê-la fosse me lembrar de que eu era normal. Embora ela me amasse, Braden nunca fizera com que eu me sentisse completamente segura. Ela não conseguia me dar o apoio de que eu precisava. E eu achava que ninguém nunca conseguiria me dar isso. Agora vejo que estava errada. Sentindo o abraço de Woods, e a batida do seu coração em meu peito, eu sabia que iria me manter firme. Se eu eventualmente caísse, ele me seguraria.

Woods

Eu havia tomado três xícaras de café naquela manhã a fim de me preparar para o jogo de golfe que tinha marcado com Nile. Depois que, na noite anterior, Della contou o seu sonho e dividiu as suas lembranças, não consegui mais dormir. Quis abraçá-la e vigiar o seu sono. A ideia de ela ter outro sonho como aquele e eu não poder interrompê-lo me assustava.

Eu não imaginava como tinha sido terrível a vida de Della. Ela se preocupava que não era forte o bastante, mas não via o quão incrível era apenas por conseguir viver normalmente depois daquilo tudo. Outras pessoas teriam desmoronado. Della conseguia rir, fazer amigos, aproveitar a vida, me fazia sorrir e completava o meu mundo. Ela era a pessoa mais forte que eu conhecia.

– Desculpe o atraso. As meninas acordaram cedo e eu estava preparando o café da manhã delas, para que a Jillian pudesse dormir até mais tarde – explicou Nile, interrompendo os meus pensamentos.

Com os seus cabelos escuros e olhos azuis, ele era muito parecido com Della. Era difícil encará-lo. Não havia dúvidas de que aquele homem era o pai dela.

– Sem problemas. Cheguei aqui há pouco – garanti. – Quer um caddy?

Eu nunca usava um, mas a maioria dos membros, sim.

Nile olhou para o carrinho que eu já havia separado com os meus tacos e um conjunto de tacos do clube. Ele mencionara na noite anterior que não havia trazido os dele.

– Acho que prefiro que sejamos apenas nós – respondeu com um sorriso.

Eu já imaginava que ele gostaria de conversar sobre Della. Por isso mesmo não tinha um caddy à espera.

– Tudo bem, então estamos prontos para ir. Tenho água no cooler, mas se você quiser algo mais, haverá um carrinho no terceiro buraco. Podemos pegar algo dele, se preferir.

– Água está ótimo. É cedo demais para qualquer outra coisa.

Dirigi até o primeiro buraco.

– Della está ansiosa para encontrar as meninas e a sua esposa na praia hoje.

Elas haviam planejado um dia na praia. Nile se juntaria a elas depois do nosso jogo. Eu ia trabalhar e dar a Della algum tempo a sós com eles.

– As meninas mal podem esperar para ver Della de novo. Gostaram dela de verdade. Jillian a adorou também.

Parei o carrinho.

– É difícil não gostar de Della – comentei antes de descer.

– É verdade. Ela se parece muito com a mãe... hã, com a Glenda, nesse sentido.

Eu não havia conhecido Glenda ainda, mas queria. Della se parecia com o pai biológico, mas não tinha a personalidade dele.

Nile tirou o taco da sacola.

– Della parece feliz aqui.

– E é – respondi.

Ele não seguiu para dar a tacada. Ficou me examinando em vez disso.

– Você não a pediu em casamento. Ontem à noite, quando as meninas a questionaram, não pude deixar de notar que ela não parece considerar que um casamento esteja em seu futuro próximo.

Não era a conversa que eu esperava ter com ele naquele dia.

Tirei meu taco da sacola e tentei não me irritar com a indireta.

– Nós ainda não conversamos sobre casamento.

– Entendo.

Que merda ele quis dizer com “entendo”? Eu ia me casar com Della.

– Vou ser direto com você, Woods. Você é um bom homem e tem um futuro brilhante. Quando a mulher com quem você quer se casar entrar na sua vida, você vai saber e vai querer se casar com ela. Então, vendo que ainda não está pensando em casamento com Della, eu sei, como homem, que você não tem tanta certeza de que ela é a pessoa certa para você. Eu ia esperar, mas decidi convidar Della para se mudar para Phoenix e morar conosco. Jillian concorda com a ideia. Passamos a maior parte da noite conversando sobre isso. Temos um quarto extra e Della pode fazer faculdade por lá. Ela tem apenas 20 anos. Precisa de uma família perto dela e...

Eu ouvia o que Nile dizia, mas tinha a sensação de que saíra momentaneamente do meu corpo e assistia à conversa de fora. Aquilo não era real. Não podia ser real. Aquele homem não estava sugerindo tirar Della de mim. Sacudi a cabeça antes de ele terminar de falar.

– Não. – Foi tudo o que consegui dizer. Ele havia me encurralado. Eu não esperava por isso.

– Não? – perguntou ele, como se não compreendesse a palavra.

– Não – repeti. – Você não vai levar a Della de mim. Eu vou atrás dela. Aonde quer que ela vá, eu irei atrás dela. Ela é minha e não vai para Phoenix. Ela vai ficar e eu vou me casar com ela. Não, eu ainda não a pedi em casamento, mas pretendo. Ela acabou de voltar para mim e finalmente está encarando os horrores do passado dela e deixando que eu a ajude a se curar. Ela não vai a lugar algum.

Nile me observou por um instante e os seus lábios se abriram em um sorriso.

– Era o que eu queria ouvir.

Ele então se virou e foi até a bola, como se a conversa tivesse terminado. A conversa não

estava encerrada. Só estaria quando ele promettesse que não iria convidar Della para se mudar para Phoenix.

– O que isso quer dizer? – perguntei.

Nile olhou para mim por cima do ombro.

– Você demonstrou paixão e determinação para ficar com ela. Você a quer para sempre. Eu queria ter certeza disso. Agora só preciso ter certeza de que ela quer a mesma coisa.

– Você quer dizer que mentiu para mim para me fazer admitir que vou me casar com ela?

Não sabia direito se ainda gostava daquele homem.

– Não. Eu estava falando muito sério. Se Della quiser se mudar para Phoenix conosco, ela será bem-vinda. Vou gastar cada centavo que tenho compensando o fato de que eu era um garoto quando ela nasceu e não sabia de nada. Vou dar a ela uma família e garantir que se sinta amada. Mas eu precisava saber que, se a deixar aqui, ela terá alguém que a ame com a paixão necessária para durar para sempre.

Espere... ele ainda ia convidá-la para se mudar para Phoenix?

– Della não é apenas minha. Eu pertenco a ela.

Nile assentiu.

– Que bom. Se ela sentir da mesma forma, não vai aceitar o meu convite para se mudar para Phoenix. Se for o caso, eu saberei que ela tem um futuro feliz pela frente. Também vou esperar um convite para o casamento.

– Ela não vai me deixar – declarei com veemência.

– Vamos ver... não é? – disse ele, voltando-se para a sua tacada.

Della

Jasmine podia ser pouco menos de dois minutos mais velha do que Jocelyn, mas parecia ter vários anos a mais do que as irmãs. Ela se deitou sobre uma toalha como se fosse uma adolescente e conversou comigo sobre roupas de grife, que eu desconhecia completamente, mas me esforcei para acompanhar.

Jocelyn e July pediram que eu construísse um castelo de areia com elas. Depois, brincamos nas ondas até uma alga se enroscar na perna de July e fazer com que ela saísse gritando para a areia.

Jillian e eu conversávamos quando as meninas nos davam alguma chance, mas eu preferia brincar com elas. Elas eram tão cheias de vida. Nile era um bom pai.

– Você vai morar com a gente? Eu ouvi o papai conversando com a mamãe sobre isso ontem à noite. Eles achavam que eu estava dormindo – falou Jasmine, olhando atentamente para mim.

Eu não estava preparada para essa pergunta. Ela havia esperado a mãe se levantar para levar July ao banheiro. Não conseguia imaginar por que Nile sequer pensaria em me convidar para ir morar com eles. Eu era feliz aqui.

– Eu tenho um lar aqui – disse a ela.

– Eu sei, mas o papai disse que você não está noiva e não parece que vá ficar. Ele pensou que você pode ir morar conosco e ir para a faculdade. Nós poderíamos ser a sua família.

Eu tinha certeza de que Nile nunca pretendeu que eu soubesse dessa conversa.

– Não acho que devamos falar sobre isso. Se o seu pai quiser que eu saiba disso, vai falar comigo a respeito.

Jasmine revirou os olhos.

– Ele vai falar, acredite em mim.

Essa menina tinha 9 anos mesmo? Ela agia como se tivesse 15.

– Lá vem o papai – disse ela com um sorriso no rosto.

Olhei para trás e vi Nile vindo na nossa direção usando um short xadrez azul e amarelo e uma camisa polo branca. Parecia ter acabado de sair do campo de golfe.

– Papai!

Jocelyn deu um gritinho, largou uma das suas tentativas de castelo de areia e foi correndo na direção do pai. Ele se abaixou, pegou-a no colo e a abraçou. Então fingiu ficar bravo por ela

sujá-lo de areia. Foi fofo.

– Ei, papai, quantos pontos você fez?

– Setenta e nove. Estou enferrujado. Woods fez setenta. Foi impressionante.

Gostei que eles tivessem passado algum tempo juntos. Nile e a família iriam embora no dia seguinte. Eu não sabia se, ou quando, os veria novamente.

– Como vocês se saíram aqui na praia? – perguntou ele, sentando ao meu lado.

– Com exceção da hora em que July enroscou a perna em uma alga, acho que nos saímos muito bem.

Jasmine riu.

– Foi o máximo.

Nile olhou para ela e sorriu.

– Posso só imaginar. Onde estão Jillian e July?

– No banheiro – expliquei.

Ficamos ali sentados por alguns minutos e não falamos muito. De vez em quando, Jocelyn nos chamava para ver o seu castelo de areia, mas, além disso, ficamos todos em silêncio.

Depois de alguns minutos, Jasmine e July voltaram. July se atirou no colo de Nile e contou cada segundo de tudo o que ele havia perdido. Ele a escutou como se ouvisse a história mais fascinante do mundo. E ela, por sua vez, tinha certeza de que o pai queria escutá-la. Ele estava interessado no que ela tinha a dizer.

– Meninas, vamos molhar os pés e deixar o papai conversar com a Della por alguns minutos?

– pediu Jillian, levantando-se e estendendo a mão para July.

Jasmine me deu um olhar de “eu avisei” antes de se levantar e acompanhar a mãe e as irmãs até a água.

– Vamos dar uma caminhada? – sugeri Nile, levantando-se e estendendo a mão para me ajudar a levantar. Eu não precisava da ajuda dele, mas aceitei o cavalheirismo.

– Della, conversei seriamente com Jillian ontem à noite e queríamos saber se você gostaria de se mudar para Phoenix. Temos um quarto extra em cima da edícula. Isso lhe daria privacidade e você teria uma entrada separada para a casa. Você poderia ir à faculdade e, assim, nos conheceríamos melhor. As meninas adoraram você. Todos queremos que vá morar conosco, embora eu saiba que você tem uma vida aqui.

– Della!

A voz de Woods interrompeu a oferta surpreendente de Nile. O que ele estava fazendo aqui?

– Puxa, quem diria... – comentou Nile ao meu lado, com um tom divertido na voz.

– Woods? Aconteceu alguma coisa?

– Não me deixe – pediu ele, agarrando os meus braços e respirando fundo, como se tivesse corrido alguns quilômetros.

– Do que você está falando? Eu não vou deixar você.

Ele olhou para Nile e se virou para mim com uma expressão de determinação.

– Eu amo você. Você é a mulher da minha vida. Minha jogada vencedora. Não me deixe.

Será que Nile contou a Woods que ia me convidar para morar com a família dele? Se foi o caso, por que Woods sequer pensaria que eu fosse aceitar? Será que eu o havia deixado tão inseguro em relação a nós? Claro que sim. Eu fugi e o deixei com nada além de uma carta. Estendi a mão, segurei o rosto de Woods e olhei bem no fundo dos seus olhos. Precisava que ele me escutasse.

– Eu não vou deixar você. Nunca. Você vai ter que me obrigar a ir embora e, mesmo assim, eu pretendo lutar contra isso. Eu vou me algar a você e me recusar a me mexer. Nada vai me fazer ir embora. Nada. – Passei os dedos pelo rosto dele. Era realmente injusto o quanto ele era perfeito.

– Ele vai convidar você para ir para Phoenix...

– Eu sei. Ele acabou de me convidar. Isso não quer dizer que eu vá – respondi, sorrindo para o seu lindo rosto perturbado.

– Então você não vai me deixar?

Sacudi a cabeça, tirei as mãos do rosto dele e me virei para Nile.

– O fato de você, Jillian e as meninas estarem dispostos a me aceitar na família de vocês com tanta facilidade é incrível. Estou emocionada. E quero conhecê-los melhor, mas não vou embora de Rosemary. Não vou deixar Woods. Ele é a minha família. As pessoas daqui são a minha família. Eu não preciso de outra. Eu tenho o que preciso aqui.

Nile não pareceu ficar magoado nem prestes a discutir. Em vez disso, pude ver uma expressão satisfeita iluminar o seu rosto.

– Por mais que eu queira que você vá morar conosco e nos dê uma chance de nos tornarmos uma família, fico grato que tenha alguém que a ame desse jeito – disse ele, acenando com a cabeça na direção de Woods. – Posso confiar que ele vai cuidar de você e tenho certeza que você ficará bem. Eu não cuidei de você quando você precisava. Agora que a encontrei, quero que seja feliz. E acredito que este homem pode lhe proporcionar isso.

Woods me puxou para ele.

– Ele pode. Pode fazer isso e muito mais – respondi.

Woods

Estávamos no luau organizado pelos funcionários na praia para comemorar o fim do verão. Os dois últimos meses foram perfeitos. Della vinha compartilhando cada vez mais do passado dela comigo e os seus sonhos estavam começando a parar completamente. Ela me acordou no meio da noite na semana retrasada para me dizer que tinha sonhado conosco. Estávamos transando em cima da mesa da cozinha. Ela ficou tão empolgada por ter um sonho sem os horrores do passado que estava pronta para executá-lo na vida real.

Foi uma boa forma de acordar.

Della segurava Nate no colo e dançava com ele a música que saía pelos alto-falantes, enquanto Rush e Blaire assistiam a tudo, aconchegados na areia. Della estava linda. Queria vê-la dançando e rindo com o nosso bebê. Queria que ela tivesse um filho para amar de uma forma que ela nunca havia amado. Queria saber que havíamos criado algo do amor que nos unia tanto.

– Ela está feliz – comentou Jace.

– Ela é perfeita – respondi.

Jace riu e me deu um tapa nas costas.

– Vá em frente. Você sabe que quer fazer isso. Ponha uma aliança no dedo dela.

– Estou planejando isso, mas precisa ser especial.

Jace suspirou.

– É, eu também estou planejando. Bethy e eu tivemos um verão difícil, mas as coisas estão melhorando. Ela parou de fugir para bares. Acho que só teve um período sombrio. Ela voltou a andar com Blaire e Della. Isso ajuda.

Era bom ouvir aquilo depois da conversa que tivemos, dois meses atrás.

– Que bom. Fico feliz que vocês dois estejam se resolvendo.

– Ah, merda. Aquela é a Nan? – perguntou Jace. – Achei que ela tivesse ido passar o verão em Paris. Ver Nan vai fazer Grant pirar de novo.

Grant não viria para a festa. Ele estava fora da cidade. Isso acontecia muito ultimamente. Ele ficava uns dois dias e ia embora de novo. Eu só estava feliz que ele não estivesse perdendo tempo com Nan.

– Não se preocupe. Grant seguiu em frente. Se a Nan estiver de volta, ele vai ficar bem. Ela foi um grande erro e ele sabe disso agora.

Jace soltou um assovio baixo.

– Ela veio com o August Schweep. Ela o trouxe de Paris?

– Não. August é o nosso novo instrutor de golfe. Precisávamos de mais um além do Marco.

Quando August se machucou, sua carreira profissional acabou. Como quer se aposentar aqui, ele comprou a casa Spencer e está trabalhando para mim agora.

– Parece que a Nan está dando em cima dele.

– Ótimo. Pelo menos não é o Grant.

Jace riu.

– Concordo.

Eu ia pegar Della e levá-la para uma caminhada. A praia escura era ótima para ficar a sós com ela. Ao me virar, no entanto, vi Bethy correndo na direção das ondas. Ela sabia que não devia fazer isso. A bandeira estava vermelha. Estivera assim a semana inteira, devido ao perigo das correntes. Além disso, o golfo permanecia em um imenso breu. Não se deve nadar nessas condições.

– Jace, cara, o que a Bethy está fazendo? – perguntei, com medo de desviar os olhos dela.

– Ela estava bebendo *shots* de tequila mais cedo, mas eu a fiz parar. Ela já havia bebido demais... merda!

– Ela está indo para o fundo – falei, dando um passo na direção da água.

Jace saiu correndo para o mar. Segui logo atrás. Ouvi alguém gritando na multidão quando a cabeça de Bethy sumiu na água. Não, isso não podia estar acontecendo.

Jace mergulhou nas ondas. Tirei a camisa antes de mergulhar atrás dele. Não ia deixar o meu melhor amigo fazer isso sozinho. O grito gorgolejante de Bethy encheu o ar.

– Relaxa, gata! Relaxa. Não lute contra o mar. Por favor, não lute. Você não vai conseguir subir de novo – gritava Jace.

Eu o vi agarrá-la no exato instante em que foi puxado por uma corrente forte. Isso não estava acontecendo. Não.

– Salva ela, Woods! – berrou Jace acima do barulho da água.

– E você? Estenda a sua mão! – gritei.

– Não! Leva ela. Eu estou tranquilo. Rápido, a correnteza está forte!

Como eu poderia pegá-la e deixá-lo lá?

– Venha comigo, Jace! – exigi.

– Woods, me escuta... – A cabeça dele submergiu e ele voltou segurando uma Bethy em pânico nos braços. – Você precisa levá-la ou vamos todos morrer. Eu não vou deixar que ela se afogue!

Eu precisava fazer isso. Ele conseguiria se livrar da corrente.

Jace era forte e esperto. Nós fomos criados para saber lutar contra correntes do golfo. Peguei Bethy enquanto ela gritava o nome de Jace.

– Eu amo você – disse ele a Bethy antes de soltá-la. Ela gritava desesperada enquanto se agarrava aos meus braços.

– Não diga isso! – gritei para ele. – Você vai sair daqui. Não diga essa merda.

– Vai! – berrou ele, empurrando-a para longe dele e na minha direção.

Senti a corrente se aproximando. Se eu ficasse mais tempo, seria sugado também. Passei a mão ao redor do braço de Bethy e puxei-a para fora da corrente, então enfiei-a embaixo do braço e comecei a nadar de volta para a areia.

Rush veio nadando até nós e fiquei aliviado. Iria conseguir ajudar Jace.

– Deixa que eu a seguro – disse Rush.

– Vá buscá-lo – gritou ela quando Rush a tirou dos meus braços.

Não esperei por eles. Corri para ajudar Jace a sair da água.

Mas Jace não estava lá.

Olhei de novo para a areia para ver se ele havia conseguido sair, mas eu não o tinha visto. Voltei a minha atenção para as ondas escuras. Tudo o que encontrei foi o silêncio. Nada.

Ele estava bem ali. Eu acabei de vê-lo. Ele não desapareceu. Não aconteceu tão rápido assim.

Mergulhei e abri os meus olhos dentro da água salgada, mas tudo o que vi foi a escuridão. Eu precisava de luz. Agitei os braços ao meu redor, tentando sentir alguma coisa. Senti os pulmões começando a queimar. Batendo as pernas, saí para a superfície e respirei fundo. Ouvi o meu nome na margem. Estavam gritando por mim. Também ouvi o nome de Jace. Eu não podia voltar sem ele.

Mergulhei de novo. Precisava encontrar Jace. Eu não podia perdê-lo, não desse jeito. Não agora. Nós devíamos nos tornar velhinhos rabugentos juntos. Lutei contra o pânico que estava começando a se instalar a cada segundo sem que eu o encontrasse. Nadei embaixo d'água e lutei contra a força da corrente enquanto procurava por algum sinal dele. Qualquer coisa em que pudesse pôr as mãos.

Quando os meus pulmões não podiam mais suportar, voltei a nadar para a superfície, apenas para ser levado para baixo d'água de novo por uma onda antes que conseguisse respirar. Eu não iria desistir assim. Precisava encontrar Jace.

Dois braços me agarraram e me puxaram para a superfície enquanto eu arfava e tossia.

– Caramba, Woods. Qual é? Você vai se afogar assim. Ele se foi, cara. Ele se foi. Eu não vou deixar você se afogar também!

As palavras de Rush provocaram um choque no meu corpo. *Ele se foi? Não. Não! Ele não se foi.* Lutei contra os braços de Rush me segurando.

– Para com isso! Della está arrasada, chorando. Você quer deixá-la? É isso que você quer? Deixá-la desse jeito?

Della. Ah, meu Deus. Della. Eu não podia deixá-la. Mas eu havia perdido o Jace. Eu havia

perdido o Jace.

Rush nos tirou das ondas e me soltou quando os meus pés pisaram na areia. Ficamos ali parados nos encarando, quase sem ar. Sabíamos o que havia acontecido e o que iríamos enfrentar. Eu também não estaria mais ali se Rush não tivesse ido atrás de mim.

Della teria me perdido.

Eu a vi se levantando da areia, onde ela estava ajoelhada, com o rosto vermelho encharcado de lágrimas. Tudo o que ela disse foi “Woods” antes de se atirar nos meus braços.

Entorpecido, ainda pude notar Blaire segurando uma Bethy histérica. Sirenes soavam a distância. A praia estava repleta de choro. Fiquei ali, parado, com Della agarrada a mim. Os soluços diminuíram, mas ela não me soltou.

Rush tirou o filho aos prantos do colo de Nan. Segurou o bebê próximo ao peito e, embora ele não estivesse chorando, a dor e a perda estavam estampadas nos seus olhos.

Eu... eu apenas me sentia vazio.

Della

Eu achava que conhecia o terror. Eu vi a minha mãe deitada em uma poça do próprio sangue. Isso era apenas medo. Ver Woods na água submergindo e não voltando à superfície: isso foi o terror absoluto. Nada se comparava àquilo. Nada.

Mas Jace não havia voltado. Meu peito doía tanto que eu não conseguia respirar fundo. Jace se foi. Eu vi tudo acontecer e os soluços desesperados de Bethy nos braços de Blaire só faziam com que a minha dor fosse ainda maior. Eu não conseguia imaginar aquilo. Podia ter sido eu, sabendo que o homem que eu amava não iria voltar para mim.

O corpo de Woods tremia e a realidade começou a se abater sobre mim. Tudo no que eu conseguira pensar fora na ideia de perdê-lo, mas ele estivera lá por um motivo. Ele tentou salvar o melhor amigo. Ele viu o melhor amigo ser sugado pelo mar, sem conseguir salvá-lo.

Abracei-o com mais força. Como ele iria sobreviver a isso?

Bethy continuava gritando e o corpo de Woods ficou rígido. Ele estava tão tenso que tremia.

– Tirem ela da minha frente, porra! – rugiu ele.

Dei um salto para trás, assustada com o ódio nas palavras dele. Seus olhos estavam furiosos, focados em alguém atrás de mim: Bethy.

O rosto de Blaire empalideceu e Bethy chorou ainda mais.

– Eu disse para tirar essa vagabunda egoísta da minha praia! *Agora!*

Engoli em seco e vi Bethy olhar para ele com os olhos arregalados e cheios de dor.

Rush estava atrás de Blaire, ajudando Bethy a se levantar. Ouvi ele cochichando que precisavam levar Bethy para outro lugar. Woods a estava culpando pelo que havia acontecido.

– Woods?

Eu estava quase com medo do homem na minha frente. Ele voltou o olhar para mim e os seus olhos tinham um vazio que eu não consegui alcançar.

– Ela o matou – disse ele simplesmente.

Talvez tivesse mesmo. Ela bebeu demais, entrou na água e quase se afogou. Jace morreu ao salvá-la.

– Ela o amava.

Woods sacudiu a cabeça.

– Não. Ela não o amava. Ninguém faz o que ela fez e chama isso de amor.

Vi Blaire levando Bethy até o calçadão. Os policiais iriam querer ouvi-la. Ela não poderia ir muito longe.

– Woods, ela também o perdeu. Todos nós o perdemos – disse Thad, mas com medo de se aproximar demais.

– Eu o perdi porque ele quis que eu salvasse aquela bêbada inútil. Eu fiz o que ele queria e o perdi.

A voz de Woods estava fria e impassível. Faróis iluminaram a praia com a chegada da ambulância e dos carros de polícia. Paramédicos lotaram a faixa de areia e várias das pessoas presentes à festa contavam o que haviam visto. Um paramédico se aproximou de Woods.

– Você foi uma das pessoas na água? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Woods.

– Nós precisamos examiná-lo.

– Não.

Vi o paramédico começar a discutir e me coloquei entre Woods e ele.

– Ele está bem. Se eu achar que precisa de cuidados médicos, serei a primeira a providenciar isso. Por favor, ele precisa ficar sozinho agora.

O homem olhou para Woods e então de novo para mim.

– Tudo bem.

– Eu não vou embora enquanto não o encontrarem – disse Woods.

Eu me virei e segurei a mão dele, que entrelaçou os dedos nos meus.

– Tudo bem. Vamos ficar bem aqui.

– Você vai ficar comigo? – perguntou ele.

– Não vou sair do seu lado.

– Obrigado.



Ficamos ali sentados pelas quatro horas seguintes. Rush trouxe um cobertor de uma das ambulâncias para evitar que Woods pegasse um resfriado, já que ele estava completamente encharcado. Ele não disse nada, apenas largou o cobertor sobre os seus ombros. Rush era o motivo pelo qual Woods não havia se afogado. Os dois viveram aquele pesadelo juntos.

Depois que a polícia ouviu Bethy, Darla a levou para o clube. Blaire pegou Nate e, depois de muita insistência de Rush, também foi para casa. A multidão havia diminuído. Helicópteros apontavam seus faróis para a água escura e barcos buscavam em vão.

Sem soltar a minha mão, Woods ficou sentado ao meu lado, com os olhos fixos na água, assistindo às buscas por Jace. Ele queria que o corpo fosse encontrado. Eu compreendia isso. Ele não queria deixar a praia enquanto não soubesse que Jace não estava lá sozinho.

Por fim, os helicópteros e os barcos se foram. Os paramédicos juntaram todos os equipamentos e partiram. Um policial tentou nos fazer ir, mas não quis discutir com o proprietário do country club Kerrington.

Mas não estávamos sozinhos. Rush ficou a distância, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. A certa altura, ele trocou de roupa. Também olhava melancolicamente para a água escura. Eu desejava que aquilo fosse um pesadelo do qual eu iria acordar, mas ele nunca acabava. À nossa esquerda, Thad estava sentado na areia com os braços ao redor das pernas e os joelhos dobrados, como um menininho perdido.

Todos estavam sofrendo.

E não havia nada que eu pudesse fazer. Nada que qualquer um pudesse fazer. O som do mar arrebatando na areia não era mais tranquilizador. Agora parecia uma provocação. Lembrando-nos que era mais forte. Que estava no controle.

Outra pessoa surgiu da escuridão: Grant, descendo correndo do calçadão. Eu nunca sabia se ele estava na cidade ou em algum outro lugar. Ele parou ao lado de Rush, que se virou para olhar para ele. Os dois ficaram ali parados por um instante, então Grant baixou a cabeça e caiu de joelhos.

Já era de manhã quando as equipes de buscas encontraram o corpo de Jace na praia, a um quilômetro e meio dali.

Woods

Embaixo da ducha, deixei que Della me lavasse. Ela lavou os meus cabelos e corpo de maneira metódica e cuidadosa. Não disse uma palavra nem fez qualquer pergunta. Apenas ficou ali, ao meu lado. E era exatamente o que eu precisava. Se ela me deixasse, eu tinha medo que a realidade se instalasse e eu não podia permitir isso. Doía demais.

– Você está limpo – disse Della baixinho, abrindo a porta e saindo do box. Pegou uma toalha e começou a me secar. E eu deixei.

Quando terminou, ela enrolou a toalha em si mesma e deu um beijo no meu peito.

– Vá para a cama. Você precisa dormir.

Ela se virou e eu segurei sua mão.

– Não me deixe.

As palavras pareciam uma súplica. Não pareciam em nada comigo.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não vou deixar. Só preciso me secar. Vou para a cama em um minuto. – Della me garantiu.

– Eu espero.

Estava com medo dos meus próprios pesadelos agora. Não podia me deitar e enfrentá-los sem ela.

– Tudo bem. Vou me apressar – disse Della. E eu vi a tristeza e a dor nos seus olhos.

Ela se secou e enrolou a toalha nos cabelos, então foi até a cômoda. Quando abriu uma das gavetas para pegar uma calcinha, eu a impedi.

– Não. Não vista nada.

Eu a queria nos meus braços daquele jeito. Queria que o seu calor atingisse a frieza vazia dentro de mim. Ela era o único motivo pelo qual eu ainda estava vivo. Se não fosse por ela, eu também não teria parado até me afogar.

– Tudo bem.

Ela pegou a minha mão e me levou até a cama. Deitei e ela me acompanhou, puxando as cobertas por cima de nós. Se Rush não tivesse voltado, eu não estaria aqui agora. Abracei-a com mais força.

Ela estaria aqui sem mim. Eu não queria pensar na possibilidade de não estar ali para protegê-la e abraçá-la. Em não estar aqui para ficar para sempre com ela.

– Eu voltei por você. – Minha voz saiu rouca.

– Obrigada.

Eu não disse mais nada. Não sabia o que dizer. Em minutos, meus olhos estavam pesados demais para ficar abertos e o calor suave da pele de Della me deu o conforto necessário para cair no sono.

Era fim de tarde quando abri os olhos. Percebi pelo sol que entrava pela janela. A respiração lenta e constante de Della sinalizava que ela ainda dormia. Eu não havia sonhado e não queria sonhar. Toda a cena repassava ininterruptamente na minha cabeça. Jace ia pedir Bethy em casamento. Ele estava pronto para passar o resto da vida com ela. Nós estávamos todos juntos e tudo ficaria bem.

Então Bethy mudou tudo isso. Ela transformou uma noite de fim de verão em um pesadelo. Um pesadelo que jamais nos abandonaria e que me lembraria, de tempos em tempos, da sensação impotente de ver Jace ir e não poder fazer nada para trazê-lo de volta.

Eu vivera nessa praia toda a minha vida. Havíamos visto mais de uma morte na água, mas nunca fora uma morte que houvesse me impactado. Nunca havia sido alguém que eu amava. Nunca havia sido real.

Agora era real.

Della se mexeu nos meus braços e eu a abracei mais forte. Ela era o meu apoio agora. Conseguir tocá-la era o que me mantinha são. Na noite anterior, ela ficara lá sentada naquela praia, recusando-se a soltar a minha mão.

Quando encontraram o corpo dele, Della usou toda a sua força para me abraçar enquanto o cobriam e o levavam. Eu não teria conseguido sem ela. Abraçá-la me lembrava que eu estava vivo. Quando ela se afastava de mim ou me deixava, mesmo que por um instante, eu me via embaixo daquela onda de novo, sendo sugado para longe, sem conseguir lutar.

– Woods? – A voz preocupada de Della me trouxe de volta do meu devaneio. – Estou aqui.

Estendi a mão e toquei seu rosto. Eu ainda não tinha palavras. Não conseguia falar a respeito. Apenas precisava dela perto de mim.

Ela passou o corpo por cima do meu até estar em cima de mim. Montou na minha cintura e deu beijinhos no meu pescoço e nos meus ombros. Era o seu jeito de aliviar a minha dor. Eu podia sentir em cada toque suave dos seus lábios. Seus quadris desceram até eu sentir o seu calor úmido deslizando em mim. O contato foi tudo o que precisei para ficar pronto.

Della levantou os quadris e eu deslizei para dentro dela com facilidade. Quando estava totalmente dentro, ela se inclinou para a frente e repousou a cabeça no meu coração. Ficamos lá por alguns instantes. Unidos de uma maneira que apenas ela conseguiria fazer.

Quando os seus quadris começaram a balançar, ela não procurou pela minha boca nem ficou frenética com o desejo de gozar. Ela apenas me amou. Ela usou o seu corpo para me amar e me abraçar da forma mais íntima possível.

Minha resposta a isso foi um abraço. Nós nos movimentamos juntos em um ritmo perfeito, desinteressado. O objetivo era curar e confortar. Quando o calor de Della começou a me apertar e o seu corpo começou a estremecer, gritamos o nome um do outro.

Depois que eu a enchi com meu gozo, ela não se afastou de mim. Ficou me segurando dentro dela enquanto nos olhávamos nos olhos. Toda dor e devastação da noite anterior estavam ali. Não precisávamos de palavras.

– Ele teria preferido que você voltasse – disse ela, quebrando o silêncio.

– Eu sei.

Ela deu um beijo no meu rosto.

– Ele amava você.

– Eu sei.

Della

A praia estava vazia. Era meio-dia em agosto, mas a praia estava vazia. Quase 48 horas se passaram desde que Jace se afogara. Os turistas já tinham voltado a suas vidas. Foram os locais que ficaram para lamentar. Woods ainda não havia deixado a casa. Eu teria de fazê-lo sair em algum momento, mas não queria forçá-lo.

Pensei que devia ligar para Tripp, mas não sabia o que dizer. Ele provavelmente estava com a família. Eu o veria no dia seguinte no funeral. Sabia disso. Apenas achava que devia ligar e dizer alguma coisa. Ele devia estar sofrendo tanto quanto Woods. Afinal, Jace era seu primo. Era como o seu irmão menor.

E então havia Bethy. Eu não liguei para saber como ela estava. Não sabia ao certo como Woods reagiria a isso. Ele obviamente a culpava pela morte de Jace. Eu temia que ele sempre fosse culpá-la. Não sabia se ela poderia ser perdoada por isso. Não pelo Woods.

Rush passara em casa naquela manhã para ver como Woods estava, mas ele continuava dormindo. Eu disse que avisaria a Woods que ele havia passado. Grant nos visitou também, uma hora mais tarde. Seus olhos vazios me lembraram o olhar de Woods.

Woods dormiu até as onze. Quando se deu conta de que eu não estava na cama com ele, veio atrás de mim. Não disse nada, apenas me puxou para o colo dele. Ficamos ali sentados em silêncio por uma hora.

Contei da visita de Rush e Grant, e o convenci a se vestir e comer alguma coisa. Demos as costas para a vista do golfo e fomos para a cozinha conferir o frango que eu havia colocado no forno.

Woods partiu de volta para o quarto, mas regressou, uns dez minutos depois, de banho recém-tomado e vestindo uma calça jeans e uma camiseta.

– Preciso ir ao trabalho hoje.

– O almoço está quase pronto. Pode comer antes?

– Lógico, mas, depois de comermos, nós dois vamos trabalhar. Quero você comigo.

Não perguntei por quê, apenas concordei com a decisão. Naquele momento, ele parecia estar precisando de mim. Eu seria qualquer coisa que ele precisasse que eu fosse. Era a minha vez de ser forte. Desta vez, eu seria o ombro para ele se apoiar.

– O cheiro está bom – disse ele, dando a volta no balcão para me beijar.

Aquele gesto estava mudando, embora continuasse muito recorrente. Às vezes eram beijos desesperados e famintos que me levavam além, mas, na maioria das vezes, continham palavras que ele não conseguia dizer.

– Preciso ir ao mercado. Fiz o possível com o que tínhamos – expliquei, tirando o frango do forno.

Arrumei os nossos pratos, torrei umas fatias de pão e passei manteiga.

– Refrigerante? – perguntei.

– Temos chá gelado? – perguntou ele.

Tínhamos. Eu havia preparado naquela manhã. Servi um copo enquanto ele levava a comida até a mesa.

– Obrigado – disse ele quando pus a bebida na frente dele.

– De nada.

Woods estendeu o braço e segurou a minha mão.

– Não. Obrigado por ser exatamente o que eu precisava e saber quando eu queria falar e quando não queria. – Foi uma das frases mais longas que ele disse desde que voltamos da praia.

– Eu sempre vou ser o que você precisar que eu seja – respondi simplesmente antes de me sentar.

Comemos em silêncio por alguns minutos.

– Eu preciso ir ver os pais dele... e Tripp. Ele ligou duas vezes para o meu celular. Quero que você vá comigo.

– Está bem – concordei.

Woods olhou para o mar.

– Você sabe quando vai ser o funeral?

– Sim. Rush disse que será amanhã às duas da tarde.

– Bethy vai estar lá?

– Sim. Tenho certeza que vai – respondi.

Sua mandíbula estava contraído, como se estivesse mordendo.

Estendi o braço e segurei a mão dele.

– Woods, ela o amava também. Bethy cometeu um erro com o qual terá de conviver pelo resto da vida, mas ela o amava. Você sabe disso.

– Eu não consigo perdoá-la.

– Eu compreendo isso, mas ele a amava o bastante para morrer por ela. Ela está sofrendo e sabe por que o acidente aconteceu. Não duvide disso. Você pode odiá-la, mas tente lembrar a si mesmo da dor que ela deve estar enfrentando. E que Jace a amava mais do que a si mesmo.

Woods não disse nada. Apenas deixou que eu segurasse a sua mão enquanto olhávamos pela janela.



Toda cidade de Rosemary estava no funeral. Havia mais gente lá do que eu já vira em qualquer evento na cidade. Bethy estava com o rosto pálido e olheiras profundas, ao lado da tia Darla e de um homem que deduzi ser o pai dela. A mãe de Jace estava com os olhos vermelhos e inchados, agarrada ao braço do pai dele. Tripp estava ao lado deles, vestindo um terno escuro. Não dava para ver as suas tatuagens e ele não se parecia em nada com um barman motociclista, mas mais como o universitário de elite que teria sido se não tivesse fugido dos planos que os pais tinham para ele.

Woods segurava a minha mão como se a sua vida dependesse disso. Ele não a soltou desde o instante em que chegamos. Rush também segurava a mão de Blaire com força. Nate não estava com eles hoje.

Grant estava do outro lado de Rush, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente e o rosto franzido, tentando não chorar.

Muitos rapazes e mulheres estavam presentes e cada um deles tinha um impacto na vida dos outros.

Todos tinham histórias.

Todos haviam amado e perdido.

No fundo, todos esperavam crescer e se tornarem adultos juntos. Esperavam se casar e deixar os filhos brincarem juntos.

Planejavam ser a geração seguinte de Rosemary.

Só não tinham planejado perder um deles, um membro daquele grupo unido. Não viam o futuro com um a menos. A morte não os havia tocado antes. Não dessa forma. Não com um deles.

Tudo estava prestes a mudar.

BETHY

Durante toda a minha vida, eu amei o som das ondas. A beleza natural do golfo. Tinha orgulho de viver em um lugar tão especial.

Mas tudo isso havia mudado.

As ondas quebrando eram cruéis. Fazia duas semanas desde que as águas haviam levado Jace de mim. Duas semanas desde que eu enganei a morte e ela levara o homem que eu amava no meu lugar.

– Devia ter sido eu – gritei para a água. Queria que ela soubesse que havia se enganado e levado a vida errada.

– Ele não concorda com você.

Eu não queria ouvir aquela voz. Não agora que Jace não estava mais aqui. Queria que ele fosse embora.

– Ninguém devia ter morrido, Bethy. E Jace garantiu que não fosse você. Não foi a água que levou a pessoa errada. Foi o Jace que tomou essa decisão.

Eu queria cobrir os meus ouvidos e gritar para que ele fosse embora. Eu não o queria ali. Por que ele ainda estava ali? Ele sabia que a culpa era toda minha, mas ainda assim não olhava para mim com ódio no olhar como Woods fazia.

– Vá embora!

– Eu não vou embora de novo.

Não eram as palavras que eu queria ouvir agora. Cinco anos atrás, eu ia adorar ouvir Tripp Newark me dizer que ia ficar em Rosemary, mas não agora. Todo e qualquer sentimento que eu tinha por ele morreu no dia em que eu saí da clínica de aborto à qual a tia Darla havia me levado, com uma dor no peito no lugar onde antes havia um coração.

– Você pode fazer o que quiser. Só fique longe de mim! – disparei, finalmente voltando o meu olhar furioso para ele.

Ele ainda era tão lindo como quando eu tinha 16 anos e era uma burra. Ele dissera coisas bonitas e eu acreditei nele.

– Vou fazer isso por ora. Mas passei cinco anos fugindo, Bethy.

Não era culpa minha que ele estivera fugindo. Ele havia me deixado sem qualquer explicação ou pedido de desculpa. Não retornou as minhas ligações. Nada. Nem mesmo o recado que eu

deixei depois de ter matado o nosso bebê. Eu estava arrasada. Ele não me ligou de volta nem naquela ocasião.

– *Eu o amava!* – gritei, apontando o dedo para Tripp. – *Eu amava Jace! Era real!* Seu maldito! Era real. Não venha me dizer que você vai voltar. Não me diga que cansou de fugir. Eu estou me lixando! Eu o amava.

Meus gritos furiosos se transformaram em soluços, mas eu não me importava. Ele havia pedido por isso. Devia ter ficado longe de mim.

– Eu o amava – afirmei mais uma vez antes de me virar para ir embora.

– Eu o amava também. Ele era como um irmão. Era tudo o que eu não era. Era bom, honesto e forte. Ele merecia você.

Parei e deixei a dor me atravessar. *Ele se foi. Como pode isso?*

– Bethy, eu sinto muito por ter simplesmente deixado você naquele verão. Eu era jovem e burro. Meus pais queriam para mim coisas que eu não queria e eu estava com medo de me transformar no meu pai. Então eu fugi feito louco. Eu queria levar você comigo, mas você só tinha 16 anos. Caramba, você era ainda mais criança do que eu. Como é que um pirralho de elite poderia tomar conta de uma menina de 16 anos?

Aquilo era passado. Nada que ele dissesse compensaria o que fez. Era passado. Eu havia enterrado tudo e seguido em frente.

– Eu estava apaixonado por você, Bethy. Você foi a primeira garota que eu amei. Você foi a única garota que eu amei. Eu nunca quis magoar você. Quando Jace foi inteligente o bastante para se apaixonar por você, eu soube que você ficaria bem. Ele daria tudo o que você merecia.

– Cale a boca! Apenas cale a boca! Ele não sabia! Ele me amava e confiava em mim e não sabia. Eu nunca contei a ele. Eu não era digna dele. Eu nunca fui. Eu era uma mentirosa. Eu sou manchada. Sou suja.

Tripp deu um passo na minha direção.

– Não, não é. Só porque você me confiou o seu amor e a sua virgindade... Bethy, isso não faz de você manchada ou suja. O que nós tivemos não foi errado. Foi real. Eu era jovem demais para lidar com a situação, mas foi real. E nunca me abandonou.

Dar a ele minha virgindade foi uma burrice. Eu era uma boa menina na época. Sexo era igual a amor para mim, mas Tripp mudou tudo isso. Jace me salvou. Jace resgatou e cuidou da garota que Tripp havia destruído.

– Não. Amar você foi uma burrice, não foi errado. Confiar a minha virgindade a você foi um erro, não algo sujo. Mas matar o bebê que nós geramos porque você não se importava o bastante para retornar as minhas ligações... foi isso que me tornou indigna de alguém como Jace.

Dei meia-volta e me afastei. Desta vez, ele não tentou me impedir.

Della

Sentada na sala de Woods, ajudei-o com alguns novos contratos, incluindo os de um distribuidor para uma linha de roupas mais jovem para o clube. O que tínhamos era para um público mais velho. Nem todos os membros do country club Kerrington tinham mais de 50 anos.

Ele não me queria fora do alcance dele por mais do que alguns minutos. Fazia duas semanas desde o funeral e ele ainda estava carente. A situação melhorava a cada dia, mas ele ainda precisava de mim por perto. Também estávamos fazendo mais sexo do que o normal, o que, convenhamos, era um monte de sexo.

Blaire havia me convidado para almoçar à uma hora. Era o horário da soneca de Nate e ela queria que nos encontrássemos na casa dela. Bethy também tinha sido convidada. Ela não estava mais trabalhando ou aparecendo em lugar algum. Blaire e eu estávamos preocupadas com ela. Woods, pelo contrário, não queria nem ouvir o nome dela.

– Blaire me convidou para almoçar na casa dela hoje à uma da tarde. Tudo bem?

Normalmente, eu não pensaria em pedir permissão ao Woods para almoçar, mas com a necessidade dele de eu ficar por perto o tempo todo, quis me certificar. Ele levantou os olhos do contrato e franziu a testa. Pude ver a tristeza nos seus olhos e quase desejei que não tivesse pedido e simplesmente tivesse dito não a Blaire.

– Eu sinto muito, Della.

Eu me levantei.

– Pelo quê?

– Por fazer você achar que precisa me pedir para ir a algum lugar. Nestas duas últimas semanas eu tenho estado carente e sinto muito por ter feito isso com você.

Empurrei a cadeira dele para trás, sentei no seu colo e o segurei pelos ombros.

– Não peça desculpas para mim. Não por isso. Você precisava de mim e eu pude ser o que você precisava que eu fosse. Eu fui a mais forte desta vez. Eu segurei a sua mão. Foi a minha vez de mostrar o quanto eu amo você. Então, não peça desculpas por isso.

Woods sorriu. Ele não sorria desde o acidente. Levantou a mão e acariciou o meu rosto.

– Você está sentada no meu colo de saia. Eu quero que você vá, mas também estou imaginando se a sua calcinha está molhada ou se consigo fazer com que ela fique molhada. Levante-se daí rápido e se afaste antes que eu faça alguma coisa que mude os seus planos.

Dando risada, saltei do colo dele.

– Não que eu não aprecie a ideia, mas a Blaire realmente está me esperando para almoçar.

– Vá almoçar com ela. Vou ficar bem.

Joguei um beijo que ele pegou no ar e levou aos lábios. Então saí pela porta.

– Ouvi risos? – perguntou Vince da mesa dele.

– Ele está melhor.

– Por sua causa – disse ele.

Eu apenas sorri porque sabia que ele tinha razão.

Eu havia ajudado Woods.



Blaire abriu a porta com Nate pendurado na sua cintura. A mãozinha dele estava agarrada aos seus longos cabelos loiros, que ele puxava com muita força.

– Pode entrar – disse ela com a cabeça virada na direção dele. – Deixa eu me soltar e botar este menino na cama e já volto. Tem copos e chá em cima da mesa da cozinha. Ai! Nate, isso machuca a mamãe.

Tentei não rir, mas um risinho escapou.

Ela sorriu e revirou os olhos.

– Ele gosta dos meus cabelos. Vou acabar ficando careca.

– Proteja-se e deixa que eu sirvo o chá para a gente.

Ela sorriu para mim e seguiu para a escada. Era uma escada grandiosa e sofisticada. A casa toda era incrível. Já era do Rush antes de Blaire morar com ele. O pai comprara para ele quando Rush era apenas um garoto. A mãe dele costumava viver ali, mas eles não estavam se falando mais.

Caminhei pela casa e parei para admirar o retrato em tamanho real de Nate acima da lareira na sala de estar. Ele teria os cabelos tão claros como os da mãe, ou pelo menos era o que parecia agora. Quanto mais compridos, mais loiros ficavam.

A cozinha ficava na outra ponta de um corredor comprido com pé direito muito alto. Havia porta-retratos dos três cobrindo as paredes. Não eram fotos profissionais, mas fotos casuais de família brincando na praia ou abrindo presentes no Natal. Havia inclusive uma com Rush em um trenó com Nate no colo. Ele não se parecia em nada com o tipo de cara que anda de trenó.

Quando cheguei à cozinha, servi um copo de chá. A porta da despensa estava aberta e dei uma espiada. Tinha ouvido falar sobre o quarto escondido embaixo da escada ao qual se chega pela despensa. Foi onde Blaire morara por um tempo quando chegou a Rosemary.

Sorrindo, imaginei se eles entravam naquele quarto... para lembrar.

A campainha tocou de novo e os passos de Blaire ecoaram quando ela desceu a escada. Eu

me perguntara se seria Bethy. Como não a vira em nenhum outro lugar, não sabia ao certo se ela iria aparecer, embora Blaire fosse a sua melhor amiga.

As duas entraram na cozinha e os olhos tristes e vazios de Bethy cruzaram com os meus. Larguei o meu copo e fui abraçá-la. Ela parecia estar precisando de um abraço.

– Senti a sua falta – disse a ela.

– Obrigada.

– Sem choro. Nós vamos comer os biscoitos que eu fiz sem pensar em calorias e vamos conversar – anunciou Blaire, colocando uma forma em cima da mesa.

Eu não sabia se aquilo iria funcionar, mas Blaire parecia bastante decidida. Bethy tentava se recompor e sentou-se à minha frente.

– Tudo bem, talvez a gente precise chorar primeiro... – comentou Blaire baixinho ao ver o rosto de Bethy se contorcer. – Fala com a gente. Estamos aqui para escutar.

Bethy levantou os olhos e sacudiu a cabeça.

– Não, eu estou cansada de chorar. Estou cansada de me sentir triste. Eu só quero ser capaz de sorrir de novo.

– Nós não perdemos o homem que amamos, mas nós duas perdemos pessoas que amamos. Eu perdi a minha mãe e a minha irmã. Della perdeu a mãe. Nós sabemos o quanto uma perda é significativa e queremos que você grite, berre, o que quer que precise fazer para botar isso para fora. Depois, você precisa comer biscoitos e pensar em histórias divertidas que a façam rir. Pensar em coisas que Jace fazia para fazer você rir. Lembre-se das coisas boas dele. Elas vão superar a lembrança ruim daquela noite. Eu juro para você que vão.

Woods

Jimmy me ligou mais cedo para dizer que eu precisava tirar Grant do bar. Ele havia bebido demais e agora estava chamando o novo instrutor de golfe de babaca. Nada bom. Ele se arrependeria disso amanhã.

Passei por Jimmy, que estava sacudindo a cabeça com um sorriso divertido no rosto. Grant estava apoiado no bar, tentando convencer o novo barman que era deputado e exigindo mais um drinque.

– Pode deixar comigo – declarei ao novato, que pareceu muito aliviado.

Grant quase caiu em cima de um banco alto.

– Oi, Woods! É você. Pode conseguir mais uma dose para mim, parceiro? – perguntou Grant com a voz enrolada. Ele só chamava os outros de “parceiro” quando bebia.

– De jeito nenhum – respondi. – Vamos lá, você vai para casa. Sua noite acabou.

Grant levantou os braços.

– Mas eu não quero ir para casa! Eu quero ficar aqui. Eu gosto daqui. Se eu voltar para a minha casa... – Ele baixou o tom de voz, embora ainda estivesse falando muito alto. – ... ela vai aparecer.

– Quem é ela? – perguntei, agarrando o braço dele. Desta vez, comecei a empurrá-lo na direção da porta antes que Grant pudesse protestar.

– Ela é *ela* – respondeu ele, sussurrando alto novamente.

– Ela é ela? Sério? Cara, quanto você bebeu?

Quando estávamos do lado de fora, Grant olhou ao redor e se deu conta de que estávamos caminhando.

– Ah, caramba. Você me enganou. Nós saímos.

– Por que você não quer ir para a sua casa? Precisa dormir para esse porre passar.

Grant olhou para os dois lados, como se estivesse procurando por alguém que pudesse estar se escondendo e esperando por ele para contar um segredo extremamente importante.

– Ela é a Nan. Está furiosa. Quando fica furiosa, ela fica possessiva, depois safada, e faz coisas que eu acabo deixando ela fazer. Mas agora eu não quero deixá-la fazer porque eu nem gosto dela. Então eu não posso ir para casa, entendeu?

Nada do que ele dizia fazia sentido, exceto que ele não gostava de Nan. Nem ele nem o resto

do mundo. Eu tinha certeza de que havia uma hashtag #OdeioaNan no Twitter.

– Quer ficar em um dos quartos daqui? – perguntei enquanto ele caía sentado em um banco.

– Posso? Ela não vai me encontrar aqui, vai?

Eu tinha certeza de que não o via tão bêbado desde os tempos de colégio interno. Nan havia realmente mexido com ele.

– Acho que agora você já aprendeu a lição: não mexa com a Nan. Ela é venenosa. Por que você sequer se aproximou dela?

Grant soltou um suspiro alto e se inclinou para a frente.

– Não vomite no pavimento. Isto é um country club, idiota, não um bar.

Ele levantou a cabeça e me fitou com os olhos vidrados.

– Não é a Nan que está me fazendo beber. É ela. Ela é tão... tão... caramba, eu não sei o que ela é. Ela ferrou com a minha cabeça. Ela fodeu comigo... literalmente. Ela não quer me ver. Não quer falar comigo. Nada. E está guardada como uma rainha. Os malditos astros de rock agem como se eu fosse um problema. Eu não sou um problema. Eu só quero vê-la. Preciso explicar.

De que merda ele estava falando?

– Eu estou perdido, cara. Você não está mais fazendo sentido. Vamos lá, vamos arranjar um quarto para você.

– Ela tem umas pernas que não terminam nunca. Muita perna... muita. Elas são macias. Tão macias... – murmurou ele, enquanto o levantava e o levava até a minha caminhonete.

– Nan?

Grant cuspiu.

– Porra, não! Eu disse que isso não tem nada a ver com a Nan. Ela é a vaca do mal que ferrou com tudo. Ela ferra com tudo.

Pus ele dentro da caminhonete e fechei a porta, então fui até o meu lado e baixei as janelas.

– Se precisar vomitar, vomite fora do carro – ordenei antes de dar a partida no motor.

– Ela tem umas pernas...

– É, você me contou.

– Você não está entendendo, são pernas do paraíso.

Alguém mexeu com ele e eu estava grato por não ter sido Nan. Era a única coisa pela qual estava grato no momento. Se pudesse tirá-lo da minha caminhonete sem que ele vomitasse, ficaria grato por isso também.

– Ela era virgem – sussurrou ele.

Espere... o quê?

– Agora eu sei que não estamos falando de Nan.

Grant jogou a cabeça para trás no banco de couro.

– Virgem. E ela não tinha me dito. Agora não quer falar comigo. Eu preciso que ela fale

comigo.

Então Grant pegou uma virgem que uns astros de rock estão mantendo cativa. Isso não faz nenhum... ah, merda.

– Grant, você está falando da Harlow?

– É, de quem você achou que eu estava falando, porra?

Isso podia ser ainda pior do que a Nan. É... definitivamente era pior do que a Nan.

Ele estava na merda. Nan jamais deixaria essa história acontecer. Jamais.

Dois meses depois...

Della

Braden estava grávida.

Eu já tinha desligado o telefone mais de dez minutos atrás, mas ainda não havia saído do balanço na varanda. Continuei me balançando. Precisava processar aquela informação. *Braden... mamãe. Minha Braden. Nossa...*

A porta da casa se abriu.

– Você saiu do telefone? – perguntou ele, aproximando-se do balanço.

– Saí – respondi, indo para o lado para ele se sentar comigo.

– O que a Braden está aprontando? – perguntou Woods, passando o braço por cima do meu ombro e me puxando para perto dele.

– Ela... ela está grávida.

Era difícil até dizer. Eu sempre imaginei Braden como mãe. Ela seria uma ótima mãe, mas ficar sabendo que ela estava prestes a dar um novo passo na vida foi uma surpresa.

– Nossa. Isso é bom, certo? – perguntou Woods.

Sorri e respondi que sim. Acho que, no instante em que estava processando a informação, devo ter parecido chateada.

– Sim, é maravilhoso. Parece que já vinham tentando havia algum tempo. Eu não sabia. Ela não me disse nada. Mas agora está com três meses e eles ouviram as batidas do coração ontem. Ela está se sentindo segura para contar para as pessoas.

Woods empurrou o balanço com os pés. Sentei em cima dos meus e deixei que ele fizesse o trabalho.

– Ela vai ser uma mãe maravilhosa – comentei.

– É verdade. Ela é bem feroz quando ama alguém.

– Sim, é mesmo – concordei com um sorriso.

Woods se abaixou e beijou a ponta do meu nariz.

– Eu amo você.

– Eu amo mais – respondi. Woods sempre dizia isso. Achei que podia roubar a frase dele.

Ele riu.

– Ladra.

Belisquei a pele do abdômen dele e Woods se contorceu.

Ficamos ali sentados por um tempo aproveitando a brisa noturna. O outono chegara e Rosemary estava tranquila de novo. As multidões foram embora e a ausência de Jace ainda nos pesava. Todos a sentíamos. Sempre sentiríamos. Mas ultimamente começamos a conseguir falar sobre ele de novo. Alguém contava alguma história divertida e todos dávamos risada em vez de chorar.

Bethy voltou ao trabalho, mas Woods ainda não estava pronto para falar com ela. Ele sabia que estava errado, chegou a admitir isso para mim uma noite, mas não conseguia perdoá-la. Deixei passar. Sabia que ele apenas precisava de mais tempo.

Tripp também estava de volta à cidade. Ficou fora cerca de uma semana e fechou sua casa na Carolina do Sul. Então se mudou para o apartamento dele aqui. Woods havia lhe dado uma vaga no conselho do clube.

– Della?

– Sim?

– Você acredita em destino?

Pensei no assunto por um minuto. Não sabia ao certo. Nunca havia pensado muito na ideia de destino antes.

– O que exatamente você quer dizer com isso?

– Você acha que as coisas acontecem por um motivo e não importa o que a gente faça ou escolha, tudo acontece de qualquer maneira?

Ele estava pensando na morte de Jace. Ele não queria odiar Bethy, mas o seu coração não deixava.

– Acho que a vida de todo mundo é controlada por uma série de acontecimentos e cabe às pessoas escolherem o que querem. Às vezes, a sorte brilha para eles, às vezes, não. Também acho que acidentes acontecem e somos colocados em situações em que precisamos fazer coisas que não queremos fazer para aqueles que amamos.

Woods não disse nada. Deixei que ele pensasse no assunto. Não pretendia forçá-lo a perdoar Bethy.

Seria algo que ele teria que encontrar dentro dele quando estivesse pronto.

Woods

Pus o celular no bolso e fiquei esperando ao lado da caminhonete até o carro de Della parar no posto de combustível. Havia tomado o cuidado de deixar o tanque quase vazio quando saí de casa uma hora antes. Ela ia precisar abastecer antes de me encontrar no restaurante mexicano aonde havíamos ido antes da nossa noite de sexo casual. Eu a convencera mais cedo de que ela queria quesadillas para o jantar. Falar em queijo derretido foi o que bastou para ela concordar em percorrer a pequena distância para fora da cidade.

O carro virou a esquina e, exatamente como eu havia planejado, entrou no posto. Ela já havia visto a minha caminhonete estacionada do outro lado da bomba quando parou.

A porta do carro se abriu e ela estava sorrindo para mim como se eu fosse louco.

– O que você está fazendo aqui? Achei que ia me esperar no restaurante.

Dei a volta na bomba e me apoiei no carro.

– Acho que já estivemos aqui antes, não? – perguntei, vendo ela se dar conta do que eu estava falando.

O sorriso dela aumentou e os seus olhos brilharam.

– Sim, acho que sim. Mas, boa notícia: desta vez, eu sei botar gasolina.

Eu a vira pela primeira vez exatamente ali. Ela estava usando um short minúsculo, sexy para caramba, e não fazia ideia de como se abastecia um carro. Eu precisava de uma distração da minha vida e lá estava ela.

– Poxa, eu achei que poderia abastecer para você.

Ela fechou os lábios em um sorriso e encolheu os ombros.

– Se você quer mesmo fazer isso, tudo bem.

– Você precisa abrir esta portinha primeiro – falei, dando um tapinha no carro.

– Ah! Eu vi você e me esqueci de fazer isso.

Observei enquanto ela se virava e se abaixava dentro do carro para apertar o botão. Enfiei a mão no bolso e peguei a caixinha que mantivera escondida na gaveta das meias por uma semana. Della ia comentar alguma coisa, mas parou quando me apoiei em um joelho.

– Um ano atrás eu estava perdido. A minha vida era uma bagunça completa. Eu parei o carro bem aqui e encontrei uma morena maravilhosa que não sabia abastecer o próprio carro. De alguma forma, eu a convenci a jantar comigo. Ela me fez dar risada e me deixou com um tesão

maluco. No final da noite, quando precisei deixá-la dormindo naquela cama de hotel, foi difícil. Eu não queria deixá-la, mas a minha vida estava ferrada e ela precisava viajar o mundo em busca de si mesma.

Parei quando Della secou uma lágrima que corria pelo seu rosto. Seus grandes olhos azuis estavam repletos de lágrimas.

– Então ela entrou na minha vida e me salvou do inferno. Ela mudou o meu mundo. Ela me ensinou a amar e se tornou a dona da minha alma.

Della levou a mão até a boca e soluçou.

– Della Sloane, quer se casar comigo?

Ela já tinha concordado com a cabeça antes de eu dizer as palavras. Eu me levantei e pus o anel de diamante, que passei semanas para encontrar, no dedo dela. Quando o vi, soube que era aquele. Era digno o suficiente para enfeitar a mão de Della.

– Sim! – disse afinal antes de atirar os braços ao redor do meu pescoço. – Sim, sim, sim!

Segurei-a contra mim e me dei conta de que, se não havia destino, alguém devia estar lá em cima dando as cartas.

– Podemos pular o mexicano e ir direto para aquele quarto de hotel? – perguntei a ela.

Ela entortou a cabeça e me lançou um sorriso safado.

– E a sua caminhonete? Eu não quero pular essa parte.

Eu também não queria.

Agradecimentos

Quando decidi escrever sobre Woods, ainda não havia elaborado Della. Assim que comecei a contar sua história, no entanto... Nossa, fiquei apaixonada.

Mas é preciso mais do que um MacBook para escrever uma história. Por isso, preciso começar agradecendo à minha brilhante agente, Jane Dystel. Contratá-la foi uma das coisas mais inteligentes que eu fiz na vida. Obrigada, Jane, por me ajudar a navegar pelas águas do mundo editorial. Você é realmente incrível.

Quando assinei o contrato para publicar este livro, tive a sorte de ganhar Jhanteigh Kupihea como editora. Ela está sempre de bom humor e trabalha muito para aperfeiçoar o meu trabalho. Obrigada, Jhanteigh, estou muito feliz por essa parceria.

Agradeço também a Judith Curr, por dar uma chance aos meus livros, e a Ariele Fredman e Valerie Vennix, por terem sempre as melhores ideias de marketing e serem tão brilhantes.

Aos amigos que me escutam, apoiam e compreendem como ninguém: Colleen Hoover, Jamie McGuire e Tammara Webber. Obrigada por tudo.

Quando terminei *Simples perfeição*, fiquei preocupada com a reação dos leitores às surpresas da história. Queria saber como se sentiriam. Estas duas moças estavam sempre dispostas a largar o que estivessem fazendo para ler os meus manuscritos e me dar opiniões sinceras. Portanto, obrigada, Autumn Hull e Natasha Tomic, por serem minhas ávidas leitoras e nunca me pouparem de nada.

Por último, mas certamente não menos importante: à minha família. Sem o apoio dela, eu não teria a minha carreira. Meu marido, Keith, sempre cuidando para que o meu estoque de café nunca se esgote e para que as crianças estejam bem-cuidadas quando eu preciso me trancar para cumprir um prazo.

Aos meus três filhos, muito compreensivos, embora esperem (e consigam) atenção total depois que eu saio da minha caverna de trabalho.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram, mesmo quando eu decidi escrever romances mais picantes.

Aos meus amigos, que não me odeiam por ficar ausente durante semanas. Eles são o meu principal grupo de apoio e eu os amo imensamente.

Aos meus leitores. Jamais esperei que fossem tantos. Obrigada por apreciarem o meu trabalho e contarem aos outros sobre ele. Sem vocês, eu não estaria aqui. Simples assim.

Sobre a autora

Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog.

CONHEÇA O PRIMEIRO CAPÍTULO DO PRÓXIMO LIVRO DE ABBI GLINES

A primeira chance

Prólogo

GRANT

Por que eu estava aqui? Qual era o maldito propósito? Eu estava tão mal assim? No passado, conseguia me livrar de Nan e ir embora. Nannette era meu sexo casual havia anos, mas ela começou a ficar carente. E gostei disso. De certa forma, ela conseguiu me afetar. Eu desejava ser desejado. Sim, era patético nesse nível. Meu pai raramente me ligava e, há alguns anos, minha mãe tinha decidido que preferia modelos franceses a mim.

Eu estava ferrado.

Era hora de desencanar. Nan precisou de mim por um tempo, quando sentiu que estava perdendo Rush, seu irmão e porto seguro, para uma vida nova com esposa e filho. Rush até se reconciliaria com ela. Bastava ela aceitar a mulher dele, Blaire. Mas Nan era uma megera. Aquela teimosa não queria dar o braço a torcer.

Foi para mim que ela correu e, como um tolo, eu a recebi de braços abertos. Agora, tudo o que me restava era drama, exageros e um coração levemente danificado. Ela não o havia reivindicado. Não completamente. Mas tinha tocado um lugar em que mais ninguém havia chegado. Ela precisou de mim. Ninguém nunca precisou de mim antes. Isso me enfraqueceu.

Para provar meu argumento, ali estava eu, na casa do pai de Nan, procurando por ela, esperando por ela. Nan estava se descontrolando mais uma vez e Rush não viria resgatá-la. Ele havia aposentado a capa de Super-Homem e decidido que os dias de correr atrás de Nan tinham acabado. Mas eu desejei aquilo. Por mais repugnante que fosse, desejei ser o herói dela.

Eu era um merda.

– Beba, garoto. Sei que precisa – disse Kiro, pai de Nan, empurrando uma garrafa de tequila pela metade em minhas mãos.

Kiro era o vocalista da maior banda de rock do mundo. A Slacker Demon existia há mais de vinte anos e suas músicas ainda disparavam para o primeiro lugar sempre que eles lançavam um novo disco.

Tentei argumentar, mas mudei de ideia. Ele tinha razão. Eu precisava de uma bebida. Nem

pensei onde a boca do cara havia estado quando encostei a borda da garrafa nos lábios e virei.

– Você é um garoto esperto, Grant. Só não consigo entender por que está aguentado as merdas da Nan – comentou Kiro, jogando-se no sofá de couro branco à minha frente.

Ele vestia uma calça jeans preta e justa e uma camisa prateada, desabotoada e aberta. O peito e os braços de Kiro eram cobertos de tatuagens. As mulheres ainda eram loucas por ele. Não pela aparência. Ele era magro demais. Uma dieta baseada em álcool e drogas fazia isso com as pessoas. Mas ele era Kiro. Era só o que importava para elas.

– Você vai me ignorar? Porra, ela é minha filha e nem eu consigo suportá-la. É uma megera maldita, como a mãe – disse ele, arrastando as palavras antes de tragar um baseado.

– Já chega, pai! – Da porta, veio a voz musical que surgia ultimamente em minhas fantasias.

– Aí está a minha filhinha. Ela saiu do quarto para fazer uma visita – disse Kiro, sorrindo para a filha que ele realmente amava, aquela que não tinha abandonado.

Harlow Manning era de tirar o fôlego. Ela não parecia filha de um astro do rock. Parecia uma menina inocente e doce do interior, com cabelos compridos e escuros e olhos que faziam você se esquecer de seu próprio nome.

– Eu queria saber se você pretende jantar em casa hoje ou se vai sair – disse ela.

Eu a vi entrar na sala e me ignorar propositalmente. Aquilo só me fez sorrir. Ela não gostava de mim. Eu a conheci na festa de noivado de Rush e Blaire e, depois, falei com ela na festa de casamento. Nenhuma das vezes terminou bem.

– Estava pensando em sair. Preciso de um pouco de agito. Fiquei tempo demais dentro dessa casa.

– Ah. Tudo bem – respondeu ela com aquela voz que, eu juro, era inebriante.

Kiro franziu a testa.

– Está se sentindo solitária? Você só fica trancada naquele quarto com seus livros.

Não conseguia tirar os olhos de Harlow. Ela raramente aparecia quando eu estava aqui. Nan não era muito legal com ela e eu sabia por quê. Ela morria de inveja de Harlow. Mesmo não sendo culpa da irmã, o fato era que Kiro amava Harlow e não dava a mínima para Nan. Harlow iluminava um cômodo ao entrar nele. Havia nela uma tranquilidade difícil de explicar. Dava vontade de se aproximar dela para ver se era possível absorver essa sensação. Harlow tornava fácil que alguém como Kiro a amasse. O completo oposto de Nan.

– Não, está tudo bem. Eu só ia esperar para comer com você, se pretendesse ficar por aqui. Se for sair, vou comer um sanduíche no meu quarto.

Kiro começou a sacudir a cabeça.

– Não gosto disso. Você passa muito tempo lá dentro. Quero que pare de ler por hoje. Grant está aqui e precisa de um pouco de companhia. Ele é um cara legal. Converse com ele. Vocês podem jantar juntos enquanto Grant espera Nan voltar.

Harlow ficou tensa e finalmente olhou na minha direção, mas apenas por um instante.

– Acho que não.

– Vamos, não seja arrogante. Grant é um amigo da família. Ele é irmão do Rush. Jante com ele.

Harlow endireitou ainda mais as costas. Voltou a não fazer contato visual comigo.

– Grant não é irmão do Rush. Se fosse, o fato de ele estar dormindo com a Nan seria ainda mais repulsivo.

Kiro riu como se Harlow fosse a pessoa mais engraçada do mundo e ele tivesse orgulho de sua coragem.

– Minha gatinha tem garras e você parece ser o único capaz de fazer elas aparecerem. Dormir com a irmã malvada o colocou na lista negra dela. Isso é muito engraçado.

Ele parecia estar se divertindo demais e deu outra longa tragada no baseado.

Eu, entretanto, não estava achando graça. Não gostava do fato de Harlow me odiar. Mas não sabia ao certo como resolver isso. Eu não podia virar as costas para Nan. Ela não conseguiria lidar com mais um abandono, embora a vadia merecesse. Não me permitiria pensar na *boy band* com quem ela estava dormindo atualmente. Acho que eu estava enganado a respeito daqueles caras. Tinha certeza de que dormiam uns com os outros. Em vez disso, todos estavam dormindo com Nan.

– Tenha uma boa noite, pai – disse Harlow e saiu da sala antes que o pai mandasse ela ficar comigo.

Kiro deitou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– É uma pena ela odiar você. Harlow é especial. Só conheci uma garota assim e foi a mãe dela. Aquela mulher roubou meu coração. Eu a adorava. Idolatrava a porra do chão onde ela pisava. Eu teria deixado toda essa merda de lado por ela. Já tinha planejado tudo. Só queria acordar todos os dias ao lado dela. Queria vê-la com nossa filhinha e saber que as duas eram minhas. Mas o desejo de Deus foi mais forte. Porra, ele a levou para longe de mim. Eu nunca vou superar isso. Nunca.

Não era a primeira vez que eu o ouvia falar sobre a mãe de Harlow. Ele fazia isso sempre que estava chapado. Ela era a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Eu não conhecia esse tipo de amor. Nem sabia muito bem se queria conhecer, mas era uma coisa que me deixava muito assustado. Kiro nunca tinha se recuperado. Eu conheci o cara quando era moleque e meu pai se casou com a mãe do Rush. Rush implorou ao pai dele, Dean Finlay, baterista da Slacker Demon, para me levarem junto em uma de suas visitas de fim de semana.

Eu fiquei impressionado. Foi o primeiro de muitos fins de semana. E Kiro sempre falava dela e xingava Deus por tê-la levado. Isso me fascinava, mesmo quando criança. Eu nunca tinha testemunhado esse tipo de devoção.

Depois do curto casamento do meu pai com Georgianna, continuei próximo de Rush. O pai dele ainda ia me buscar às vezes. Cresci conhecendo pessoalmente a maior banda de rock do

mundo.

– Nan odeia ela. Quem pode odiar a Harlow? Ela é doce demais para ser odiada. A menina não fez nada para a Nan, mas ainda assim ela é má como uma maldita cobra. A pobre Harlow fica longe dela. Odeio ver minha filhinha tão indefesa. Ela precisa ficar mais forte. Precisa de um amigo. – Kiro colocou o baseado em um cinzeiro e virou a cabeça para olhar para mim. – Seja amigo dela, garoto. Ela precisa de um.

Eu queria ser muito mais do que amigo de Harlow Manning, mas ela nem olhava para mim. Já havia tentado mais de uma vez ser alvo de um daqueles sorrisos que abalam a Terra, mas ela só me desdenhava. Eu ficava louco.

– Não sei se posso ser amigo dela e da Nan ao mesmo tempo.

Kiro franziu a testa, depois se sentou, inclinando-se para a frente.

– Existem três tipos de mulher neste mundo. Aquelas que deixam você sem nada, as que só querem se divertir e aquelas que fazem a vida valer a pena. Busque esse último tipo... A mulher certa é aquela que dá na mesma medida que recebe, e você não se cansa. É do tipo que... se você a perder, você se perde.

Seus olhos vermelhos me diziam que ele não havia fumado apenas um baseado hoje. Mas, mesmo chapado, as coisas que dizia faziam sentido. Se alguém conhecia as mulheres, esse alguém era Kiro Manning.

– Eu tive esses três tipos de mulher. Queria muito ter ficado longe do primeiro tipo. O segundo é o que mais passa pelas minhas mãos. Mas o terceiro... eu nunca mais vou conseguir. E não me arrependo de nenhum minuto que passei com a mãe de Harlow.

Ele passou a mão nos cabelos desganhados.

– Nannette é do primeiro tipo. Tenha cuidado com as mulheres do primeiro tipo. Elas fodem você e depois riem na sua cara.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Paixão sem limites

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



Tentação sem limites

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

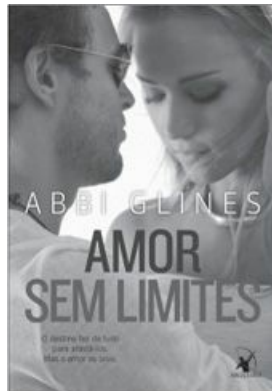
O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Segundo volume da trilogia Sem Limites, *Tentação sem limites* é tão viciante e tentador quanto uma paixão proibida.



Amor sem limites

Blaire Wynn conheceu Rush Finlay num momento muito difícil da vida dela, logo depois de perder a mãe e a casa em que morava. Filho de um astro do rock, Rush vivia num mundo de luxo, sexo sem compromisso e total despreocupação com o futuro. Exatamente o oposto de tudo o que Blaire conhecia.

Mesmo com tantas diferenças, a paixão entre os dois foi arrebatadora. Porém Rush guardava um segredo de sua família que levou ao fim do namoro – e a um período de tristeza absoluta para o casal. Mas eles já não sabiam viver um sem o outro e cederam de novo àquele sentimento irresistível.

Agora Blaire está grávida, eles estão felizes e planejam se casar. Mas nem tudo está garantido. O pai de Rush chega trazendo más notícias e novamente os antigos problemas de família podem fazer com que os dois se afastem.

Último volume da trilogia Sem Limites, *Amor sem limites* é um livro sexy que vai fazer você acreditar que para cada problema há uma solução – e, quando se trata de relacionamento, a cama é sempre um bom local para resolver conflitos.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Simple perfeição](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça o primeiro capítulo do próximo livro de Abbi Glines](#)

[A primeira chance](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)